PERCURSO PELA MEMÓRIA DE VILA DO BISPO

Desenho de ligação entre Paisagem, Património Construído, Arqueologia Terrestre e Subaquática

Volume 01

Raquel Rodrigues Cravinho

Projeto Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura, especialização em Interiores e Reabilitação do Edificado

Orientação Científica:

Professor Doutor Dulce Loução

Prof. Doutor Jorge Croce Rivera

Arqueólogo Ricardo Soares

Júri:

Presidente: Professor Doutor José António Cabido

Vogal: Professor Doutor Francisco Agostinho

Orientadora: Professor Doutor Maria Dulce Loução

Orientador: Prof. Doutor Jorge Croce Rivera

Documento Definitivo

Lisboa, FAUL, Julho 2018

AGRADECIMENTOS

Um especial e carinhoso obrigada a minha mãe, que sempre me incentivou a não desistir, mesmo quando tudo parecia impossível, a ela devo todo este percurso.

Agradeço aos professores que me acompanharam nesta viagem, em especial aos meus orientadores, a professora Dulce Loução, ao professor Jorge Croce Rivera e ao arqueólogo Ricardo Soares, que se demonstraram incansáveis e que acreditaram e apoiaram incondicionalmente o tema. Ao professor António Borges Abel pelo incentivo ao longo do meu percurso académico. À todos os restantes professores que fizerem parte deste trajeto, muito obrigado. À Câmara Municipal de Vila do Bispo, em especial à vereadora Rute Silva.

À minha irmã, a minha avó e ao meu pai, pela paciência e pelo incentivo, especialmente durante o curso. A Sofia Fonseca pelo apoio constante, mesmo fora de horas. A Ana Sofia, a Rebeca e ao Igor pelo incentivo incondicional e a ajuda ao logo de todo o meu percurso académico e não só, foram incansáveis, obrigado. Ao Carlos pelas opiniões construtivas e apoio ao longo dos últimos anos de Faculdade. A Carolina Dias e a Cristina Silva, que embora a quilómetros de distância

fazem-se sentir sempre presentes, vou levar-vos sempre comigo para onde for. A Alexandra Palma, um dos meus grandes apoios fora da FAUL.

À Universidade de Évora, mais concretamente ao Colégio dos Leões, pelo inicio deste trajeto, e a todos os meus colegas que fizeram parte dele, terão sempre um espacinho especial no meu coração.

A vocês avôs, que olham por mim e que me guiam.

TÍTULO | Percurso pela memória de Vila do Bispo

SUBTÍTULO | Desenho de ligação entre Paisagem, Património Construído, Arqueologia Terrestre e Subaquática

VOLUME: 01

ALUNA | Raquel Rodrigues Cravinho

ORIENTADOR | Dulce Loução

Jorge Croce Rivera

Ricardo Soares

Mestrado Integrado em Arquitetura, especialização em Interiores e Reabilitação do Edificado

Faculdade de Arquitetura | Universidade de Lisboa

Julho de 2018

RESUMO

Convocando um território fortemente gravado pela História, a região algarvia em torno de Vila do Bispo, entre Lagos e Sagres, esta dissertação visa encontrar estratégias que unam e consolidem as memórias e as projetem no futuro.

Para tanto, a dissertação procura apontar e mapear os pontos de interesse cultural, arqueológico, histórico e etnográfico conhecidos, seja no território propriamente dito, seja no mar, através da identificação e localização dos naufrágios ocorridos ao longo da costa.

Desta forma, e recorrendo aos instrumentos da Arquitetura, propõe-se a compreensão deste amplo espaço de terra e mar através da *definição de um percurso*, de que partem outros percursos e trilhos, que possibilite o reconhecimento da memória desta paisagem. Esta definição conduz a uma proposta de intervenção num lugar específico, o estuário da Boca do Rio, que apesar das suas dimensões, nos surgiu como o local onde toda a História deste território converge de várias formas.

(150 palavras)

PALAVRAS-CHAVE

Território | Identidade | Memória | Fortalezas | Arqueologia

TITLE | Memory tour of Vila do Bispo

SUBTITLE | Link design between the Landscape, Cultural Heritage, Inland and underwater archeology

PART: 01

STUDENT | Raquel Rodrigues Cravinho

ADVISOR | Dulce Loução

Jorge Croce Rivera

Ricardo Soares

Master in Architecture, specialization in Interiors and Building Rehabilitation

Faculdade de Arquitetura | Universidade de Lisboa

July 2018

ABSTRACT

Summoning a territory strongly engraved by History, the Algarve region around Vila do Bispo, between Lagos and Sagres, this dissertation aims to find strategies that unite and consolidate memories and design them in the future.

In order to do so, the dissertation seeks to map and map the points of cultural, archaeological, historical and ethnographic interest known, either in the territory itself or in the sea, through the identification and location of the wrecks along the coast.

In this way, and using the instruments of Architecture, it is proposed to understand this wide space of land and sea through the definition of a route, from which other routes and tracks depart, which allows the recognition of the memory of this landscape. This definition leads to a proposal to intervene in a specific place, the estuary of Boca do Rio, which despite its size, has emerged as the place where all the history of this territory converges various forms.

(158 words)

KYE-WORDS

Territory | Identity | Memory | Fortress | Archeology

ÍNDICE DE CONTEÚDO

AGRADECIMENTOS ..... I.

RESUMO ..... V.

ABSTACT ..... VII.

ÍNDICE GERAL ..... IX.

ÍNDICE DE IMAGENS ..... XII.

INTRODUÇÃO ..... 02.

I | INQUIETAÇÃO ..... 09.

1 | MEMÓRIA COMO PAISAGEM ..... 13.

1.1| NOÇÃO DE PAISAGEM ..... 17.

1.2| PERCORRER UM TERRITÓRIO ..... 23.

2| PATRIMÓNIO ..... 27.

2.1| CONSERVAÇÃO, RESTAURO E REABILITAÇÃO ..... 30.

II | UM PEQUENO TERRITÓRIO, UMA GRANDE HISTÓRIA ..... 33.

3 | IDENTIDADE GEOLÓGICA ..... 35.

3.1 | FAUNA E FLORA ..... 37.

3.2| NÚCLEOS URBANOS ..... 40.

4 | IDENTIDADE HISTÓRICA ..... 43.

4.1 | DE SILVES, POR LAGOS, A SAGRES ..... 45.

4.1.1 | A INFLUÊNCIA DE LAGOS ..... 46.

4.1.2 | CABO DE SÃO VICENTE ..... 49.

4.1.2.1 | A INFLUÊNCIA DO CABO ..... 51.

4.1.2.2 | A LENDE DE SÃO VICENTE ..... 55.

4.1.3 | SAGRES ..... 56.

4.1.3.1 | A MÍTICA ESCOLA DE SAGRES ..... 59.

4.2| UM MAR INSEGURO ..... 63.

4.2.1 | NAUFRÁGIOS ..... 67.

4.3| OS DESCOBRIMENTOS ..... 71.

4.3.1 | ROTAS MARÍTIMAS ..... 73.

III | PERCURSOS ..... 80.

5| PERCURSOS E ROTEIROS EXISTENTES 80

6| PERCURSOS E ITNERÁRIOS DESATIVADOS/ EXTINTOS ..... 87.

7| DESENHO DE UMA MEMÓRIA ..... 93.

7.1 | AO LONGO DO TERRITÓRIO VILABISPENSE ..... 94.

7.2 | O ESTUÁRIO COMO PONTO CENTRAL ..... 95.

IV | PONTO DE PARTIDA ..... 100.

8 | PONTO DE PARTIDA ..... 102.

8.1 | ESTUÁRIO DA BOCA DO RIO ..... 102.

8.1.1 | GEOGRAFIA, GEOLOGIA, FAUNA E FLORA ..... 104.

8.2 | ARQUITECTURA E ARQUEOLOGIA ..... 109.

8.3 | OS SEGREDOS MARITÍMOS ..... 131.

V | PROJECTO ..... 133.

9 | PROGRAMA ..... 136.

9.1 | (RE)PENSAR O ITINERÁRIO DO *L'OCÉAN* ..... 139.

9.2 | CENTRO INTERPRETATIVO DA BOCA DO RIO ..... 143.

9.3 | ABRIGO ..... 147.

9.4 | INTERPRETAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DO FORTE DE S. LUÍS DE ALMADENA ..... 151.

10| MATERIALIDADE ..... 155.

VI | CONSIDERAÇÕES FINAIS ..... 157.

VII | BIBLIOGRAFIA ..... 161.

VIII | ANEXOS ..... 173.

ANEXO 01 | LEVANTAMENTO DE DESENHOS RIGOROSOS DAS PRÉ-EXISTÊNCIAS

1. | PLANTA DE ACESSO INTERDITO AO FORTE DE SÃO LUÍS DE ALMADENA
2. | LEVANTAMENTO DAS FORTIFICAÇÕES NO LITORAL CONTINENTAL PORTUGUÊS
3. | LEVANTAMENTO DAS PLANTAS EXISTENTES DO FORTE DE SÃO LUÍS DE ALMADENA
4. | LEVANTAMENTO DAS PLANTAS EXISTENTES DA *VILLA* ROMANA DA BOCA DO RIO

ANEXO 02 – ELEMENTOS DE APRESENTAÇÃO

A. | PAINÉIS DE APRESENTAÇÃO

B. | VÍDEO SOBRE O LOCAL DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

C. | FOTOGRAFIAS DA MAQUETE FINAL

VOLUME 02| PERCURSO PELA MEMÓRIA DE VILA DO BISPO – LEVANTAMENTO DE UM TERRITÓRIO POR (RE)DESCOBRIR

ÍNDICE DE FIGURAS

INTRODUÇÃO

FIGURA 1 – Brazão do Reino do Algarve ..... 1.

I | INQUIETAÇÃO

FIGURA 2 – Fotografia caminhos percorríeis no litoral ..... 10.
FIGURA 3 – Fotografia caminhos percorríeis no interior ..... 10.
FIGURA 4 – Fotografia caminhos de pé posto – Lagos ..... 12.
FIGURA 5 – Pintura "*Impressão, Amanhecer*", 1872 ..... 16.
FIGURA 6 – Pintura "*Bords De La Seine À Argenteuil*", 1875 ..... 16.
FIGURA 7 – Fotografia paisagens vilabispenses ..... 18.
FIGURA 8 – Fotografia de caminhantes no trilho da Boca do Rio ..... 22.
FIGURA 9 – Fotografia dos fornos cerâmicos romanos do Martinhal – Sagres ..... 26.

II | UM PEQUENO TERRITÓRIO, UMA GRANDE HISTÓRIA

FIGURA 10 – Fotografia Costa Vicentina – 2017 ..... 34.
FIGURA 11 – Mapa dos núcleos urbanos do Concelho de Vila do Bispo ..... 38.
FIGURA 12 – Fotografia Burgau, década 50/60 ..... 42.
FIGURA 13 – Fotografia Burgau, década 50/60 ..... 42.
FIGURA 14 – Fotografia Burgau, década 50/60 ..... 42.
FIGURA 15 – Fotografia Salema, década 50/60 ..... 42.
FIGURA 16 – Mapa do Reino do Algarve, 1837 ..... 44.

FIGURA 17 – Fotografia do Cabo de São Vicente .....48.

FIGURA 18 – Fotografia do Farol do Cabo de São Vicente .....50.

FIGURA 19 – Iluminura do corpo de São Vicente acompanhado pelos corvos - 1502.....54.

FIGURA 20 – Alegoria à escola naval de Sagres .....58.

FIGURA 21 – Mapa com as localização dos Fortes e Fortificações do Reino do Algarve – Litoral sul .....62.

FIGURA 22 – Pintura de Peter Monamy *"Combate Naval"*, 1685 .....66.

FIGURA 23 – Pintura alusiva às conquistas Portuguesas – autor desconhec...70.

FIGURA 24 – Mapa das rotas de viagens dos descobrimentos e do comercio .....74.

III | PERCURSOS

FIGURA 25 – Mapa com os percursos e pontos de interesse no território vilabispense .....78.

FIGURA 26 – Fotografia do *itinerário do Océan* inaugurado em 1993.....90.

FIGURA 27 – Fotografia do *itinerário do Océan* inaugurado em 1993 .....90.

FIGURA 28 – Relação do território com os percursos existentes e o proposto .....92.

FIGURA 29 – Traçado do percurso proposto "O Estuário como Ponto Central" – mapa A.....97.

FIGURA 30 – Traçado do percurso proposto "O Estuário como Ponto Central" – mapa B.....97.

FIGURA 31 – Traçado do percurso proposto "O Estuário como Ponto Central" – mapa geral .....99.

IV | PONTO DE PARTIDA

FIGURA 32 – Mapa da área de intervenção.....101.

FIGURA 33 – Fotografia da Boca do Rio – Balneário exposto durante uma escavação arqueológica ..... 108.

FIGURA 34 – Planta arqueológica esquemática de estácio da veiga (1878). Representa as estruturas escavadas por ele na boca do rio, a linha de costa na época e os compartimentos escavados ..... 110.

FIGURA 35 – Fotografia das ruínas da *Villa* Romana da Praia da Boca do Rio 112.

FIGURA 36 – Fotografia das ruínas da *Villa* Romana da Praia da Boca do Rio 112.

FIGURA 37 – Fotografia das ruínas da *Villa* Romana da Praia da Boca do Rio 112.

FIGURA 38 – Fotografia das ruínas da *Villa* Romana da Praia da Boca do Rio 112.

FIGURA 39 – Fotografia do mosaico retirado da divisão K das ruínas da *Villa* Romana ..... 112.

FIGURA 40 – Fotografia das ruínas do Armazém Pombalino da Praia da Boca do Rio..... 116.

FIGURA 41 – Fotografia das ruínas do Armazém Pombalino da Praia da Boca do Rio..... 116.

FIGURA 42 – Fotografia das ruínas do Armazém Pombalino da Praia da Boca do Rio..... 116.

FIGURA 43 – Fotografia das ruínas do Armazém Pombalino da Praia da Boca do Rio..... 116.

FIGURA 44 – Fotografia das ruínas da possível Capela de Santa Elisabete e casario na Praia da Boca do Rio..... 120.

FIGURA 45 – Fotografia das ruínas da possível Capela de Santa Elisabete e casario na Praia da Boca do Rio..... 120.

FIGURA 46 – Fotografia das ruínas da possível Capela de Santa Elisabete e casario na Praia da Boca do Rio..... 120.

FIGURA 47 – Desenho Aguarelado do Forte de São Luís de Almadena ..... 124.

FIGURA 48 – Fotografia das ruínas do Forte de São Luís de Almadena..... 126.

FIGURA 49 – Fotografia das ruínas do Forte de São Luís de Almadena..... 126.

FIGURA 50 – Fotografia das ruínas do Forte de São Luís de Almadena..... 126.

FIGURA 51 – Fotografia das ruínas do Forte de São Luís de Almadena..... 126.

FIGURA 52 – Fotografia das ruínas do Forte de São Luís de Almadena.....126.

FIGURA 53 – Fotografia das ruínas do Forte de São Luís de Almadena.....126.

FIGURA 54 – Ilustração do navio *Ócean* .....130.

V | PROJECTO

FIGURA 55 – Área de intervenção .....134.

FIGURA 56 – Planta Geral dos Destroços do L'Océan .....138.

FIGURA 57 – Esquiço da proposta de identificação do percurso .....138.

FIGURA 58 – Axonometria do perfil de identificação das peças.....138.

FIGURA 59 – Planta com a relação do existente e da volumetria proposta ....142.

FIGURA 60 – Relação do alçado existente com o alçado da volumetria proposta.....142.

FIGURA 61 – Planta proposta para o Centro Interpretativo.....144.

FIGURA 62 – Planta de vermelhos e amarelos – Abrigo B .....146.

FIGURA 63 – Planta de vermelhos e amarelos – Abrigo A.....146.

FIGURA 64 – Corte – relação de cotas.....146.

FIGURA 65 – Programa Abrigo B – esquema 01 .....148.

FIGURA 66 – Programa Abrigo B – esquema 02.....148.

FIGURA 67 – Programa Abrigo A .....148.

FIGURA 68 – Corte – relação do forte com a arriba.....150.

FIGURA 69 – Planta – vermelhos e amarelos.....152.

FIGURA 70 – Planta – Forte com a envolvente.....152.

FIGURA 71 – Pedra Moca Creme – acabamento riscado .....154.

FIGURA 72 – Pedra Moca Creme – acabamento areado .....154.

FIGURA 73 – Tipologia do ripado em madeira .....154.

FIGURA 74 – Exemplo de utilização do policarbonato compacto – cobertura do Museu Municipal de Moura .....154.

VIII | ANEXOS

FIGURA 75 – Planta de acesso interdito .....177.

FIGURA 76 – Planta esquemática do Forte de São Luís de Almadena .....183.
FIGURA 77 – Planta esquemática do Forte de São Luís de Almadena .....185.

FIGURA 78 – Planta esquemática do Forte de São Luís de Almadena .....187.

FIGURA 79 – Planta esquemática do Forte de São Luís de Almadena .....189.
FIGURA 80 – Planta esquemática do Forte de São Luís de Almadena .....191.

FIGURA 81 – Planta esquemática do Forte de São Luís de Almadena .....193.

FIGURA 82 – Planta das estruturas romanas levantadas por Estácio Veiga, 1878 .....195.

FIGURA 83 – Levantamento topográfico, anos 80 do século XX.....197.

FIGURA 84 – Levantamento das estruturas encontradas nos anos 80 do século XX .....199.

FIGURA 85 – Maquete territorial com o percurso proposto .....217.

FIGURA 86 – Maquete territorial com o percurso proposto .....217.

FIGURA 87 – Maquete territorial com o percurso proposto .....219.

FIGURA 88– Maquete territorial com o percurso proposto .....219.

FIGURA 1| BRAZÃO DO REINO DO ALGARVE
ORIGEM | https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino_do_Algarve

Como debaixo dos pés de cada geração que passa na terra dormem as cinzas de muitas gerações que o precederam, assim debaixo dos fundamentos de cada cidade grande e populosa das velhas nações da Europa jazem alastrados os ossos da cidade que precedeu a que existe.[1]

1 Citado por: HERCULANO, O Bobo, 1843-1868 [197-], p. V

INTRODUÇÃO

A presente dissertação intende propor um projeto que valorize o património cultural do Algarve, entre Lagos e Sagres, correspondente ao Concelho de Vila do Bispo. Entendemos o património cultural num sentido lato, nele se incluindo, não apenas o edificado, arqueológico, histórico, religioso, militar, vernacular ou etnográfico, mas também a paisagem, tanto terrestre como marítima. O objectivo desta valorização não visa o turismo, mas antes a qualificação da relação dos seus habitantes com a história e o território onde atualmente vivem.

O interesse por este tema surgiu, todavia, da consciência que a percepção do valor deste território, como destino turístico, vai a par da falta de consciência das suas dimensões paisagísticas e histórico-culturais. Tendo nascido e vivido a maior parte da minha vida em Vila do Bispo, esta situação suscitou-me uma forte inquietação e a necessidade de pensar modos de intervenção que permitissem aos meus concidadãos, algarvios e portugueses em geral, bem como aos visitantes, uma maior consciência do digno histórico-paisagístico e cultural desta região.

Durante muitos anos, as intervenções que valorizaram os testemunhos históricos do local foram escassas ou muito pontuais, limitadas por constrangimentos orçamentais e pela falta de informação da população. Também a degradação dos materiais, a vandalização e a exposição às intempéries levaram a que muito do património construído se encontre atualmente em estado de ruína, ou, mesmo, quase desaparecido. Tendo interesse sobre o tema, e após várias conversas com membros do Município de Vila do Bispo, surgiu então a

ideia de propor um percurso de compreensão que ligasse vários tipos de património, utilizando o património construído como centros de interpretação de si mesmo e do que os rodeia.

Dos vários locais possíveis para propor uma intervenção, a zona da Praia da Boca do Rio, na freguesia de Budens, revelou-se a mais pertinente devido à sua dimensão, às diferentes épocas que documenta, tendo sempre como pano de fundo o mesmo tema: o Mar.

Dada a escala do território do concelho de Vila do Bispo, que corresponde a uma área de cerca de 179,06 km^2, a proposta abrange duas escalas diferentes, uma a nível municipal e outra local. A nível municipal, tornou-se necessário catalogar e mapear, em suporte gráfico, todos os locais de interesse cultural, arqueológico, histórico e etnográfico, de forma a propor um percurso interpretativo que conecte todo o Concelho, enunciando possíveis locais para uma futura intervenção; investigação de antigos itinerários, cruzando a informação recolhida com os roteiros atualmente existentes; pesquisa e análise de casos de estudos semelhantes, tendo atenção à estratégia abordada, ao respeito pela ruína e aos elementos coerentes, de modo a promover o "governo da paisagem" e/ou pelos materiais e as soluções de projeto. Numa escala mais local, tornou-se necessário realizar um levantamento histórico, cartográfico, fotográfico e de materiais utilizados no edificado, bem como medições e elaboração de desenhos técnicos da área e dos edifícios a intervir; um estudo de soluções de projeto, tendo sempre em conta a reversibilidade, a ligação entre a pré-existência e a "obra nova" proposta, atentos aos

materiais a utilizar; a elaboração de elementos finais, tendo em conta a escala, de forma a transmitir clareza ao projeto.

A nossa proposta não se restringiu, contudo, ao património terrestre, mas procurámos alargar a investigação ao mar e à relação intensa do território e das suas gentes com o Oceano, que ainda hoje nos surpreende. O mar surge assim como um elemento determinante contribuindo para a matriz conatural e hereditária da população.

Tal como em terra se encontram locais, edifícios e paisagens em que se espelham os Vilabispenses, no mar encontramos a sua continuidade. As dezenas de embarcações que jazem ao largo deste território dão-nos algumas pistas sobre as razões da configuração do que se encontra em terra. Por exemplo, qual a razão da maioria das povoações mais antigas não se encontrar junto à linha de costa? Mas sim em zonas interiores? Ou, o que justifica ser este o concelho com mais fortificações na sua linha de costa? Ou ainda, qual a razão de só ter sido fortificada uma povoação, a de Sagres, a partir de 1443? Para todas estas perguntas encontramos a resposta no mar. Contrariando o preconceito de fronteira física, o mar surge para os Portugueses como um novo mundo de oportunidades. Através dele foi possível a circulação gentes e a troca de mercadorias, a expansão de ideias e conhecimentos e, claro, a expansão de território. O Algarve foi, outrora, alvo de visitação e palco de ocupação de diversos povos e culturas, designadamente Fenícios, Cartagineses, Gregos, Romanos, Visigodos, Árabes e Normandos. Entre 1249, data da conquista do Algarve por D. Afonso III, e a proclamação da República, em 1910, esta

região era intitulada de *Reino do Algarve*, que apesar de estar sob domínio do Rei de Portugal e não possuir instituições, foros ou privilégios próprios, tinha este título honorífico. Na verdade, o topónimo "Algarve" deve-se a presença árabe e significa o Ocidente.

Sagres, povoação surgida intramuros a partir de 1443, e Burgau, póvoa de pescadores das armações de atum, surgida a partir do século XVI, eram as duas únicas povoações existentes na linha de costa. Sagres era a única povoação muralhada, daí o nome Fortaleza de Sagres, enquanto Burgau tinha como apoio defensivo um pequeno forte que posteriormente foi reabilitada dando lugar a uma bateria. Todas as outras povoações, a exceção da Salema, que é uma povoação mais recente, do século XIX, encontram-se localizadas no interior, em zonas estratégicas, em meias encostas e "à sombra" de elevações, ao abrigo dos ventos predominantes do quadrante norte, e suficientemente distanciadas da insegurança marítima de ataques invasores ou de pirataria. Entre a costa e estas povoações existiam estratégicos pontos de intervisibilidade que permitiam a comunicação e o aviso de eventuais ataques, possibilitando que as populações tivessem tempo de reação e defesa. Falamos de torres de atalaia, torres sineiras e fortificações.

Com uma geografia de marcados contornos marítimos, as populações de Vila do Bispo foram, ao longo dos tempos, privilegiados espectadores de disputas militares que envolveram a região na história nacional e mundial; dos inúmeros naufrágios exploraram os salvados. Em plena primeira e segunda guerras mundiais assistiram, dos altos das arribas, a combates aéreos e navais, ou seja, uma relação com o mar que vai muito além dos seus recursos.

O processo que compôs esta investigação foi organizado em quatro partes essenciais: a *Inquietação*; *Um pequeno território, uma grande história*; *Percursos*; e *Projeto*.

A parte I *INQUIETAÇÃO* procura dar a conhecer, a par da motivação que levou a cabo esta investigação, o panorama atual deste território, apontando as várias questões e reflexões que a compreensão do mesmo exige.

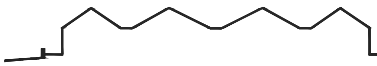
Num segundo momento, que corresponde à PARTE II, *UM PEQUENO TERRITÓRIO, UMA GRANDE HISTÓRIA*, procurámos compreendê-lo a partir de duas perspectivas – a sua dimensão geográfica (física e social) e histórica.

Na parte III *PERCURSOS,* intentámos enumerar, mapear e caracterizar os antigos itinerários e os atuais roteiros disponíveis ao visitante, no Concelho de Vila do Bispo, incluindo os que se encontram desativados ou extintos. Com base neste levantamento, foi desenvolvida uma proposta que visa interligar todos os roteiros existentes, integrando um novo percurso que se desenvolve da atual aldeia de Budens até à antiga *villa* lusitano-romana da Boca do Rio. Elegendo o estuário da Boca do Rio como ponto de partida, é traçado um percurso pela *Memória de Vila do Bispo* explorando uma multiplicidade de direções, da costa ao interior, do antigo ao atual; e diversos conteúdos paisagísticos, quer de âmbito naturais como cultural.

Por fim, a parte IV, o *PROJETO,* materializa esta investigação assumindo a compreensão, quer do território, quer das suas gentes.

Ao focarmo-nos na área do estuário da Boca do Rio, este contexto tornou-se objecto de particular caracterização: geografia, geologia, biodiversidade (fauna e flora), história, arqueologia (terrestre e subaquática) e arquitetura. Esta contextualização servirá de suporte à intervenção arquitectónica que se propõe: quatro intervenções de pequena escala, (re)utilizando as ruínas existentes, de forma a expor a memória do lugar, com o objetivo de recuperar a relação da comunidade local com o estuário, promovendo ainda um novo pólo de atração de visitantes do Concelho.

Atenção especial será dada, também, à recuperação do primeiro itinerário arqueológico subaquático português, junto ao naufrágio do navio almirante da esquadra francesa *L'Ocean*. Aliando a arquitetura com a arqueologia, serão projetadas peças que servirão se sinalização e de orientação aos mergulhadores.



I | INQUIETAÇÃO

FIGURA 2| CAMINHOS PERCORRIVEIS NO LITORAL

ORIGEM | Raquel Cravinho

FIGURA 3| CAMINHOS PERCORRIVEIS NO INTERIOR

ORIGEM | Raquel Cravinho

Em termos de identidade, nada é simples. Vamos abandonar o nosso território? Vamos esquecer a terra? É nela que nos apoiamos, dela que nos alimentamos, ela que condiciona as nossas comunicações físicas. Nela moraram os nossos antepassados. Marcados pelo território, transmitiram-nos as estruturas sociais com que nos organizamos, as técnicas agrícolas que em parte a dominam, e tudo o mais que foi moldando o nosso território até hoje. Território é o elemento permanente da identidade. (...) Por outro lado, há uma história nacional que só se compreende devidamente quando se tem presente a diversidade de comportamentos próprios das regiões, e a influência que estes tiveram nas alterações do rumo do país.[2]

2 Citado por: MATTOSO, José; DAVEAU, Suzanne; BELO, Duarte. *Portugal, O Sabor da Terra. Um retrato histórico e geográfico por regiões.* Lisboa: Temas e Debates. 2010 p.6

I | INQUIETAÇÃO

Radica esta dissertação num duplo sentimento que se me colocou antes de as questões surgirem, se distinguirem temáticas e se consolidarem metodologias: numa inquietação que se mistura com exaltação, a inquietação ante a degradação da paisagem, do património construído, da arqueologia terrestre e subaquática de Vila do Bispo, que vai a par do sentido da intensidade da vida que ali existe. Fernando Pessoa exprime, de um modo poético esse modo de inquietação:

> *Sou um visual. O que na memória trago, trago-o visualmente, se susceptível é de assim ser trazido. Mesmo ao querer evocar em mim uma qualquer voz, um perfume qualquer, não evito que antes que ela ou ele me vislumbre no horizonte do espírito, me apareça à visão rememorativa a pessoa que fala, a coisa donde o perfume partiu. (...) Seja como for, o menos que sou, é um visual predominantemente. Vejo, e vendo, vivo.* [3]

3 Citado em: PESSOA, Fernando. *Inéditos*

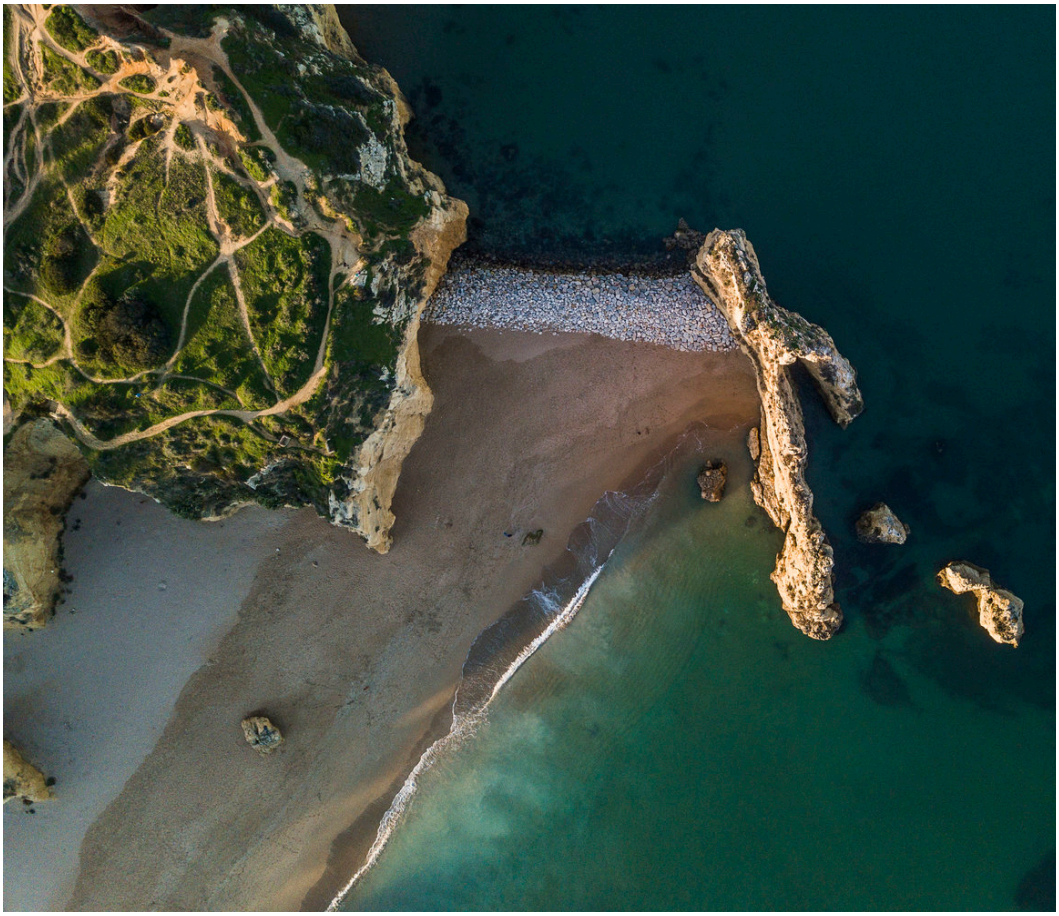


FIGURA 4| CAMINHOS DE PÉ POSTO - LAGOS

ORIGEM | Jorge Teixeira

Doces lembranças da passada glória,
Que me tirou fortuna roubada,
Deixai-me descansar em paz uma hora,
Que comigo ganhais pouca vitória.

Em mim não pode haver mais que a memória.
Vivo em lembranças, morro de esquecido,
De quem sempre devera ser lembrado,
Se lhe lembrara estado tão contente

Impressa tenho na alma larga história
Deste passado bem, que nunca fora;
Ou fora, e não passara: mas já agora

Oh quem tornar pudera a ser nascido!
Soubera-me lograr do bem passado,
Se conhecer soubera o mal presente. [4]

4 Citado por: Luís Vaz de Camões, *in "Sonetos"*

1 | MEMÓRIA COMO PAISAGEM

Partimos desse território e paisagem como memória:

"...somos aquilo que recordamos..."[5]

A palavra *memória* tem origem no latim *memoria,* de *memor,* que significa -"aquele que se lembra"; é descrita como a capacidade psicológica que retêm e (re)lembra o passado.

É essa uma capacidade pessoal e única, que permite a cada individuo lembrar-se de momentos e situações que são próprias e exclusivas apenas de si. Pode-se afirmar que a memória é o que distingue cada ser existente, pois é essa capacidade a que mais nos permite evoluir, lembramos o que aprendemos e ensinamos as gerações futuras um conjunto de histórias e dados que anteriormente nos ensinaram. Apesar das memórias não pertencerem a uma particular geração, eles partem desse ponto, dessas memórias ensinadas, para memórias novas/vividas, mas que apesar da informação ser idêntica para um grupo de seres cada individuo terá uma percepção diferente da informação e outras memórias/informações que o diferenciará dos outros indivíduos. Desta forma, a memória articula-se com a aprendizagem, corrigindo e organizando os conhecimentos adquiridos

5 Citado por: Norberto Bobbio – fonte desconhecida

de forma a podermos aprofundar e alargar os mesmos.

A palavra *memória* está também associada aos termos de dissertação escrita, podendo ser do fim científico, literário ou histórica; ou ainda em termos de tecnologia, onde é empregue para definir um dispositivo onde é armazenado os dados do seu utilizador.

> *a palavra "memoria" abrange desde os ignotos mecanismos que operam nas placas de meu computador até a história de cada cidade, país, povo ou civilização, incluindo as memórias individuais dos animais e das pessoas."*[6]

É nesta capacidade de relembrar o passado que esta proposta se insere, de forma a que quem percorra este concelho possa absorver a memória gravada e exposta no território, não apenas para relembrar às gerações mais antigas, mas sim para dar asas a imaginação das gerações futuras.

6 Citado em: https://www.larpsi.com.br/media/mconnect_uploadfiles/c/a/cap_010.pdf

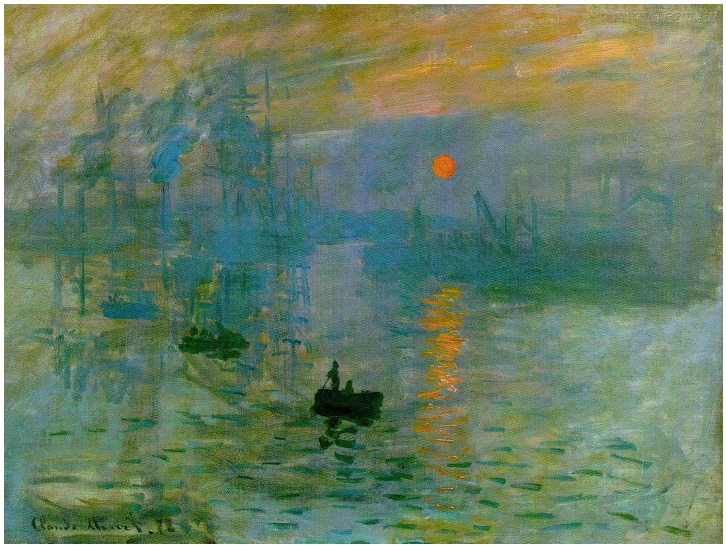


FIGURA 5| PINTURA *"IMPRESSÃO, AMANHECER"*, 1872

ORIGEM | Claude Monet

FIGURA 6| PINTURA *"BORDS DE LA SEINE À ARGENTEUIL"*, 1875

ORIGEM | Claude Monet

" Para mim, uma paisagem não existe por si só, já que a sua aparência muda a cada momento; mas a atmosfera circundante a traz à vida - a luz e o ar que variam continuamente. Para mim, é apenas a atmosfera circundante que dá aos sujeitos o seu verdadeiro valor."[7]

7 Citado por: Claude Monet (1840-1926)

1.1| NOÇÃO DE PAISAGEM

Paro diante da paisagem, e o que vejo sou eu.[8]

A definição mais global da palavra Paisagem é nos apresentada como uma *extensão de território que se abrange com um lance de vista*[9].

Esta definição remete-nos a um ideal poético presente nas paisagens das grandes obras de pintura Impressionista de Claude Monet (1840-1926), que *através de uma pintura à base de impressões cromáticas,*[10] tentava passar para a (...)*tela as suas sensações visuais perante a realidade*[11].

A paisagem é esculpida no território por ações humanas e ações da intempérie, o que forma lugares e memórias únicas e muitos características do local. As ações humanas criam uma cumplicidade entre o homem e a paisagem, isto é, assim como o homem tem a capacidade de moldar a paisagem, a paisagem também tem a capacidade de moldar o homem. Nos grandes núcleos urbanos podemos observar a (re)introdução da paisagem pelo homem. Nós, enquanto indivíduos temos a necessidade observar a paisagem, de forma a tornar *a paisagem (...) uma expressão do espaço vivido pelo homem.*[12]

---

8 Citado em: Álvaro de Campos - Livro de Versos . Fernando Pessoa. (Edição crítica. Introdução, transcrição, organização e notas de Teresa Rita Lopes.) Lisboa: Estampa, 1993. - 154.

9 Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, disponível em http://www.priberam.pt - Consultado em 15 de Fevereiro 2017;

10 Citado em: PRETTE, Maria Carla; GIORGIS, Alfonso de. *Storia dell'arte*. Milano: Giuntini Editores. p.178

11 Idem

12 Citado em: Gonçalo Ribeiro Telles

FIGURA 7| PAISAGENS VILABISPENSES

ORIGEM | Jorge Teixeira

"A paisagem enquanto figura privilegiada da natureza tem o poder de aliar as diferenças, juntar os contrários, tornar sensível a unidade do mundo; a sua contemplação incita a paz da alma e a sua elevação."[13]

13 Citado em: CAUQUELIN, Anne; *in* CARDOSO, Isabel Lopes. *Paisagem Património; p.21*

> "a contemplação [das coisas naturais] serve para acalmar e aplacar as nossas tempestades interiores e exerce inevitavelmente um efeito pacificador sobre nós."[14]

Segundo Rosário Assunto, o conceito de *Paisagem* remete sempre para um espaço (seja ele real ou imaginário, espontâneo ou artificial) ou para a representação de um. O autor define paisagem como um *espaço aberto que é próprio da paisagem enquanto espaço limitado*[14]. Isto é, podemos considerar *paisagem* como um espaço real ou representado: o espaço real é um *espaço aberto* que por sua vez é um espaço limitado, mas diferente dos espaços fechados limitados; o espaço representado, presente na pintura *Quatrocentos*, também é um *espaço aberto*, aliás, foi através da pintura *Quatrocentos* que se reconheceu este carácter da paisagem como *espaço aberto.*

Temos de ter em mente que a pintura *Quatrocentos* teve as suas origens no século XV em Itália, tendo sido considerado um dos períodos mais importantes para a arte europeia e considerado a primeira fase do Renascimento. Evocava temas da Antiguidade, temas religiosos, mitológicos, cenas históricas e a observação da natureza (de forma a que se pudesse refletir fielmente na pintura).

Voltando a definição de paisagem, podemos também considerar uma praça,

13 Citado por: Carl Gustav Carus – "Nine Letters on Landscape Painting". In Charles Harrison – Art in Theory 18151900, Malden, 2003, pp. 103104

14 Citado por: ASSUNTO, Rosário; *Filosofia da Paisagem- uma antologia*. Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. p.348

uma estrada ou uma rua de uma cidade como espaços abertos, mas apesar disso não os podemos considerar uma paisagem, podemos sim afirmar que tanto uma praça, uma estrada ou uma rua podem pertencer a uma paisagem.

> *As paisagens não devem ser consideradas como se tivessem separadas da nossa vida quotidiana. As nossas paisagens não são excepcionais. São normalmente, bastantes vulgares, fazem parte, quer no plano individual quer no plano colectivo, daquilo a que chamamos a nossa vida e o nosso ser. Não são, exclusivamente, horizontes para contemplar ou territórios para transformar.*[15]

Podemos concluir, com as palavras de Gonçalo Ribeiro Telles, que a *Paisagem é uma expressão do espaço vivido pelo homem.*[16] Sem contrariar as definições acima referidas, apenas podemos apreciar uma paisagem caso nós, enquanto seres humanos, experienciarmos a mesma.

Ao debruçarmo-nos sobre este tema, há questões que se levantam e sobressaem, como a recente preocupação em reabilitar os ideais de beleza da natureza (preocupação que nasce devido a natureza se encontrar em perigo), que segundo Adriana Veríssimo Serrão recai sobre *um novo principio de ordem, presente no gosto pelas pequenas coisas, no elogio do simples, na valorização do essencial, "(...)que o ser humano tende a valorizar sobretudo aquilo que perdeu(...)"*.[17] A paisagem encontra-se ameaçada

15 Citado em: BESSE, Jean-Marc; *in* CARDOSO, Isabel Lopes. *Paisagem Património;* pp.33

16 Citado em: Gonçalo Ribeiro Telles; *in* entrevista Jornal Pessoas e Lugares, Projecto Leader, Janeiro/Fevereiro 2004

17 Citado em: BESSE, Jean-Marc; *in* CARDOSO, Isabel Lopes. *Paisagem Património;*

desde as ultimas décadas do século XX, facto que originou um movimento de consciencialização ecológica, de combate contra os comportamentos abusivos contra a mesma. A velocidade e a forma incontrolável como as cidades crescem, dependendo das preferências humanas e económicas, com cidades e subúrbios que não demonstram a cultura local, põe em causa a paisagem, que é modificada cada vez que o ser humano necessita ou simplesmente prefere. Desta forma a *paisagem* é o meio que nos permite compreender o território e a forma como nós e os nossos antepassados vivemos e nos apropriamos desse território.

É necessário reconhecermos a *(...) paisagem como lugar de intersecções e encontros, não de oposição e rivalidade (...) Ao pensar a paisagem, a filosofia está a conferir-lhe o estatuto de categoria do pensamento humano, que, porquanto englobante, encerra uma inteira visão do mundo, e não apenas uma parte dele."* [18] Necessitamos ainda de habitar a paisagem com o olhar, não de uma forma leve, mas de uma forma que permita absorver a sua história, a sua simbologia, os seus hábitos e as suas memórias, de num modo demorado, tornando-nos parte integrante dessa mesma paisagem, tornando a sua compreensão a níveis intelectuais e não tão imediatos.

18 Citado em: SERRÃO, Adriana Veríssimo. *Filosofia e Arquitectura da Paisagem- Um Manual; p.09*

FIGURA 8 | Fotografia de caminhantes no trilho da Boca do Rio

ORIGEM | Raquel Cravinho

"O viajante viajou no seu país. Isto significa que viajou por dentro de si mesmo, pela cultura que o formou e está formando, significa que foi, durante muitas semanas, um espelho reflector das imagens exteriores, uma vidraça transparente que luzes e sombras atravessaram, uma placa sensível que registou, em trânsito e processo, as impressões, as vozes, o murmúrio infindável de um povo."[19]

19 Citado em: SARAMAGO, José - *Viagem a Portugal*. Lisboa: Caminho. 1995 p.20

1.2| PERCORRER UM TERRITÓRIO

A palavra "caminho" significa a ligação entre dois pontos ou um meio para chegar a um determinado lugar. Todavia, "caminhos" não podem ser entendido de um modo formal, abstractamente geográfico ou administrativo, mas como indiciando os percursos que permitem a circulação das pessoas e dos animais, a expressão do trabalho, mas também a expressão da fé, do religioso e do espiritual. Independentemente da rota e da sua finalidade, o caminho transmite sempre ao seu utilizador um conhecimento que lhe é latente:

> *(...) caminhar como maneira de habitar o mundo, maneira de fazer paisagem, de se juntar a paisagem, o caminhar como um certo modo de estar no espaço.*[20]

A forma mais eficaz de descobrir um território é através da passagem do tempo, na demora de um percurso pedestre, da possibilidade de poder focar o olhar sobre cada detalhe que nos é apresentado, de *sentir a terra debaixo dos pés*[21], conseguindo compreender a sua história e os seus costumes.

Os caminhos de pé posto são o traçado territorial existente mais primitivo, mas talvez dos que mais nos permite conectar e absorver as características do lugar e da viagem. São descritos como "*vereda que resulta da passagem*

20 Citado em: BESSE, Jean-Marc; *in* CARDOSO, Isabel Lopes. *Paisagem Património;*

21 Citado em: http://pt.rotavicentina.com - Consultado em 31 de Março 2017;

repetida e pessoas pelo mesmo local"[22] e no *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia as Ciências de Lisboa* como "*carreiro estreito , marcado pelo passar repetido das pessoas"*. Estes caminhos marcados apenas pelo andar tem uma grande vantagem neste território pois não fazem um grande contraste na paisagem permitindo assim continuar com este grau de pureza em que se encontra.

22 Citado em: Dicionário da Língua Portuguesa da Porto Editora

FIGURA 9 | Ruínas dos fornos cerâmicos romanos do Martinhal - Sagres

ORIGEM | GOMES, Mário Varela; SILVA, Carlos Tavares da – LEVANTAMENTO ARQUEOLÓGICO DO ALGARVE – CONCELHO DE VILA DO BISPO. Henry Gris, Ltda, Lisboa. 1987

A perda das marcas identitárias conduziu à era do <<tudo é património>>, que o historiador [Pierre Nora] *define como passagem de um património de Estado e nacional (herdado) para um património de tipo social e comunitário (reivindicado). Por outras palavras, o património saiu da sua época (idade) histórica para entrar numa época (idade) memorial e as noções de memória e de identidade passaram a ser indissociáveis do próprio termo património.*[23]

23 Citado em: CARDOSO, Isabel Lopes; *in* CARDOSO, Isabel Lopes. *Paisagem Património; p.7*

2| PATRIMÓNIO

> *Que significa hoje o termo "património"? Para esgotar o seu significado teríamos de fazer um inventário borgesiano. Não designa esta palavra, simultaneamente, todos os objetos naturais, todas as obras culturais, materiais e imateriais, todas as tradições, atividades, crenças, pertencentes a um passado distante e cada vez mais recente, e valorizadas devido ao seu interesse histórico, científico, artístico, afetivo, identitário...?*[24]

Tomamos como ponto de partida a concepção de *Património* como o registo cultural de determinada sociedade. Para Françoise Choay, a ideia de *património* está fortemente ligada *"às estruturas familiares, económicas e jurídicas de uma sociedade estável, enraizada no espaço e no tempo"*; neste sentido, o conceito tem vindo a ganhar amplitude, alargando-se das referências iniciais, que o circunscrevia aos monumentos históricos, a uma nova dimensão que integra as formas de arquitetura de um local ou região, desde que tenham valor cultural, entendimento que foi assumido pelas entidades oficiais, como a Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais:

> *O conceito de Património, enquanto reflexo cultural e imagem da nossa história e evolução, tem visto o seu significado crescentemente*

Definição da palavra *património,* encontramos no dicionário português que a palavra tem origem no latim *patrimonium*, que significa - *herança paterna; bens de família (bens que se herdam dos pais, ou dos avós, herança paterna, bens de família); dote dos ordinandos; bem, ou conjunto de bens culturais ou naturais, de valor reconhecido para determinada localidade, região, país, ou para a humanidade.*

24 Citado por: Françoise Choay, 2005;

alargado e a sua importância acrescida.[25]

Após a II Guerra Mundial "todas as formas da arte de edificar, eruditas e populares, urbanas e rurais e todas as categorias de edifícios, públicos e privados, sumptuários e utilitários" passam a ser mencionadas como património edificado.

Com a criação da Carta de Atenas, em 1931, são enunciados novos ideais do *património*, mas com a Carta de Veneza, criada em 1964, "a noção de monumento histórico engloba a criação arquitectónica isolada, bem como o sítio urbano ou rural que são o testemunho de uma civilização particular, de uma evolução significativa ou de um acontecimento histórico"[26] , que se estende "não só às grandes criações mas também às obras modestas que adquiram com o tempo um significado cultural."[27] Em 1975, com a criação da Carta de Amesterdão, define-se que "*(…) o património arquitectónico europeu é formado não apenas pelos nossos monumentos mais importantes mas também pelos conjuntos que constituem as nossas cidades antigas e as nossas aldeias com tradições no seu ambiente natural ou construído.*"[28].

Património e identidade são dois conceitos intimamente relacionados. (...) a identidade como a "essência" de um determinado colectivo humano; o património como a sua manifestação "natural", que sobrevive ao decurso do tempo e que é preciso resgatar e preservar a

25 Citado em: Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, *2o Seminário – A Intervenção no Património. Práticas de Conservação e Reabilitação*, edição FEUP, Porto, 2006, pág.15.);

26 Citado em: Art. 1.º - Carta de Veneza, in *http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/CartadeVeneza.pdf*, consultado a 4 de Abril de 2018;

27 Citado em: Ibidem

28 Citado em: Art. 1.º - Carta de Amesterdão, in http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/CARTAEUROPEIADOPATRIMONIOARQUITECTONICO.pdf , consultado a 4 de Abril de 2018;

todo o custo.[29]

Até ao início da década de 60 do século XX, o *património* existente no Algarve era, do ponto de vista dos residentes e visitantes, quase invisível, sem qualquer importância. O Arquiteto José Aguiar menciona o Algarve como um local onde *as descrições (...) reiteravam a ausência histórica de infra-estruturas consideradas fundamentais para o seu desenvolviment*[30].

Com a criação do PRA (Plano Regional do Algarve) e do EPDPUA (Estudo de Prospecção e Defesa da Paisagem Urbana do Algarve), iniciou-se um processo de catalogação e preocupação com o espólio Algarvio.

> *O litoral algarvio é paradigmático das formas de povoamento recentes, onde os vestígios arqueológicos são uma marca relevante, para propormos uma reflexão sobre a relação que estabelecemos com a paisagem, com o espaço que habitamos actualmente e que, por nós, foi desenhado.* [31]

Seguindo esta orientação e dada a variedade do património natural e cultural, tanto móvel como imóvel, as entidades municipais de Vila do Bispo têm desenvolvido, desde 2009, um largo conjunto de actividades de proteção de todo o património e de divulgação da sua história, destinados tanto aos seus habitantes como aos visitantes.

29 Citado em: PERALTA, Elsa e ANICO, Marta. *Patrimónios e Identidades. Fiações Contemporâneas* - Oeiras : Celta Editoras

30 Citado em: AGUIAR, José; RIBEIRO, Vítor; COSTA, Miguel Reimão; (Março, 2005)" O levantamento e estudo da paisagem urbana histórica de quarenta e sete aglomerados RUINASalgarvios ",Casa Moeda/ Direção Geral do Património Cultural , Lisboa, Revista Património, nº3

31 Citado por: *Duarte Belo*

2.1| CONSERVAÇÃO, RESTAURO E REABILITAÇÃO

> *«Take proper care of your monuments, and you will not need to restore them». (...) «But, it is said, there may come a necessity for restoration! Granted. Look the necessity full in the face, and understand ít on its own terms. lt is a necessity for destruction. (...) The principle of modern times (...) is to neglect buildings first, and restore them afterwards»*[32]

Conservação, Restauro e Reabilitação são as palavras base do projeto apresentado, que visam devolver a identidade cultural e o legado histórico e arquitectónico deixadas pelas gerações anteriores às futuras.

Os conceitos, apesar do objecto ser o mesmo, a pré-existência, tem definições distintas: por *conservação*, podemos entender o *«(...) conjunto de actuações de prevenção e de salvaguarda dirigidas para o assegurar de uma duração, que se pretende ilimitada, da configuração material do objecto considerado»*[33]; por *restauro,* entende-se *«(...) qualquer intervenção que, respeitando os princípios da conservação e*

32 *«Cuide dos seus monumentos e você não precisará restaurá-los ". (...) «Mas, dizem, pode haver necessidade de restauração! Concedido. Olhe a necessidade em cheio e compreenda em seus próprios termos. É uma necessidade para destruição. (...) O princípio dos tempos modernos (...) é negligenciar os edifícios primeiro e restaurá-los depois»*

Citado em: J. Ruskin, *The seven lamps of architecture*. Kent: George Allen, 1880

33 Citado por: *Definição proposta pela (não promulgada) Carta Italiana de Conservação e Restauro dos Objectos de Arte e Cultura (1987)*, em: Maria Justicia - *Antología de textos sobre restauración*, Jaén, ed. Universidade de Jaén, 1996, p.166.

fundamentando-se num cuidadoso conhecimento prévio, se dirija a restituir ao objecto, nos limites do possível, uma relativa legibilidade e, donde seja necessário, o uso.»[34]; e a *reabilitação* *«(...) é o conjunto de operações dirigidas à conservação e restauro das partes significativas – em termos históricos e estéticos - de uma arquitectura, incluindo a sua beneficiação geral, de forma a permitir-lhe satisfazer níveis de desempenho e exigências funcionais actualizadas. A reabiltitação participa de uma intenção ecológica, ou seja, integrando a reutilização de bens materiais disponíveis e evitando a sua demolição, com consequente substituição, que implicam sempre o dispêndio de mais amplas energias e matérias fósseis.»*[35]

A prática de reutilizar os materiais disponíveis tem sido constante, não apenas para abrigos ou construções efémeras, mas como, na Idade Média, para a construção de novos edifícios recorrendo a materiais de antigas construções.

Apesar de no século XV, no período denominado de *Quattrocento,* ter-se tomado a noção de salvaguardar quer os valores artísticos como históricos dos edifícios, há autores (como Cesare Brandi e Françoise Choay) que defendem que somente após a Revolução Francesa surgiu uma preocupação referente à salvaguarda do património que fosse visível.

> «Restaurer un édifice, ce n'est pas l'entretenir, le réparer ou le refaire, c´est le rétablir dans un état complet qui peut n'avoir jamais

34 Citado por: Ibidem

35 Citado por: José Aguiar

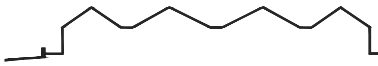
existé à un moment donné»[36]

Foi Camilo Boito (1836-1914) que estabeleceu os princípios modernos do restauro, explicitando critérios - o respeito pelas pré existências, a possibilidade de reversibilidade, a distinção das diferentes intervenções – que ganharam geral consenso. As posições de Boito surgem como intermediárias entre duas linhas opostas, a de Viollet-Le-Duc e a de Ruskin. À semelhança de Ruskin, era defensor de intervir o menos possível no monumento e de evitar o estado de ruina. Próximo dos ideais de Viollet-Le-Duc, Boito não excluí de todo a renovação, exigia apenas que ela fosse estreitamente a necessária e que aparecesse, de alguma forma, diferenciada, mas em harmonia, com o original. Fundindo estas duas linhas de pensamento, Boito apresentou os seus ideais no III Congresso de Arquitectos e Engenheiros Civis em 1883, que teve lugar em Itália, estabelecendo a "primeira Carta Italiana do Restauro", cuja influência se manteve até hoje.

No presente projeto procurámos prosseguir a reflexão de Boito, a atenção às definições de conservação, de restauro e de reabilitação forneceram-nos as vias para a intervenção num território denso de memórias e marcado por uma forte identidade paisagística. Não fazia sentido propor uma construção de raiz, que de algum modo fizesse *tabula rasa* das pré-existências, antes criar pontes entre as memórias antigas e as atuais e contribuir para as projetar no futuro.

36 *"Restaurar um edifício não é mantê-lo, repará-lo ou refazê-lo, é restaurá-lo a um estado completo que pode nunca ter existido em um determinado momento"*

Citado em: Eugène Viollet-le-Duc, Restauration, em *Dictionnaire Raisonné de L´Architecture Française du XIe au XIIe Siècle*, Tomo 8, Paris, A. Morel Éditeur, 1866, p.14.



II | UM PEQUENO TERRITÓRIO, UMA GRANDE HISTÓRIA

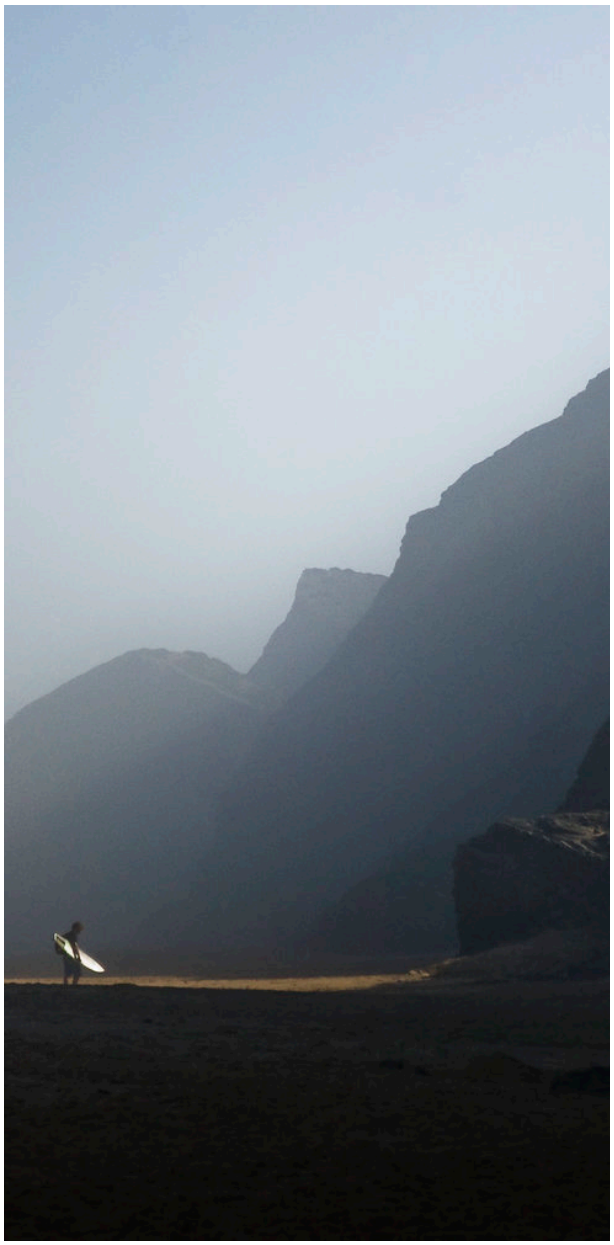


FIGURA 10| FOTOGRAFIA COSTA VICENTINA - 2017

ORIGEM | Jorge Teixeira

Preciso ser um outro

para ser eu mesmo

Sou grão de rocha

Sou o vento que a desgasta

Sou pólen sem insecto

Sou areia sustentando

o sexo das árvores

Existo onde me desconheço

aguardando pelo meu passado

ansiando a esperança do futuro

No mundo que combato morro

no mundo por que luto nasço [37]

38 Citado por: COUTO, Mia. *Raiz de Orvalho e Outros Poemas*

II | UM PEQUENO TERRITÓRIO, UMA GRANDE HISTÓRIA

O território em que se insere o Concelho de Vila do Bispo é composto por uma área de 179,06 km^2, limitado a Norte pelo Concelho de Aljezur, pelo de Lagos, a Nordeste, e por mais de 37 km de orla costeira a Sul e a Oeste. É dividido por quatro freguesias, com uma população de 5258 habitantes registados nos últimos sensos (2011). Até a data são conhecidos cerca de 152 locais de interesse arqueológico, histórico e/ou cultural e 78 naufrágios sendo que, apesar de existir a noção por parte das entidades competentes, a existência de mais locais de interesse, até a data não puderam ser divulgados pela falta de informação, de confirmação ou por receio de pilhagem ou profanação.

3 | IDENTIDADE GEOLOGICA

Cada região, povo, aldeia, vila ou até cidade tem consigo características do próprio território, da terra em que nasceu. Até o ar que respiramos marca em nós algo que vai fazer parte da nossa identidade, da nossa "impressão digital".

Sendo importante debruçarmo-nos também sobre a geologia deste Concelho, a matéria de que se compõe, saber como e do que se formou e as alterações a que esteve sujeita desde a sua formação até aos dias de hoje, uma questão que se levanta imediatamente é de que forma é que a geologia influenciou a presença e fixação humana, da fauna e da flora neste território.

O território Vilabispense é constituído principalmente por formações do Carbónico, isto é, xistos e grauvaques na zona norte, e Jurássico, de calcários e margas, que se encontram a sul. Há vários nódulos de sílex as zonas de calcários dolomíticos, calcários margosos e calcários brancos ricos em crinóides, da época do Jurássico inferior, que é possível ver a superfície na Praia do Beliche e no Cabo de São Vicente.

> *Entre as formações do Carbónico e as do Jurássico estende-se uma faixa do Triásico sobre a qual se localizam as povoações de Vila do Bispo, Raposeira e Budens, e onde existem bons terrenos de cultivo.*[39]

Existem duas realidades no território do Concelho, a norte de Vila do Bispo, costa Ocidental, encontra-se o prolongamento da planície litoral que se estende desde o Rio Sado até Sagres. Este prolongamento varia entre 5 a 15 km de largura, composto por xistos e grauvaques, cobertos por areias com seixos rolados, ao que se pode pensar que pertença a idade Pliocénica, sendo que o relevo visível nesta planície é devido a rede hidrográfica.

Por outro lado, a costa meridional oferece enseadas e baías, quase todas, com condições de abrigo, que é possível o fácil acesso pedestre e ainda também em grande parte, há pequenos ribeiros de água doce que desaguam nas praias, nos meses de chuva.

O elemento climático mais presente no Concelho e que é o maior

39 Citado em: GOMES, Mário Varela; SILVA, Carlos Tavares da; LEVANTAMENTO ARQUEOLÓGICO DO ALGARVE CONCELHO DE VILA DO BISPO; 1987, FARO, *p.9;*

influenciador, tanto na ocupação humana como na própria vegetação, é o vento. Na cota ocidental a presença do vento é, por vezes, fortemente sentida, especialmente no Cabo de São Vicente que num dia normal varia entre os 10 e os 20 km/h.

3.1 | FAUNA E FLORA

Grande parte do Concelho de Vila do Bispo insere-se na área de proteção do Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina.

Na costa entre Sagres e o Cabo de São Vicente, a flora existente espelha as condições meteorológicas agrestes do local – um local seco, com uma forte presença do vento, halófito[40] e de solos pobres; ali encontram-se plantas que apenas existem nesta região, como a Diplotaxis Vicentina, a Biscutella Vicentina e a Hyacinthoides Vicentina. Na costa Oeste do Concelho, o coberto vegetal caracteriza-se essencialmente por arbustos, especialmente pela *Cistus ladaniferus* – esteva; a Norte encontramos espécies de árvores mais densas como o *Quercus suber* – Sobreiro; e nas encostas mais abrigadas encontramos matas de *Pinus pinea* – pinheiro.

A fauna existente é muito diversificada, havendo espécies que escolhem este territórios como um ponto de descanso na época de migração. Em termos de anfíbios e répteis, salientam-se a salamandra-de-costas-salientes, a cobra-cega, o rato-de-água, o rato-de-cabrera e o cágado-de-carapaça-estriada. Nos mamíferos distinguem-se os morcego-de-água e o morcego-de-peluche, ouriço-caixeiro, coelho bravo, a raposa e o javali. As aves são

40 Halófito – Plantas que toleram grandes quantidades de sal no solo.

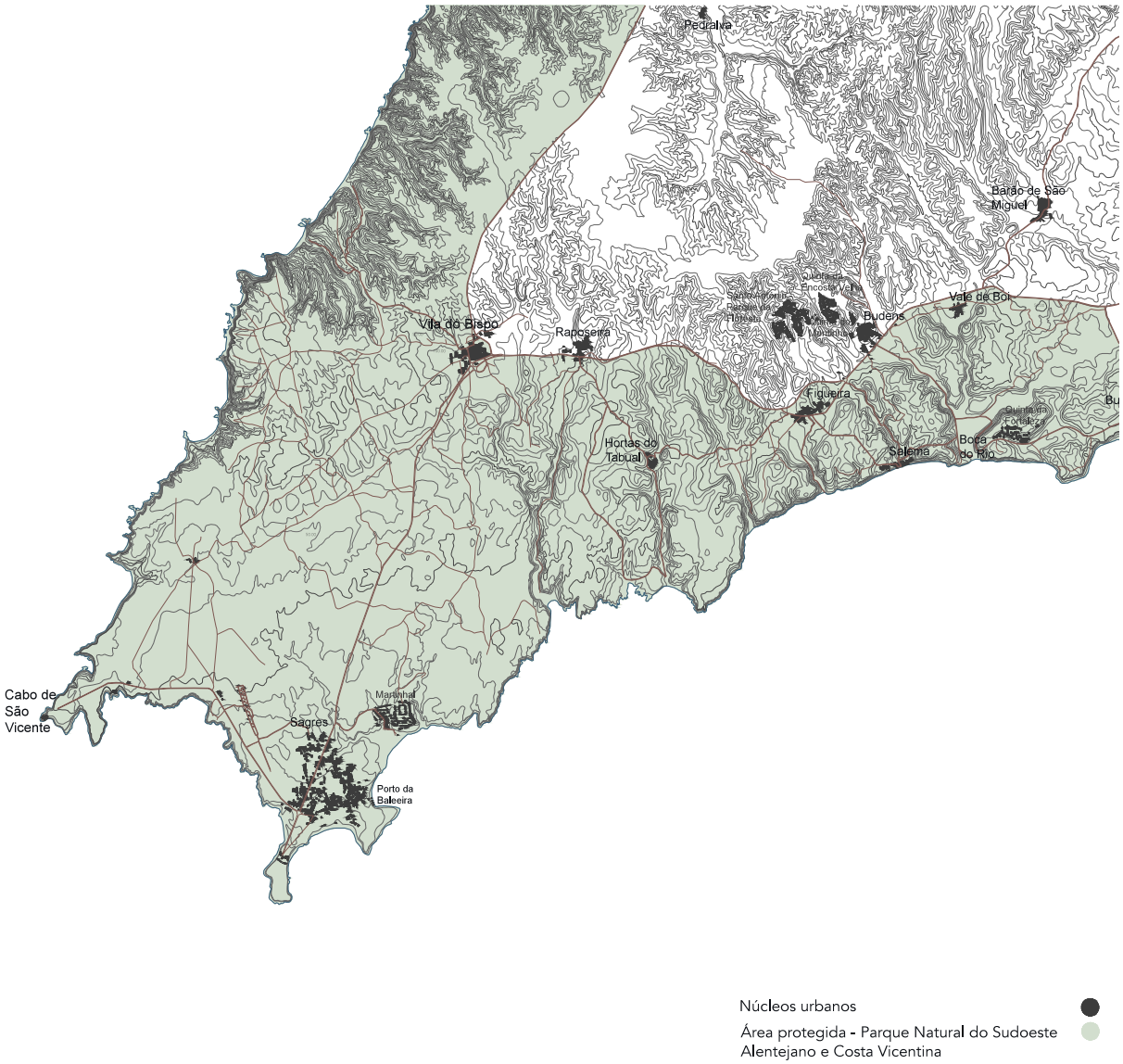


FIGURA 11 | NÚCLEOS URBANOS DO CONCELHO DE VILA DO BISPO

ORIGEM | Raquel Cravinho

um dos grandes pontos de interesse do concelho, devido à sua rota de migração. Entre Agosto e Novembro passam mais de 20 espécies de aves de rapina na região de Sagres, em direção a sul, incluindo o Grifo, a Águia-calçada, a Águia-de-asa-redonda, a Águia-cobreira, a Águia-imperial, a Águia-real, o Abutre-preto, o Milhafre-real, a Águia-pesqueira, o Peneiro-cinzento, a Ógea e o Falcão-da-rainha.

Sagres e o Cabo de São Vicente, devido a sua localização, apresentam características naturais para a vida marinha. Na Macrofauna Marinha, é possível avistar o Sargo-legítimo (Diplodus sargus), o Sargo-bicudo (Diplodus puntazo), o sargo-veado (Diplodus cervinus), o sargo-safia (Diplodus vulgaris), a moreia, a dourada (Sparus aurata) e o safio (Conger conger). O percebe, o mexilhão, a lapa, o burgau e o ouriço-do-mar, representam um dos recursos emblemáticos da costa sudoeste e costa vicentina, não tirando prestigio das navalheiras, dos polvos, e outros animais existentes perto da costa marítima.

Pode-se facilmente encontrar grupos de Golfinhos-comum *Delphinus delphis*), o Roaz-corvineiro (*Tursiops truncatus*), Boto (*Phocoena phocoena*) e com alguma sorte a Baleia-anã (*Balaenoptera acutorostrata*). No verão ainda é possível avistar a Orca (Orcinus orca), quando faz o seu trajecto de migração, e esporadicamente o Grampo (*Grampus griseus*) e o Golfinho-riscado (*Stenella coeruleoalba*), entre outras.

3.2 | NÚCLEOS URBANOS

Os núcleos urbanos do Concelho Vilabispense mais antigos encontram-se implantados em encostas, orientadas sensivelmente a Sul/Sudeste, à exceção de Barão de São Miguel, que está orientado a Este, e de Vale de Boi, que se encontra implantada numa pequena planície existente no vale. Uma outra característica da fixação dos núcleos urbanos (Sagres, Vila do Bispo, Pedralva, Raposeira, Hortas do Tabual, Figueira, Budens, Praia da Salema, Burgau e Barão de São Miguel) é o facto da maioria não serem povoações costeiras, menos Sagres, Praia da Salema e Burgau. Sagres existia dentro das muralhas da Fortaleza de Sagres até 1834, devido aos ataques constantes de piratas (ver ponto 4.2 – *Um mar Inseguro*), sendo que só após então a povoação de Sagres saiu extramuros e começou a fixar-se no local atual; a Praia da Salema, apesar de ter alguns marcos de história, é uma povoação mais recente, que já não presenciou os fortes ataques piratas e não tinha quaisquer edifícios religiosos (Igreja e cemitério); e a povoação de Burgau, que desde a sua origem teve associado um Forte, substituído, devido ao terramoto de 1755, por uma Bateria para a proteção da sua população.

Com o desenvolvimento turístico, sobretudo no último quartel do século XX; surgiram novos núcleos urbanos, como o Martinhal, o Santo António – Parque da Floresta, a Quinta do Montinho, a Quinta da Encosta Velha e a Quinta da Fortaleza. Estes núcleos correspondem a habitações temporárias/ sazonais, que na maioria só adquirem uma população considerável nos meses de Verão, embora nos últimos anos se tenha notado um crescimento na sua ocupação nos meses de Inverno.

FIGURA 12 | FOTOGRAFIA BURGAU, DÉCADA DE 50/60

ORIGEM | Artur Pastor

FIGURA 13 | FOTOGRAFIA BURGAU, DÉCADA DE 50/60

ORIGEM | Artur Pastor

FIGURA 14 | FOTOGRAFIA BURGAU, DÉCADA DE 50/60

ORIGEM | Artur Pastor

FIGURA 15 | FOTOGRAFIA SALEMA, DÉCADA DE 50/60

ORIGEM | Artur Pastor

Escrever acerca da História de Vila do Bispo não foi – e não será – uma tarefa fácil. [41]

41 Citado em: JESUS, Artur Vieira de. *Vila do Bispo – Uma viagem pela sua História*

4 | IDENTIDADE HISTÓRICA

Num território tão marcado como o território Português, habitado desde há milhares de séculos, a identidade de um lugar é algo que nasce entranhado nos seus habitantes. Desde que nascemos carregamos, desde logo, a história e as ações dos nossos antepassados. Mas, apesar desta caracterização geral e partilhada, cada aldeia, cada vila, ou até cada cidade, tem uma identidade única, uma personalidade que pertence a si apenas.

O caso de Vila do Bispo, situada no extremo oeste do Algarve, na proximidade do cabo de Sagres, o Promontório Sacro dos antigos, não é diferente, a sua identidade é simultaneamente rica e distinta de tantos outros locais repletos de História. Compreender este território implica, sobretudo neste caso, perceber os modos da sua ocupação humana, numa simultânea distanciação histórica apreensão numa escala abrangente do seu território, de modo a perceber como tempo e espaço foram construindo as vivências dos seus habitantes e definindo a sua identidade ao longo dos séculos.

FIGURA 16 | MAPA DO REINO DO ALGARVE – 1837
ORIGEM | MAGALHÃES, Natércia; *ALGARVE – Castelos, Cercas e Fortalezas*, 2008; LETRAS VÁRIAS, EDIÇÕES E ARTE; Pág.17

(...)Ainda a mesma nação,

Mas com outros sinais.

E a memória também

De que todo o além

Começa neste cais[42]

42 Citado por: TORGA, Miguel; *Diário XIV*, 1982

4.1| DE SILVES, POR LAGOS, A SAGRES

Após a Reconquista, o território que hoje se define administrativamente como os concelhos de Vila do Bispo e de Lagos esteve sob o termo do Concelho de Silves, o que significava que ali estava sediada a administração civil, militar e judicial de todo este território. Todavia, em 1361, a população de Lagos, queixando-se de Silves deixar passar demasiados crimes e de retirar a Lagos os homens capazes de defender a sua terra e a sua população, levando ao declínio da vila, obteve do Rei D. Pedro I a sua própria administração civil. Lagos foi então desmembrado de Silves, tendo o território de Vila do Bispo ficado sobre a administração civil, militar e judicial de Lagos.

Finalmente, a 26 de Agosto de 1662, Vila do Bispo ganha por sua vez autonomia administrativa e é desmembrada da administração de Lagos:

> *"Lagos foi desmembrada do termo da cidade de Silves por D. Pedro I, monarca que lhe concedeu jurisdição própria através de carta de 5 de Janeiro de 1361. Os limites iniciais do termo abrangiam a área compreendida entre essa povoação e o Cabo de São Vicente. Foram estabelecidos em 25 de Julho de 1374 por carta de D. Fernando. Nela mencionaram-se as aldeias de Raposeira, Aldeia do Bispo, Conraja (topónimo que não conseguimos identificar), Figueira "e todallas outras aldeas e casaaes que stam de o cabo de sam vicente ataa a dicta vila de Lagos" , sem todavia os delimitar rigorosamente."*[43]

43 Citado em: CORRÊA, Fernando Cecílio Calapez; A CIDADE E O TERMO DE LAGOS NO PERÍODO DOS REIS FILIPES; CENTRO DE ESTUDOS GIL EANES; 1994, Lagos, *p.19;*

4.1.1 | A Influência de Lagos

Lagos e Sagres, denominadas pelos muçulmanos como Zavaia e Terçanabal, viviam, no final da Reconquista Cristã, ofuscadas pela riqueza e importância de Silves. Enquanto Terçanabal (Sagres) entrou em declínio, Zavaia (Lagos) ganhou cada vez mais atenção por parte do poder real, e por parte dos navegadores das repúblicas italianas e do Norte da Europa que utilizavam Lagos como um ponto de passagem obrigatória na sua navegação.

A partir do fim do século XIII, as galés italianas paravam em Lagos em busca de conforto e de boas condições atmosféricas para dobrarem o Promontório Sacro. Simultaneamente, começaram-se a fixar colónias de genoveses, milaneses e de sicilianos, que aproveitavam a riqueza vinda do oceano e que ofereceram a Lagos um impulso económico que também beneficiou a Coroa de Portugal.

No século XV, devido a sua privilegiada situação e aos contactos que tinha com *o Mediterrâneo e o Norte da Europa, Lagos torna-se o berço dos Descobrimentos e da Expansão marítima*[44]. Em 1415 D. João I reuniu, na baia de Lagos, a frota que ia caminho de Ceuta.

Dom Sebastião, a 27 de Janeiro de 1573, elevou Lagos à categoria de Cidade, e é de Lagos que vão embarcar as forças militares para a Jornada de

44 Citado em: CORRÊA, Fernando Cecílio Calapez; A CIDADE E O TERMO DE LAGOS NO PERÍODO DOS REIS FILIPES; CENTRO DE ESTUDOS GIL EANES; 1994, Lagos, *p.26;*

Alcácer- Quibir, em Julho de 1578. Este facto demonstra assim a importância do sudoeste algarvio, visto *que Tavira entra em declínio devido ao assoreamento do seu porto e ao abandono das praças marroquina*[45]. Dom Sebastião realizou quatro visitas ao Sudoeste Algarvio durante o seu reinado e ainda mandou projetar uma muralha para a Aldeia do Bispo (hoje conhecida como Vila do Bispo), para que as populações reunissem capacidade suficiente para defender o território. O rei ainda voltou seis vezes antes de partir para Alcácer- Quibir, sendo que três delas permaneceu em Sagres ou em São Vicente. Lagos serviu de residência oficial dos Governadores do Reino até 1755.

45 Citado em: CORRÊA, Fernando Cecílio Calapez; A CIDADE E O TERMO DE LAGOS NO PERÍODO DOS REIS FILIPES; CENTRO DE ESTUDOS GIL EANES; 1994, Lagos, *p.26;*

FIGURA 17 | FOTOGRAFIA DO CABO DE SÃO VICENTE

ORIGEM | Vanda Rita Oliveira

4.1.2 | CABO DE SÃO VICENTE

Do Promontório Sacro, interdito aos humanos, onde os deuses descansavam à noite (...)

Do Lugum Cineticum, onde o sol cem vezes maior do que em qualquer outro lugar da terra fazia ferver o mar ao afundar-se (...).

Da Igreja dos Corvos fundada por valencianos foragidos, onde os homens de D. Afonso Henriques encontrava os restos mortais de S. Vicente (...)

Da Vila do Infante, com fortaleza, hospital e capela (...)

Da povoação de Terçanabal (...)

De tudo isto nada resta (...)

Resta o mar a duas cores (...)

Resta o fantástico tapete vegetal (...)

Mas nada disso quebra a solidão do lugar (...)

numa paisagem rude onde o vento não para de soprar.

É o "fim do mundo".[47]

47 Citado em: VELHINHO, João; *Repensar a História de Vila do Bispo*; 2003, Vila do Bispo, *p.07;*

FIGURA 18 | FOTOGRAFIA DO FAROL DO CABO DE SÃO VICENTE

ORIGEM | http://www.amn.pt/DF/Paginas/FaroldoCabodeSVicent

O Cabo tornou-se, assim, na nossa, modesta e sentida , opinião, um monumento, um marco de consagração e glorificação do martírio triunfal de São Vicente, um santuário, cercado pelo mar e pelo seu murmúrio constante, pela terra agreste, pelos ventos fortes da região, contemplando, constantemente, o rítmico percurso que o Sol que se põe diante de si e que nos recorda a resplandecente luz que invadiu o seu carácter. Tudo isto se materializou nesta imponente e majestática ponta rochosa, que se aos templos religiosos que se foram sucedendo no local..."[48]

48 Citado em: JESUS, Artur Vieira de; VILA DO BISPO – lugar de encontros, volume I; 2013, Vila do Bispo, *p.150;*

4.1.2.1 | A Influência do Cabo

As referências mais antigas ao Promontório Sacro que se tem conhecimento pertencem a Éforo, autor grego que viveu entre os séculos V e IV a.C.; ele destaca no local a existência de várias estruturas religiosas, um templo e um altar dedicado a Hércules. Alguns séculos depois, Artemidoro (na última década do séc. II a.C.), também de origem grega, salienta a inexistência de qualquer estrutura religiosa ou de culto no local, facto que pode ser justificado de duas formas, devido ao largo período entre os dois autores (cerca de 300 anos), esta estrutura pode ter sido destruída ou Artemidoro pode não ter encontrado o local a que Éforo se referia. No século I a.C. Estrabão (historiador, geógrafo e filosófico grego) vai batizar o Cabo de *Hieron akroterion* – Promontorium Sacrum. Na sua passagem por este território, descreve que *"em muitos sítios há grupos de três ou quatro pedras, que são pelos visitantes voltadas por tradições e deslocadas depois de fazerem libações."* Descreve ainda que os peregrinos não podiam fazer sacrifícios e que não era permitido a presença de ninguém durante a noite, porque então os deuses frequentavam o local.

Durante a antiguidade, o local manteve uma grande expressão espiritual e religiosa, caracterizado como o local *"...mais ocidental, não só da Europa, mas de todo o mundo habitado (...)"*[49].

Quando o Rei D. João I dobrou o Cabo no seu trajeto a Ceuta para a que

49 Citado em: JESUS, Artur Vieira de; *VILA DO BISPO – lugar de encontros*, volume I; 2013, Vila do Bispo, *p.150;*

seria a primeira praça portuguesa, em 1415, *mesuraram todas suas velas, (...) por sinal de reverência*[50], havendo já referências de que o Rei antes de sair de Lisboa nesta expedição rezou *perante as relíquias de São Vicente...*[51]. Esta adoração por São Vicente vai ser visível quando o rei, às portas da morte, pediu para o levarem a Sé de Lisboa para que ele pudesse escutar a missa na Capela-mor, perante o Altar de São Vicente; e fez chegar, ao vedor da empreitada, o dinheiro que era necessário para terminar essa mesma capela que teve em obras durante vários meses. *Assim se despediu o velho Mestre de Avis, vencedor sobre Castelhanos e Mouros, "... de um santo que particularmente venerava".* [52]

O seu filho, o Infante D. Pedro, mandou construir uma Ermida no Cabo para que fosse assinalado o local de sepultamento de S. Vicente , e ainda que fosse construídos uma casa e um hospital, administrados por frades Franciscanos, de forma a que fosse possível albergar e ajudar peregrinos e viajantes, celebrar missas e que fossem sepultados os mortos. Em 1515 iniciou-se a construção de uma torre, na qual os religiosos acendiam uma fogueira para servir de guia aos navegadores que por ali passassem.

O culto de São Vicente era de tal forma respeitado que mesmo quando no ano de 1587 Sir Francis Drake devastou a zona de Sagres e do Cabo de São Vicente, a Relíquia de São Vicente foi dos primeiros objetos a serem protegidos. Neste ataque Francis Drake tomou de assalto o convento, tendo destruido a torre que servia para orientar os navegadores. Apenas em 1606,

50 Citado em: JESUS, Artur Vieira de; *VILA DO BISPO – lugar de encontros*, volume I; 2013, Vila do Bispo, *p.151;*

51 Citado em: JESUS, Artur Vieira de; VILA DO BISPO – lugar de encontros, volume I; 2013, Vila do Bispo, *p.151;*

52 Citado em: JESUS, Artur Vieira de; VILA DO BISPO – lugar de encontros, volume I; 2013, Vila do Bispo, *p.151;*

a mandado de D. Filipe II é que se iniciaram as obras de restauração da torre, que apesar dos esforços e das várias tentativas de restauração nenhuma foi concluida. Só em 1846, a comando de D. Maria II, iniciaram-se as obras de restauração do farol de São Vicente, maior parte como ainda hoje podemos visitar. *O aparelho iluminante era composto por dezasseis candeeiros de Argand com refletores parabólicos, funcionando a azeite*[53] que rodava devido a um mecanismo de relojoaria.

Em 1865 há relatos que garantem que o farol esteve ao abandono e em estado lastimoso durante anos, mas em 1908 a torre do farol foi alteada 5,70 metros, o sistema luminoso foi alterado por uma óptica hiper-radiante, com 1330 mm de distancia focal, tornando-se a maior óptica nos faróis portugueses e uma das poucas existentes no mundo. A iluminação passou a ser feita por candeeiros de nível constante de cinco torcidas, e mais tarde por incandescência do vapor de petróleo, mas a rotação do farol era feita pelo mesmo mecanismo de relojoaria instalado em 1846.

Em 1914 foi instalado, no farol, um sinal de nevoeiro; em 1926 foi eletrificado após a montagem de grupos eletrogéneos; em 1947 são instalados painéis aeromarítimos, sendo que em 1948 é ligado a rede elétrica publica; em 1949 foi instalado rádio-farol que foi desativado em 2001 por já não ser utilizado pelos navegadores. Em 1982 foram instalados vários mecanismos automáticos para que fosse controlado a distância.

Atualmente o farol ainda está em funcionamento, visitável em parte, sendo que um dos edifícios do farol é um pólo museológico; o edifício correspondente ao mosteiro encontra-se encerrado ao público.

53 (http://www.amn.pt/DF/Paginas/FaroldoCabodeSVicente.aspx)

FIGURA 19 | ILUMINURA DO CORPO DE SÃO VICENTE ACOMPANHADO PELOS CORVOS - 1502

ORIGEM | http://licoespraticas.blogspot.pt/2017/10/lenda-dos-corvos-de-s-vicente.html

Vicente foi um membro da Igreja Cristã hispânica bastante ativo. A sua dedicação e empenho foi de tal modo intenso que este Diácono, nascido em Saragoça, acabou por ser perseguido, preso, sujeito a tremendas sevícias e tormentos, na sequência dos quais acabou por morrer, no ano 304, tornando-se num dos mais importantes, e conhecidos, Mártires e Santos da história da Igreja Cristã. [54]

54 Citado em: JESUS, Artur Vieira de; VILA DO BISPO – lugar de encontros, volume I; 2013, Vila do Bispo, p.130;

4.1.2.2 | A Lenda de São Vicente

A história de Sagres esta indissocialvelmente ligada ao episódio de São Vicente, monge cristão, feito mártir na época Romana em Valência no ano de 304 por não renunciar a sua fé. De forma a por a salvo o seu corpo, um grupo de cristãos fugiu com ele num barco em direção ao Atlântico, viagem que correra sem incidentes até chegarem perto do Promontório Sacro, onde uma tempestade os arrastou para terra. Devido aos estragos na embarcação causados pela tempestade, viram-se obrigados a desembarcarem com as relíquias de São Vicente algures entre Sagres e o cabo, com a promessa do comandante de que assim que não houvesse perigo de piratas continuariam a viagem. Devido a instabilidade sentida neste território naquela época, os cristãos decidiram construir no topo da falésia uma ermida e um mosteiro em nome e em memória de São Vicente de forma a colocarem a salvo as suas relíquias.

Séculos mais tarde, ainda o Algarve estava sobre o domínio Mouro, o primeiro rei de Portugal, D. Afonso Henriques, sabendo da existência das relíquias sagradas do mártir junto a Sagres, ordenou uma expedição para que levasse os restos mortais do santo para Lisboa. Contudo, quando os homens de D. Afonso Henriques chegaram ao local não encontraram vestígios da dita ermida, e os cristãos que sobreviveram encontravam-se escondidos entre a população árabe. Navegando junto as falésias, a tripulação portuguesa foi surpreendida por um bando de corvos que os guiou até ao local onde se encontrava escondido o corpo de São Vicente. Estes mesmos corvos acompanharam o mártir até Lisboa tornando-se assim nas figuras de armas de Lisboa.

4.1.3 | SAGRES

Considerando o próprio topónimo "Sagres", devido a navegadores gregos que, desde o século VI a.C., exploraram a finisterra mediterrânica – o *Promontorium Sacrum* – a região atualmente abrangida pelo Concelho de Vila do Bispo foi, no todo, o grande Cabo Sagrado, perdendo relevância com o culto de São Vicente, entre os séculos VIII-XII d.C. – o Cabo de São Vicente.

Em 1443, o Infante D. Henrique, que já possuía propriedades em Lagos e na Raposeira (atual Concelho de Vila do Bispo), pede a D. Pedro, seu irmão e regente, que lhe conceda a região que hoje conhecemos por Sagres, com a finalidade de ali fundar uma vila, a dita Vila do Infante. Há indícios que esta vila foi erguida sobre as ruínas de uma povoação que se encontrava destruída. O Infante terá escolhido este território numa tentativa de refúgio espiritual, isolamento e aproximação com Deus, de ascetismo, até porque este território é um local sagrado, com uma grande misticidade e uma grande ligação espiritual.

A vila é criada, assim, como morada pessoal do Infante e da criadagem que o acompanhava. É de relembrar que nunca nenhum membro da família real tinha escolhido viver no Algarve. É na sua vila que acaba por passar os seus últimos meses de vida, tendo falecido a 13 de Novembro de 1460. O Infante D. Henrique dá especial atenção a este território, um local inóspito, extremo, como se de um "fim do mundo", imagem partilhada com outros povos que anteriormente exploraram esta região, designadamente fenícios, tartessícos, cartagineses, gregos, romanos, visigodos, moçárabes, árabes e cristãos. Após a morte do Infante, esta povoação perde importância e passa de

senhorio em senhorio até que em 1573, ano em que D. Sebastião I de Portugal mandou adoçar dois baluartes para a proteção dos seus habitantes.

A partir de 1834, Sagres começou a expandir-se fora da muralha da Fortaleza, fixando-se até hoje no local onde conhecemos, onde a pesca e o mar são o sustento da maioria dos seus habitantes.

FIGURA 20 | ALEGORIA À ESCOLA NAVAL DE SAGRES
ORIGEM | Museu da Marinha

Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.
Deus quis que a terra fosse toda uma,
Que o mar unisse, já não separasse.
Sagrou-te, e foste desvendando a espuma,

E a orla branca foi de ilha em continente,
Clareou, correndo, até ao fim do mundo,
E viu-se a terra inteira, de repente,
Surgir, redonda, do azul profundo.

Quem te sagrou criou-te português.
Do mar e nós em ti nos deu sinal.
Cumpriu-se o Mar, e o Império se desfez.
Senhor, falta cumprir-se Portugal! [55]

55 Citado em: PESSOA, Fernando; *Mensagem*; canto sexto, I - *O Infante*

4.1.3.1 | A mítica Escola de Sagres

A "Escola de Sagres" constitui um dos maiores mitos da História Portuguesa.

A historiografia tradicional defendeu que, por volta de 1417, se estabeleceu uma Escola Náutica em Sagres, fundada pelo Infante D. Henrique, após ter regressado de Ceuta. O Infante fixou-se em Sagres nos últimos anos da sua vida, mais concretamente na Vila intramuros da Fortaleza que mandou erguer, local onde se terá rodeado de mestres de navegação, criando uma Tercena Naval, no qual pontificava Damião Góis, cartógrafo catalão, convidado para que prestasse os seus serviços em Sagres. Esta escola teria então formado a generalidade dos capitães das naves portuguesas, em particular, os grandes Descobridores, como Vasco da Gama e Cristóvão Colombo. Esta fundação da Escola de Sagres começou por ser aludida por Damião de Góis e depois pelo historiador inglês Samuel Purchas, já no século XVII, e manteve-se como facto até ser contestado por Luís de Albuquerque, que, na obra *Dúvidas e Certezas na História dos Descobrimentos Portugueses* (Lisboa, 1990, pp. 15-27), demonstrou que a sua existência resultaria de uma interpretação equívoca.

Em rigor, esta Escola não seria, como estamos habituados nos dias de hoje, um edifício, antes um local de reunião de mareantes e cientistas que congregavam o saber científico dos matemáticos, astrónomos e geógrafos com o saber e prática dos marinheiros, de forma a desenvolver novos métodos de navegação, desenhar cartas marítimas e adaptar navios que todos os anos saiam para o alto mar.

Na verdade, trata-se de uma escola mental, que reúne os saberes e técnicas de construção naval dos mares do norte com os aparelhos vélicos e instrumentos de navegação do Mediterrâneo, ou seja, a robustez dos cascos "nórdicos" com as triangulares velas bolineiras. Neste sentido, sim, estamos perante uma verdadeira escola de pensamento e ciência naval.

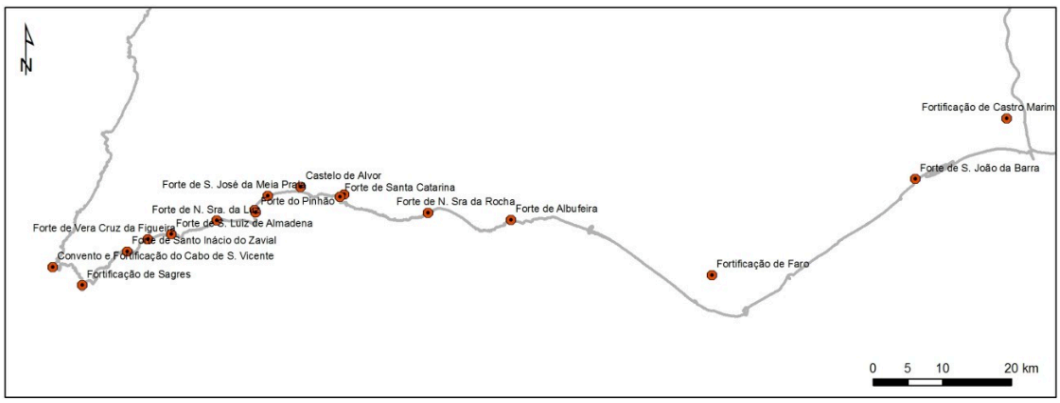


FIGURA 21| MAPA COM AS LOCALIZAÇÕES DOS FORTES E FORTIFICAÇÕES DO REINO DO ALGARVE – LITORAL SUL

ORIGEM | Mateus Couto

Os Castelos do Algarve têm uma identidade própria, no contexto dos castelos portugueses. As suas fortalezas têm também aspectos únicos que estão relacionados com a geografia militar algarvia. Esses factores caracterizantes são sempre muito subtis estando somente ao alcance dos especialistas. [56]

56 Citado em: MAGALHÃES, Natércia; *ALGARVE – Castelos, Cercas e Fortalezas*, 2008; LETRAS VÁRIAS, EDIÇÕES E ARTE; Pág.12

4.2 | *Um mar Inseguro*

Durante séculos, desde a desagregação do império Romano no século V até aos inícios do século XIX, a costa algarvia ficou exposta a uma intensa atividade de pirataria e de pilhagem de atacantes oriundos sobretudo do norte de África. Esta situação de perigo levou a que as mais antigas povoações do Concelho se situassem em zonas interiores (Vila do Bispo, Raposeira, Hortas do Tabual, Figueira e Budens) e as povoações costeiras (Sagres e Burgau) se protegessem com fortificações, à exceção de pequenos portos piscatórias, como por exemplo a Praia da Salema, que não possuía edificações religiosas (igreja e cemitério).

Há vários registos da instabilidade que se fazia sentir neste território; mesmo após a conquista do Reino do Algarve aos Muçulmanos em 1429, continuaram a ocorrer tentativas de reconquista e de retaliação, e nos séculos seguintes a costa permaneceu à mercê de ataques de piratas e corsários de várias proveniências.

O conjunto de fortificações neste extremo do Algarve inseria-se numa rede defensiva de toda a costa portuguesa composta por cerca de 100 fortes, fortalezas e baterias. A consideração da distribuição destas fortificações (uma no distrito de Aveiro, uma no distrito Braga, seis no distrito do Porto, sete no distrito de Viana do Castelo, três no distrito de Coimbra, quatro no distrito de Leiria, trinta e dois no distrito de Lisboa, catorze no distrito de Setúbal, dois no distrito de Beja e vinte sete no distrito de Faro, isto sem contar com os castelos) permite reconhecer os locais que sofriam mais ataques por mar: Lisboa, Setúbal e Faro, que somam um total de setenta e três fortes nestes três distritos.

Apesar de no Algarve existirem quase um terço destes fortes, podem-se reconhecer duas realidades, a do Barlavento e do Sotavento. No litoral do Barlavento – Aljezur, Vila do Bispo, Lagos Portimão, Lagoa, Silves e Albufeira- existem pelo menos vinte e uma fortificações, com maior incidência no Concelho de Vila do Bispo (oito fortificações) e Lagos (quatro fortificações). No litoral do Sotavento algarvio – Faro, Tavira, Castro Marim e Vila Real de Santo António- existem pelo menos seis fortificações, tendo maior incidência no Concelho de Tavira (duas fortificações) e Vila Real de Santo António (duas fortificações). É esta distribuição que nos permite reconhecer que a costa em torno de Vila do Bispo correspondia a um mar inseguro. É devido aos ataques constantes, ao rapto dos seus habitantes para o trafico humano e a pilhagem, que as aldeias costeiras do que é hoje o Concelho de Vila do Bispo tiveram a necessidade de aumentar a defesa e proteção. Já a 22 de Dezembro de 1323, D. Dinis autorizou João Cordeiro, um simples morador de Lagos, a reforçar uma torre na povoação de Budens, que, provavelmente, situar-se-ia no Monte da Torre, antiga localização da aldeia entre a Praia da Boca do Rio e a atual localização da aldeia de Budens.

Apesar do sistema defensivo ter sido reforçado por D. João III, ficou marcado na história o ataque conduzido por Sir Francis Drake em 1587, que devastou o sistema defensivo de Sagres e do Cabo de São Vicente. Após este grande ataque reabilitou-se e reforçou-se a Fortaleza de Sagres (Séc. XVI), foi erguida uma fortificação em redor e reabilitou-se o Convento do Cabo de São Vicente (1606); posteriormente, construi-se o Forte de Burgau (Séc. XVII), o Forte do Zavial (1630-1633), o Forte de São Luís de Almadena (1632), reabilitou-se o Forte do Beliche (1632), e uns anos depois D. João IV mandou construir o Forte de Vera Cruz, na Figueira. Esta insegurança

prolongou-se até ao século XIX, terminando apenas em 1834, após a guerra civil. Com a estabilidade nos anos seguintes, seja nacional seja internacional, todo o sistema defensivo foi perdendo importância militar, os fortes foram abandonados sem manutenção (à exceção da Fortaleza de Sagres), ficando progressivamente arruinados.

Esta situação de perigo e de constante vigilância reflete-se na toponímia nos locais mais pertos da costa, como a Torre de Aspa (Vila do Bispo), Ponta da Torre (Raposeira), Cerro da Atalaia (Raposeira) e Atalaia de Sagres (Sagres).

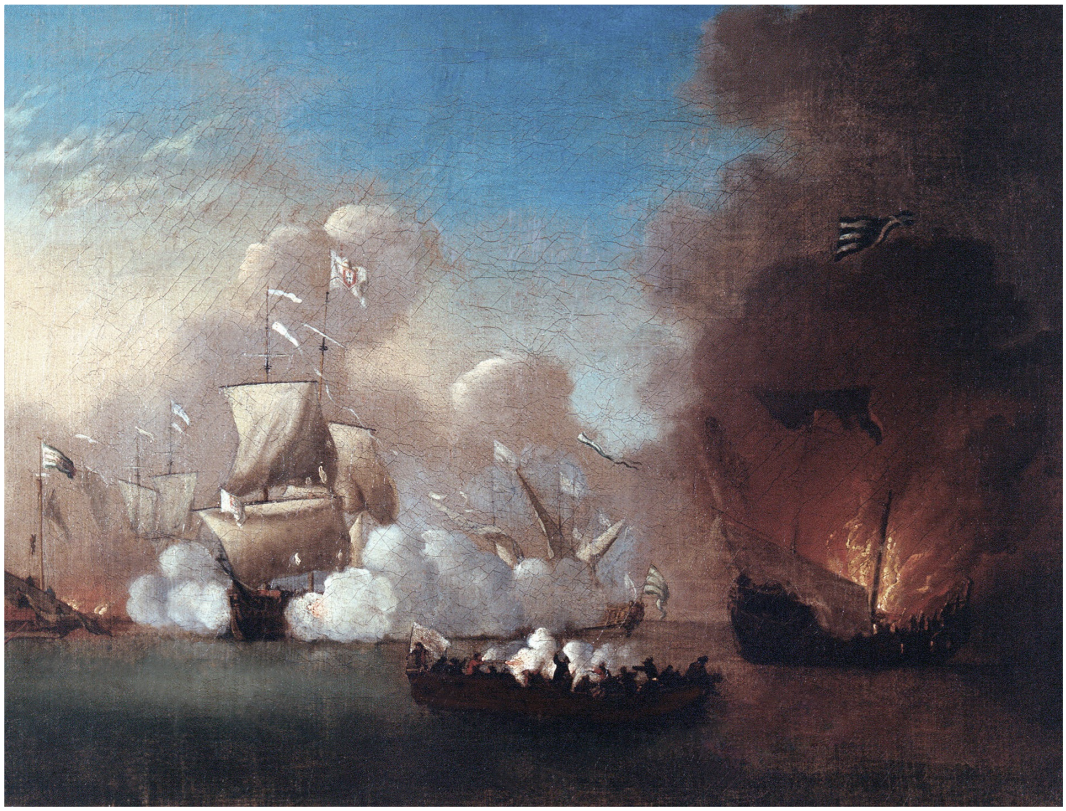


FIGURA 22| PINTURA DE PETER MONAMY "*COMBATE NAVAL*", 1685

ORIGEM | CCM- Centro de Conhecimento do Mar

4.2.1 | NAUFRÁGIOS

Com este cenário de repetidos ataques e pilhagens, muitas batalhas marítimas se desenrolaram na costa algarvia; dos 140 naufrágios registados ao largo da costa algarvia, 78 ocorreram ao largo do Concelho de Vila do Bispo. De todas estas batalhas e naufrágios, há dois momentos que se destacam, a Batalha de Lagos e a história heroica do Galgo.

A Batalha de Lagos aconteceu em Agosto de 1759, durante a Guerra dos Sete Anos, entre as armadas francesas e inglesas. As tropas francesas, composta por 21 navios de guerra, teriam que passar por Gibraltar, que se encontrava bloqueada pelas tropas Inglesas, para conseguir alcançar Brest, mas foram avistados pelos navios do almirante Edward Boscawen, a dia 17 de Agosto; apesar da frota francesa ter conseguido passar pelo estreito de Gibraltar, os ingleses conseguiram alcançá-los no dia seguinte. Ambas as frotas se dividiram, cinco dos navios da frota francesa procuraram refúgio em Cádis, outros sete tentaram refugiar-se no mesmo local mas foram interceptados pela frota inglesa. Enquanto o navio de 74 canhões, o *Centaur* era capturado pela frota inglesa, dois navios continuaram para oeste escapando ao ataque, e os outros quatro - o *Téméraire*, o *Modeste*, o *L'Océan* e o *Redoutable* – escaparam e procuraram proteção nas águas neutras de Portugal. Mesmo estando em águas neutrais, os ingleses perseguiram os quatro navios, sendo que o *Téméraire* e o *Modeste* foram capturados ao largo da praia da Figueira e em Sagres, respectivamente; o *L'Océan* e o *Redoutable* foram destruídos: o primeiro foi encalhado ao largo do Forte de São Luís de Almadena (Budens) pelos próprios tripulantes que tentavam refugiar-se em terra, salvando-se a maioria dos tripulantes (há registo de 40 feridos e de 25 mortos, incluindo o almirante La Clue) do

bombardeamento da frota inglesa; o segundo navio foi incendiado quando tentava encalhar na praia do Zavial (Raposeira). Desta forma, a tentativa francesa de invadir território inglês caiu por terra.

O episódio com o Galgo ocorreu em 1917, durante a Primeira Guerra Mundial. Portugal tinha entrado na Primeira Guerra Mundial apenas em 1916, a sua Marinha estava debilitada por uma longa crise política e económica e a costa encontrava-se desprotegida. A 24 de Abril de 1917, o Submarino Alemão U-35, comandado pelo Lothar von Arnauld de la Perière, posicionou-se entre Lagos e Sagres de forma a conseguir interceptar e afundar as embarcações que transportavam mercadorias para os aliados, inimigos da Alemanha. Apenas nesse dia interceptou nove embarcações, das quais quatro afundaram na costa portuguesa: o Torvore, navio norueguês que levava carvão prensado, foi afundado ao largo de Sagres; de seguida, o Nordseon, dinamarquês, e o Vilhem Krack, norueguês; e por último, o Bienaimé, italiano. Nos quatro naufrágios, o comandante alemão abordava cada embarcação, verificava a documentação e a carga, dava tempo à tripulação de sair e distanciar-se o suficiente da embarcação e só depois afundava o mesmo, deixando assim a tripulação no mar a sua mercê. Os tiros disparados pelo U-35 deram o alerta em terra, sendo que o Galgo zarpa em sua direção de forma a conseguirem assistir aos naufrágios, caso existissem sobreviventes. O Galgo era um rebocador de pequenas dimensões, semelhante a uma traineira, com capacidade para cerca 15 tripulantes, que tinha requisitado pela Marinha Portuguesa.

O Galgo tinha apenas uma peça de artilharia de pequenas dimensões, um canhão revolver, que tinha um alcance de duas milhas, enquanto o submarino U-35 tinha um alcance de 15 milhas, mas, apesar desta grande

desproporção dos meios de combate, os portugueses dispararam 5 tiros contra o submarino, do qual não obtiveram resposta. Os quinze tripulantes do Galgo conseguiram salvar todos os marinheiros que tinham ficado à no mar, num total de setenta homens.

FIGURA 23 | PINTURA ALUSIVA ÀS CONQUISTAS PORTUGUESAS – AUTOR DESCONHECIDO
ORIGEM | http://www.causamerita.com/descobrimentos.htm#O_Dom%C3%ADnio_dos_Mares

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!

Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!
Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.

Quem quere passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu. [57]

57 Citado por: Fernando Pessoa; "*Mar Português*" *in* Mensagem

4.3 | OS DESCOBRIMENTOS

Entre os séculos XV e XVII, no período genericamente denominado de Descobrimentos, a expansão marítima dos portugueses, que permitiu o traçado de novas rotas comerciais e a instalação de uma rede global de pontos de comércio, moveu gentes de todo o País, incluindo, naturais do Algarve, em particular, do Concelho de Vila do Bispo

> *Sabemos, por exemplo, que um natural da Raposeira, chamado de Vasco Vicente Raposo, foi um dos povoadores de São Miguel (Açores). No entanto, os irmãos João e Vicente Esteves, de Budens, também terão participado em algumas expedições marítimas.* [58]

Desse período, também os vestígios estão um pouco por todo o território. A Igreja de São Sebastião, em Budens, aldeia estrategicamente situada entre Lagos e Sagres, é um dos locais mais fortemente marcado. A sua construção remota ao século XVI, e embora tenha sido alvo de duas grandes intervenções, a primeira em 1762 devido ao terramoto de 1755 e segunda intervenção devido ao sismo de 28 de Fevereiro de 1969, ainda é possível verificar no seu interior duas *pias, finamente lavradas em pedra e com motivos decorativos navais e vegetais*[59], ornamentos característicos da época dos Descobrimentos.

Também na aldeia de Budens, mais precisamente na antiga Casa do

58 Citado em: CORRÊA, Fernando Cecílio Calapez; A CIDADE E O TERMO DE LAGOS NO PERÍODO DOS REIS FILIPES; CENTRO DE ESTUDOS GIL EANES; 1994, Lagos, *p.26;*

59 Citado por: Artur Vieira da Jesus

Povo, é possível reconhecer duas cantarias em pedra, sendo que uma delas apresenta uma corda torcida como motivo, não se sabe ao certo a sua origem nem o porquê de terem sido utilizadas na Casa do Povo, mas pressupõe-se que tenha pertencido à Igreja de São Sebastião antes das reformas.

No século XV, a Boca do Rio era denominada de Rio de Almádena, onde se situava uma azenha, uma Capela dedicada a Santa Elisabete e, desde a Época Romana, um dos locais ideais para a armação de peixe. No século XVI esta armação tornou-se uma das mais importantes do Algarve, chegando a vir pessoas de outras localidades, não só do Algarve, mas de outras partes do país, trabalhar nesta armação. Devido aos ataques constantes de pirataria D. Filipe III mandou construir no topo nascente da falésia o Forte de São Luís de Almadena no ano de 1632 para proteger a população e a dita armação de peixe.

Mais a Oeste, no sítio da Guadalupe, encontra-se a Ermida dedicada a Nossa Senhora da Guadalupe, um conjunto arquitectónico datado do século XV que apresenta características tardo-góticas.

Na Raposeira, a Igreja de Nossa Senhora da Encarnação, que apresenta um pórtico manuelino dos finais do século XV/XVI e a Casa do Infante, local que terá alojado o Infante D. Henrique, com cantarias da época, atestam esse período

Na Vila do Bispo temos evidências como a Naveta *utilizada na recepção feita pelo infante D. Henrique a D. Afonso V* (1458); um Relicário de São Vicente (século XV/XVI); e ainda a Ermida de Santo António, mandada reconstruir no século XV por Infante D. Henrique para o culto religioso dos peregrinos que se dirigiam para São Vicente. Fortemente ligado a

esta Ermida está o Vale Santo, local de passagem e de preparação espiritual pelos peregrinos que liga a Ermida a São Vicente.

O Cabo de São Vicente, como já foi possível ter conhecimento de subtemas anteriores, está fortemente ligado a espiritualidade desde os tempos mais remotos, tendo tido várias Ermidas e Albergues para os peregrinos. Em plena época dos Descobrimentos, em 1516, foi mandado construir o Mosteiro, ainda hoje possível visitar no Farol de São Vicente, habitado por religiosos franciscanos até 1834.

4.3.1 | ROTAS MARITÍMAS

No século XIV a Europa atravessou um período de crise económica causado por vários maus anos agrícolas, por guerras e por epidemias. Portugal, não só sofreu estas crises, como também atravessou por uma crise política. Além disso, escassez de metais nobres, de cereais, de mão-de-obra e de algumas matérias primas, facto que impulsionou a sua procura pela via marítima.

Assim foi necessário criar rotas comerciais que pudessem trazer para Portugal o que havia em escassez, como a rota do Sudão, que trazia ouro e escravos, ou a rota do Mar Vermelho, do Mediterrâneo ou do Norte de África, de onde vinham as especiarias.

A conquista de Ceuta tornou-se uma opção estratégia para Portugal: a sua localização geográfica permitia controlar a passagem do Mediterrâneo para o Atlântico, impedir a pirataria árabe no Estreito de Gibraltar e facilitava a conquista de outras praças do Norte de África. Ceuta era

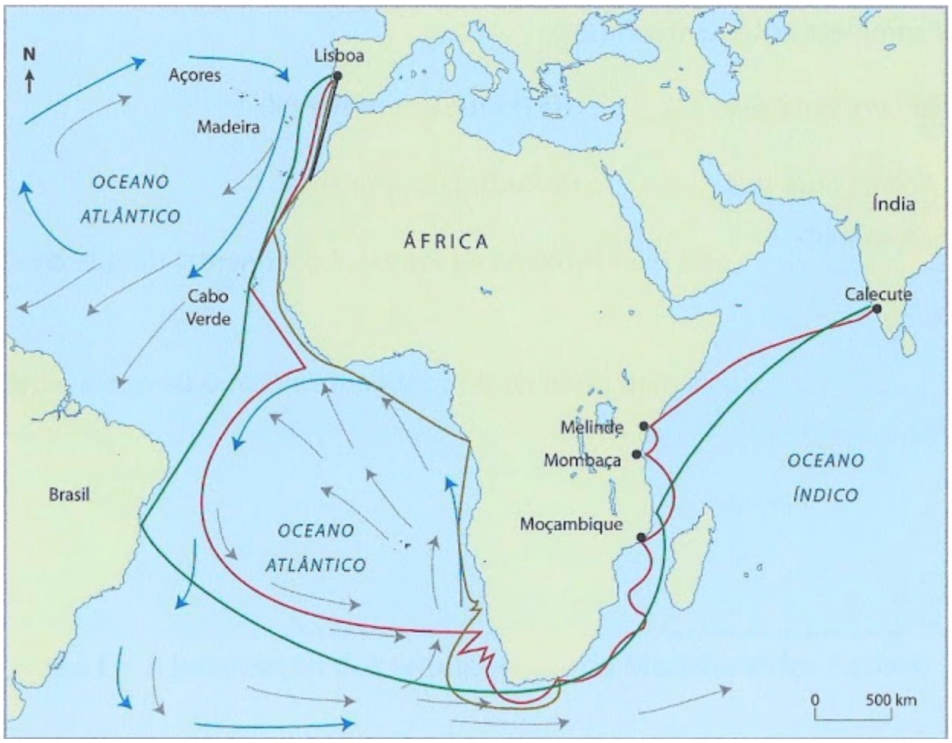


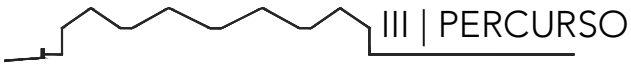
FIGURA 24 | MAPA DAS ROTAS DE VIAGENS DOS DESCOBRIMENTO E DO COMÉRCIO

ORIGEM | http://histgeo6.blogspot.pt/2017/05/temporario-para-aula-do-5-ano.html

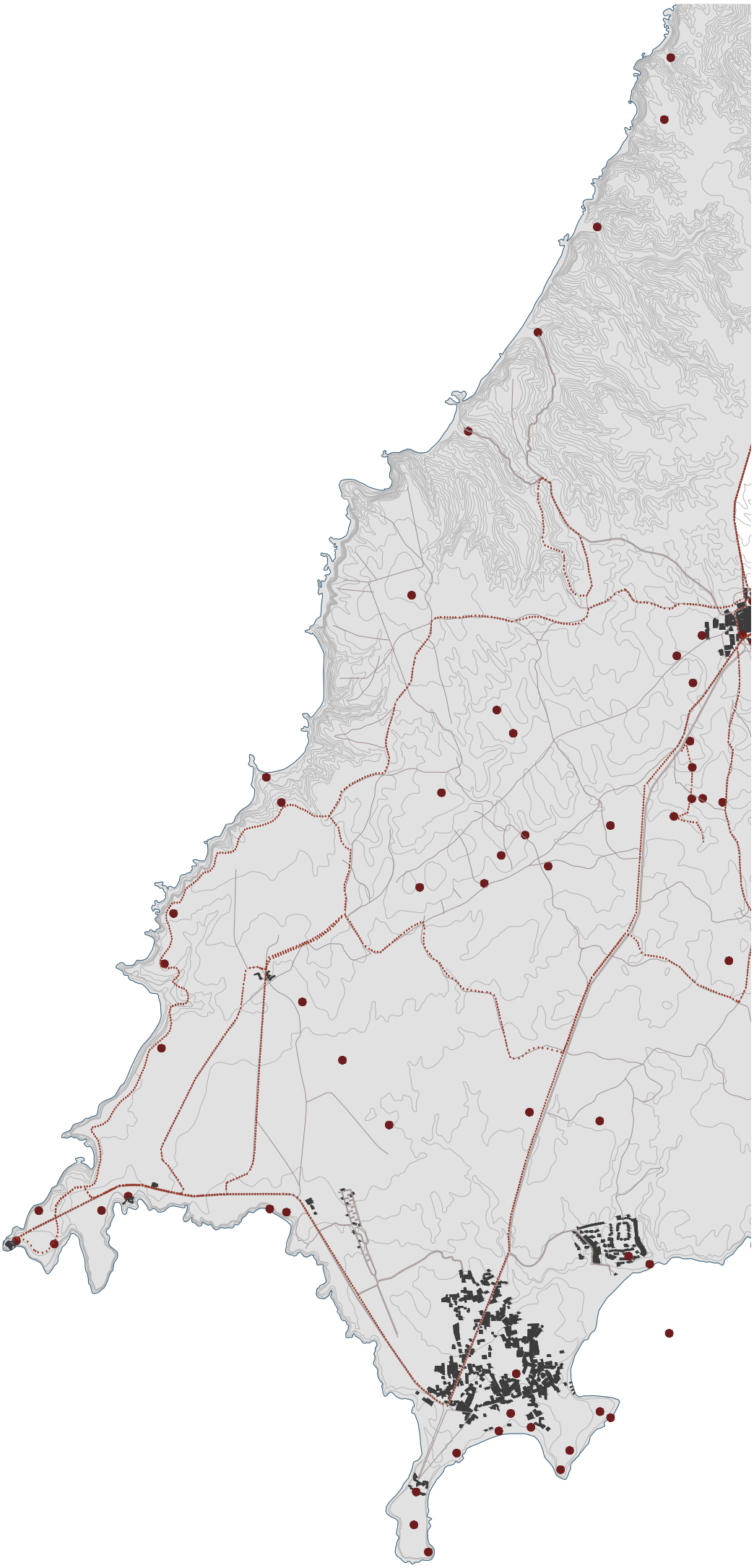
também um importante entreposto comercial para onde onde convergiam as importantes rotas comerciais acima descritas. Em seu redor, existiam solos férteis para o cultivo de cereais que escasseavam em Portugal. A tomada de Ceuta também tinha como finalidade impulsionar a expansão do cristianismo em terras muçulmanas.

Todavia, devido a constantes ataques de retaliação, a defesa e a manutenção da cidade exigiam demasiadas despesas e dificultava o cultivo dos campos e a produção de cerais necessária. As rotas comerciais acabaram por ser desviadas para outras cidades pelos muçulmanos, pelo que tornou-se necessário abandonar a expansão territorial a partir de Ceuta e procurar novos rotas apoiadas nas ilhas atlânticas e em entrepostos na costa ocidental africana, numa estratégica definida pelo Infante D. Henrique.

É neste contexto que se compreende a importância de Lagos, não apenas para as rotas portugueses no Atlântico, mas também para as rotas de comércio já estabelecidas, como ponto de escala para os navios que saiam de Itália em direção ao norte da Europa. Desta forma todo o território em redor de Lagos obteve grande atenção, principalmente de piratas que tomavam de assalto as povoações vizinhas, tema descrito anteriormente no *4.2. Um mar inseguro*.



III | PERCURSO



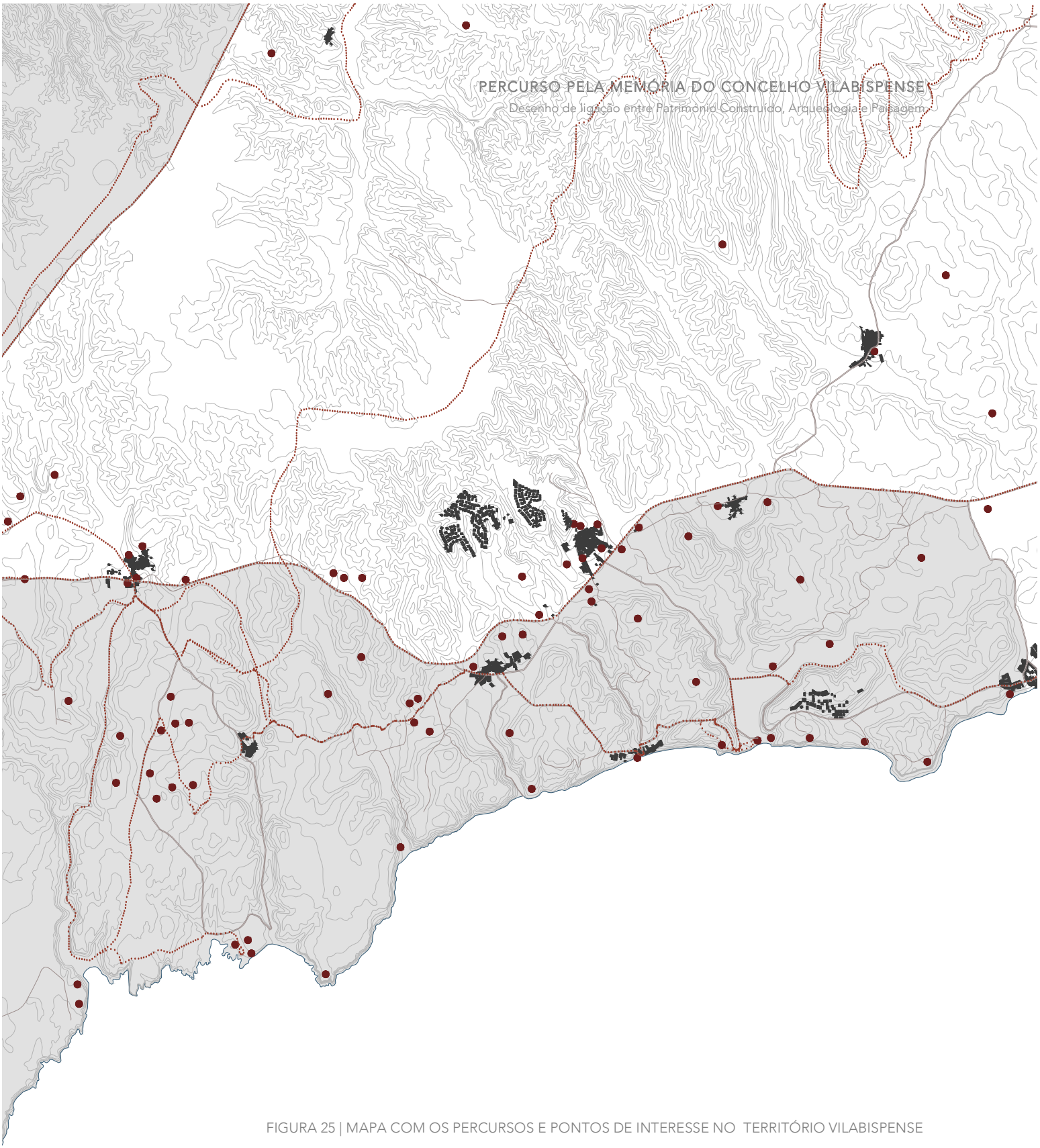


FIGURA 25 | MAPA COM OS PERCURSOS E PONTOS DE INTERESSE NO TERRITÓRIO VILABISPENSE

ORIGEM | Elaborado por Raquel Cravinho

O presente mapa cruza informações como a topografia, a área protegida do Parque Natural, as vias de acesso principais e secundárias, os percursos e trilhos existentes e os pontos de interesse cultural, arqueológico, histórico e/ou etnográfico. O cruzamento desta informação vai influenciar o traçado do novo percurso que será proposto de forma a complementar esta rede de memórias, paisagens e história.

III | PERCURSO

> *A partir do momento em que são construídas, adquirem <<uma expressão geográfica permanente>> e passam a fazer parte da paisagem*[60]

Não se podia propor um *Percurso pela Memória de Vila do Bispo* sem primeiro fazer um levantamento de todas as rotas e percursos existentes ou que existiram no Concelho.

5 | PERCURSOS E ROTEIROS EXISTENTES

A ROTA VICENTINA é uma rede com vários tipos de percursos percorrendo num total de 450 km de extensão, desde Santiago do Cacém até ao Cabo de São Vicente, Vila do Bispo. É formada pelo denominado "Caminho Histórico", pelo "Trilho dos Pescadores" e por percursos circulares no coração do Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina.

No Concelho de Vila do Bispo existem apenas dois tipos de percursos, o "Caminho Histórico" e o "Trilho dos Pescadores", sendo que o primeiro tem início na aldeia da Carrapateira (Concelho de Aljezur), passa pela Aldeia da Pedralva (Concelho de Vila do Bispo), em direção a Vila do

60 Citado em: MATOS, Ana Cardoso de; *in* CARDOSO, Isabel Lopes. *Paisagem Património; p.144*

Bispo, seguindo pelo Vale Santo e terminando no Cabo de São Vicente (Sagres); o "Trilho dos Pescadores" tem início no caminho histórico, um pouco antes do Vale Santo, na Ponta Ruiva (existe a indicação dos dois percursos) e termina a 1km do Cabo de São Vicente, em frente a Pedra das Gaivota, onde se une com o "Caminho Histórico" até ao Cabo de São Vicente. O Circuito da Praia do Telheiro (nome que identifica este troço do trilho dos pescadores) é considerado um geossítio, o que quer dizer que é um sítio com um grande significado geológico, sendo considerada a mais significativa da Península Ibérica.

O "Caminho Histórico" está dividida em dois troços, o da Carrapateira – Vila do Bispo e o de Vila do Bispo – Cabo de São Vicente. O primeiro é caracterizado como com um grau de dificuldade fácil, com uma extensão de 22 km (sensivelmente 6 horas) e aconselhado de Setembro a Junho; o segundo é caracterizado como algo difícil, com uma extensão de 14 km (sensivelmente 4 horas) e também é aconselhado de Setembro a Junho. O circuito da Praia do Telheiro tem um grau de dificuldade Difícil, uma extensão de 6 km (+/- 2.5 horas), e como os restantes é aconselhada de Setembro a Junho.

A CICLO-ECOVIA DO ALGARVE é uma rota ciclável que liga o Cabo de São Vicente, no Concelho de Vila do Bispo, a Vila Real de Santo António, passando por 12 dos 16 Municípios do Algarve, numa extensão total de 214 km.

O TRILHO AMBIENTAL DO CASTELEJO, como o nome indica, situa-se perto da praia do Castelejo, é um percurso circular de pequenas

dimensões, com 3,5 km (sensivelmente 1:30h), que tem início e fim no Parque de Merendas. O trajeto é caracterizado por pinheiros, medronheiros, rosmaninho, tojo-do-sul, aroeira, esteva, groselha grande, entre outros tipos de árvores e arbustos. Em termos de fauna é caracterizada pelos pica-pau-malhado, gaio, chapim-real, por alguns répteis, e por mamíferos, como o javali, raposa e coelho bravo. De vários pontos ainda é possível ter uma viste geral sobre a praia do Castelejo.

O PERCURSO PEDRESTRE PELAS ENCOSTAS DA RAPOSEIRA tem início no largo da Igreja de Nª Sª da Encarnação, na Raposeira, que tem como direção a praia do Barranco, este troço é caracterizado pelas escarpas e pelo cantar das aves. Chegando à praia do Barranco, existem duas possibilidades, a de fazer um percurso mais extenso, ou mais curto. O mais extenso segue até às ruínas da bateria do Zavial, passando pela praia de João Vaz e pela Praia da Ingrina, sendo que depois é necessário percorrer o mesmo percurso para trás até a praia do Barranco para continuar e regressar a Raposeira. O trajeto está traçado de forma a ser possível visitar os menires do Padrão e do Milrei, passando pela Aldeia das Hortas do Tabual, e ligando do a Via Algarviana até quase ao ponto inicial, na Igreja de Nª Sª da Encarnação, na Raposeira. Tem um nível de dificuldade intermédio e uma extensão de 13,7 km no percurso mais curto (sensivelmente 4h) e 18,2 km o mais longo(sensivelmente 5h).

O ROTEIRO DO CONCELHO é uma proposta de visita pelas aldeias históricas do Concelho, cada freguesia tem o seu próprio roteiro de forma a identificar os vários pontos de interesse em cada aldeia ou vila.

O roteiro da freguesia de Barão de São Miguel recomenda a visita a Igreja Matriz consagrada a São Miguel, Arcanjo, provavelmente do século XVI, mas que apresenta alguns aspectos Barrocos; o passeio pelas ruas, travessas, becos e pátios da aldeia; e ainda a visita ao cemitério, com foco nos elementos arquitectónicos e a sepultura/memorial do militar Joaquim António Conceição da Silva, falecido em Angola em, 1966.

O roteiro da freguesia de Budens está dividido em cinco, número de localidades existentes nesta freguesia (sendo uma das maiores do Concelho). Em Burgau recomenda-se que se visite e percorra as suas ruas e becos; a praia (onde é possível ver o oficio da apanha do peixe); e as ruínas do Forte de Burgau. Em Vale de Boi recomenda-se que se visite a Capela dedicada a São Lourenço; a paisagem que envolve a aldeia; e ainda as escavações arqueológicas que decorrem normalmente no mês de Agosto, todos os anos. Em Budens é imprescindível visitar a Igreja Matriz, dedicada a São Sebastião; a Rua da Casa do Povo, com um especial olhar sobre os degraus Manuelinos da antiga Casa do Povo; a Praça da República e a Rua das Areias de Cima. Ainda em Budens, na zona da Boca do Rio é de especial interesse visitar as Ruínas lusitano-romanas, especialmente nos meses de verão em que existe escavações arqueológicas ativas; o Forte de São Luís de Almadena; o trilho ambiental da Boca do Rio; e as ruínas da ermida de Santa Elisabete. Na Praia da Salema propõe-se a visita às pegadas de Dinossauro; ao passeio marítimo, onde é possível assistir ao oficio da apanha do peixe; a Rua dos pescadores; a Rua da Alegria; a estrada Joaquim Correia Lopes; e ao Bairro/miradouro da Encosta do Sol. Na Figueira propõe-se um passeio pelas suas ruas; às praias da Figueira e das Furnas; e a Necrópole da Idade do Bronze.

No roteiro da freguesia da Raposeira recomenda-se a visita a Capela de Nossa Senhora da Guadalupe; a Igreja Matriz dedicada a Nossa Senhora da Encarnação; a "Casa do Infante"; ao Rossio das Eiras; a Fonte; aos menires Milrei e Padrão; e as ruínas da Bateria e Forte do Zavial.

O roteiro da freguesia de Vila do Bispo tem como pontos de interesse a Igreja Matriz dedicada a Nossa Senhora da Conceição; o Centro de Interpretação que era o antigo Mercado Municipal; as ruas José Cardoso, rua do Outeiro, rua dos Moinhos, rua Capitão Viegas, rua Ribeira do Poço; a Praça Tanegashima; os Menires e a Necrópole do Monte dos Amantes; as Aldeias e as suas paisagens rurais das Hortas do Tabual e da Pedralva.

No roteiro da freguesia de Sagres é recomendado a visita às ruínas Romanas da praia do Martinhal; a Fortaleza de Sagres; à praia da Mareta; à Avenida Comandante Matoso; à Praça da República; ao Cemitério; ao Sítio do Poço; às ruínas do Forte de Nossa Senhora da Guia e o Porto de Pesca na Baleeira; o Forte de Santo António do Beliche; o Vale Santo; o Farol do Cabo de São Vicente, a sua paisagem e o seu magnífico pôr-do-sol.

O ROTEIRO DO MONTE DOS AMANTES é um pequeno percurso pedestre (menos de uma hora) perto do local conhecido como Garcia da Horta, ou Monte Salema, e que dá a conhecer aos seus visitantes vários menires, vistas panorâmicas, túmulos, fauna e flora muitos característicos desta região.

A VIA ALGARVIANA é um percurso de longa distância, 300 km de percurso traçado, sendo que há mais 492km formados por outros pequenos percursos que se podem percorrer como adição ao principal, que tem início em Alcoutim, perto do rio Guadiana, e termina no Cabo de São Vicente, Vila do Bispo. No Concelho de Vila do Bispo existem os últimos dois sectores, o sector 13, e o sector 14. O sector 13 tem início em Bensafrim, Concelho de Lagos, junto ao Mercado Municipal e termina em Vila do Bispo. Este trouço apresenta um grau de dificuldade difícil, com uma extensão de 30,1 km e uma duração aproximadamente de 8h.

O sector 14 parte de Vila do Bispo tem como ponto de partida a Igreja Matriz de Vila do Bispo e termina no Cabo de São Vicente. Apresenta um grau de dificuldade fácil, com uma extensão de 16,6 km e uma duração média de 5h.

A ROTA DOS OMÍADAS é um itinerário turístico internacional em crescimento, que visa dar a conhecer o património deixado pela dinastia Omíada, no seu período de expansão ao longo do Mediterrâneo no século VIII. Esta Rota está inserida num percurso que une sete países da orla mediterrânica – Itália, Tunísia, Egito, Jordânia, Líbano, Espanha (Andaluzia) e Portugal (Algarve). No Algarve este itinerário percorre os Concelhos de Vila Real de Santo António, Cacela Velha, Tavira, Faro, Estói, São Brás de Alportel, Martinlongo, Vilamoura, Alvor, Silves, Monchique, Aljezur e Vila do Bispo.

No Concelho de Vila do Bispo o itinerário destaca o Cabo de São Vicente, sendo o ponto mais Ocidental da Europa, local onde, segundo fontes escritas, existia a Ermida do Corvo no período Omíada (entre o ano de 713 e 1031), e por isso, tornou-se um dos principais lugares de

peregrinação da cristandade moçárabe e de muçulmanos, que apesar do valor espiritual, não restam vestígios.

A ROTA EUROPEIA DOS DESCOBRIMENTOS – DESCUBRITER – é um percurso que tem como objectivo valorizar o património histórico e cultural do território do Algarve e da Andaluzia ocidental – território que esta fortemente vincado à era dos Descobrimentos.

Esta rota turística-cultural tem como pontos Utrera, Lebrija, Gelves, Coria del Rio, Palos de la Frontera – em Espanha – Vila do Bispo e Sagres – em Portugal.

A ROTA DE *AL-MUTAMID* é um percurso entre Portugal e Espanha que honra a memória do rei poeta nascido em Beja e que se tornou rei da Taifa de Sevilha. Tem inicio em Aljezur, passando por Sagres, Silves, Albufeira, Paderne, Loulé, Tavira, Huelva, Niebla, Almoraster la Real terminando em Cortegana. Tem ainda troços não materializados de Lisboa a Aljezur, de Niebla a Sevilha, de Sevilha a Cortegana e de Cortegana a Lisboa, passando ainda por Beja. É um percurso caracterizado pela paisagem e pelo património monumental que permite "(...)*sentir uma continuidade histórica das povoações do Alentejo e do algarve com a Andaluzia ocidental, porque de facto houve um período em que no passado toda esta zona do mundo se chamava al-Andalus"*[61]

ESTAÇÃO DE BIODIVERSIDADE DA BOCA DO RIO corresponde a um pequeno roteiro circular de 2km acompanhado de painéis informativos

que inicia e termina na praia da Boca do Rio. A informação nos painéis valoriza a vasta biodiversidade nesta área, sendo, em certos casos, única.

6 | PERCURSOS E ITNERÁRIOS DESATIVADOS/EXTINTOS

O CAMINHO DOS SOLDADOS, trata-se de um conjunto de pequenos troços de pavimento empedrado, correspondentes a um antigo itinerário que tinha como função ligar as estruturas militares, fortes e baterias, existentes ao longo da costa do Concelho, com a missão defender as armações de pesca de atum, possibilitando a mobilidade de soldados e de peças de artilharia em caso de ataque. Não existem levantamentos e estudos específicos, nem documentação ou peças desenhadas. O seu conhecimento encontra-se bem presente entre a população local e são visíveis em pequenos troços que sobreviveram até aos dias de hoje, entre as Hortas do Tabual e a Ponta da Atalaia, na Raposeira.

A referência a S. João da Venda aparece também na Carta Itinerária de 1762, onde se diz que por ali passava um antigo caminho que percorria o litoral algarvio, desde Tavira a Vila do Bispo (Viana, 1960: 215)[62]

AS VIAS ROMANAS, trata-se de uma temática ainda pouco estudada na região

61 Citado em: http://rutadealmutamid.com/web/wp-content/uploads/2014/04/desplegable_pt.pdf

62 Citado em: RODRIGUES, Sandra; *As vias Romanas do Algarve*; Centro de Estudos do Património da Universidade do Algarve / Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve. p.47

algarvia. Os poucos estudos disponíveis referenciam uma série de pontos e de pequenos troços tradicionalmente tidos como "Romanos", no conjunto, difíceis de ligar coerentemente, acrescendo o facto de parte destas referências não se materializarem em garantidos vestígios de época Romana. Além das rotas marítimas, importantes estabelecimentos Lusitano-Romanos como a *Villa* da Boca do Rio e o complexo oleiro do Martinhal, entre outros núcleos de povoamento conhecidos designadamente em Budens, Figueira e Raposeira, exigiam, seguramente, um traçado viário de ligação ao eixo Oeste-Este (Ossonoba - Faro) e Sul- Norte (Mirobriga - Santiago do Cacém).

Sendo o *Promunturium Sacrum* um reconhecido local de culto, bem documentado desde a Idade do Ferro, sagrado para Gregos e Romanos, também implicava a existência de um caminho que conduzisse os peregrinos até ao Santuário natural e a um eventual templo ali existente.

FIGURA 26 | Fotografias do itinerário do *Océan* inaugurado em 1993

ORIGEM | Francisco J. S. Alves

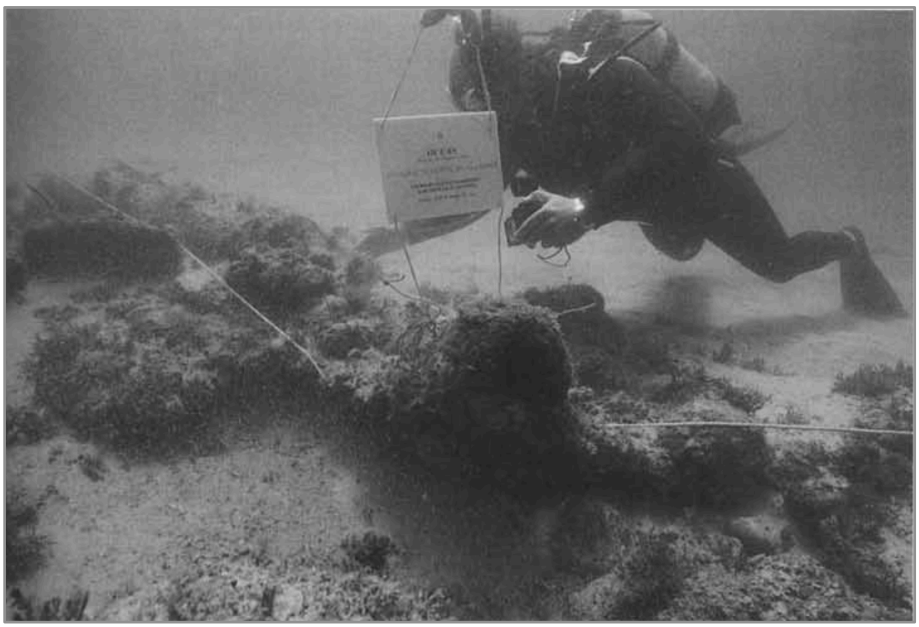


FIGURA 27 | Fotografias do itinerário do *Océan* inaugurado em 1993

ORIGEM | Francisco J. S. Alves

O ITINERÁRIO DO L'OCEAN, trata-se do primeiro roteiro subaquático Português, desenvolvido em 1993, situado entre a Praia da Boca do Rio e a Praia da Salema (Budens, Vila do Bispo), recuperando as memórias da Batalha de Lagos (descrita anteriormente). Permite a observação direta de vestígios do grande navio almirante da esquadra Francesa, designadamente várias peças em ferro de grandes dimensões como âncoras, canhões, entre outros objetos da época, dispostas numa área com cerca de 3000 m^2.

Era sinalizado por uma boia de grandes dimensões apoiada no arganéu[63] da maior âncora, marcando assim o chamado "ponto zero" convencional, e por uma série de cabos guia de cor amarelo florescente que ligava os destroços de dimensões mais significativas do *Océan*, que por sua vez se encontravam legendados por painéis, podendo assim serem compreendidos como um todo. Estava previsto ser montado todos os anos pela Páscoa e desmontado no fim do verão.

O itinerário só esteve ativo no Verão de 1993, tendo sido um grande sucesso por parte de mergulhadores amadores nacionais e internacionais; a partir de 1994 não se voltou a instalar o referido itinerário tendo acabado por cair em esquecimento até aos dias de hoje.

Atualmente o Município de Vila do Bispo encontra-se a desenvolver um projeto de investigação e de valorização deste sítio arqueológico subaquático que prevê a reabilitação do respectivo roteiro.

63 Arganéu – Argola da âncora

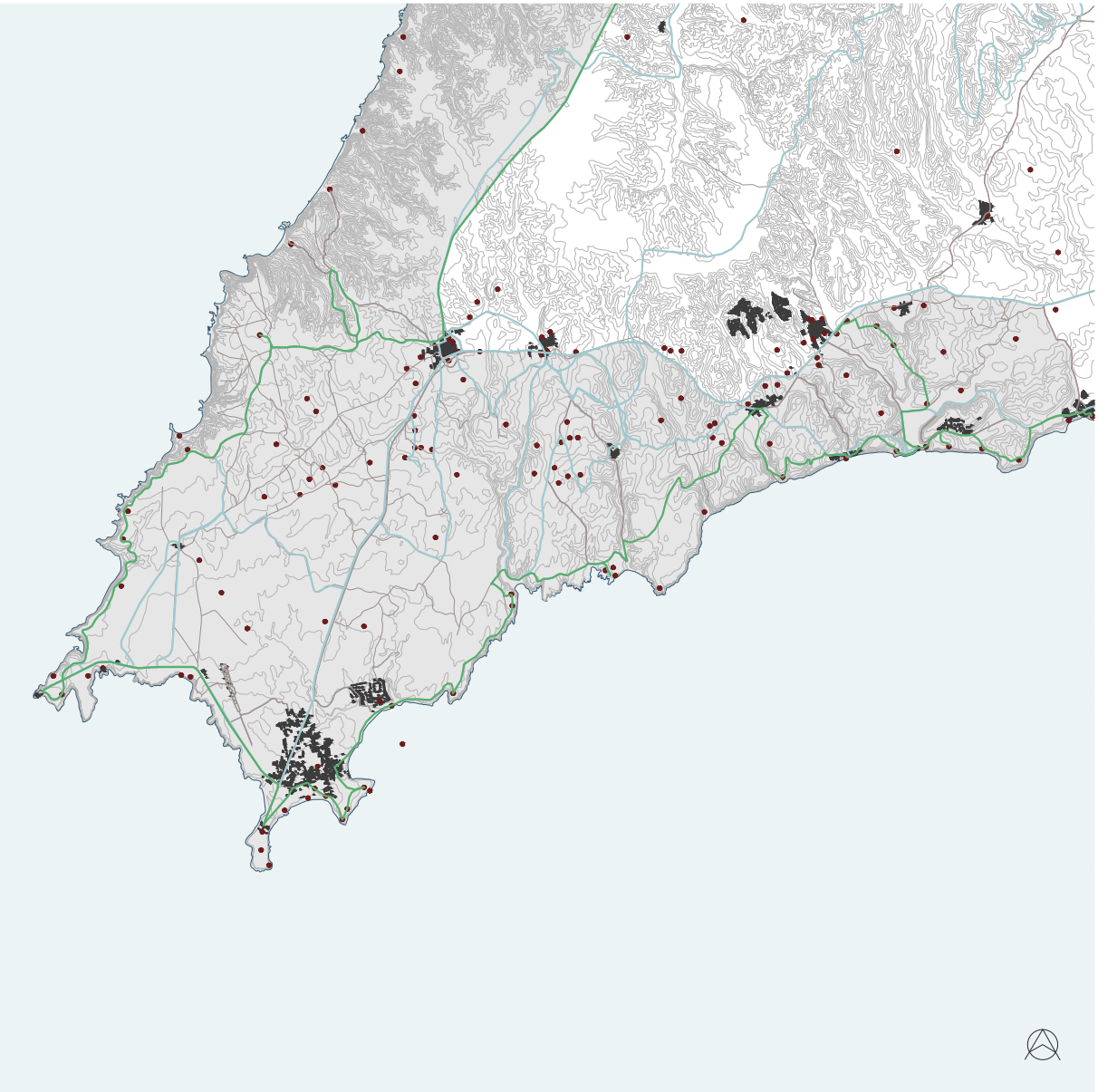


FIGURA 28 | RELAÇÃO DO TERRITÓRIO COM OS PERCURSOS EXISTENTES E O PROPOSTO

ORIGEM | Elaborado por Raquel Cravinho

Relação do território de Vila do Bispo com os percursos existentes, identificados a azul, e o proposto, identificado a verde. Existe a sobreposição de trajetos, o que oferece aos caminhantes a liberdade de traçar o seu próprio trajeto, dependendo do que é pretendido.

7 | DESENHO DE UMA MEMÓRIA

> *Mais do que encontrar a opção mais rápida de passar (...), interessa encontrar a estrada com mais história, aquela que contém em si a maior possibilidade de percepcionar, para além da beleza da paisagem, os rituais de cada movimento.* [64]

O trajeto apresentado tem como base os vários itinerários existentes no território, sejam eles estradas nacionais ou municipais, estradas secundarias, caminhos de terra batida ou de pé-posto, roteiros existentes e propostas futuras. Percorre cerca de 60 quilómetros, interceptando aldeias, vilas, praias, pontos e rotas de interesse patrimonial e turístico, possibilitando, desta forma, a paragem dos visitantes e a possibilidade de explorar e traçar roteiros de forma personalizada, conforme os interesses temáticos, ampliando ou reduzindo o trajeto.

Apesar desta proposta se dividir, teoricamente, em dois momentos (*O Estuário da Boca do Rio* e *Ao Longo do Território Vilabispense*), funciona como um todo. Foram apresentadas escalas diferentes para estes dois momentos de forma a que haja uma maior aproximação com a área de intervenção e de reabilitação arquitectónica.

64 Citado por: CALVETE, Mariana – Itinerâncias e Percursos da Memória, Desenho que suporte a relação entre património, território e paisagem. Tese de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universi- dade de Lisboa. 2013. p.97

7.1 | AO LONGO DO TERRITÓRIO VILABISPENSE

Trata-se de uma proposta alternativa que integra todos os itinerários patrimoniais existentes interligando-os e complementando-os com novos percursos identificados pelo seu potencial de valorização de diferenciais áreas do território.

Não tendo havido avanços relativamente à identificação dos troços ainda existentes do "caminho dos soldados"[65] na verdade o que agora se propõe reabilita a memória deste antigo itinerário militar mas também histórico-social, unindo *de novo* todas as fortificações existentes entre Burgau e Sagres.

O itinerário proposto foi baseado no cruzamento da topografia e dos caminhos existentes com o que se pressupõe ter sido esta ligação territorial entre o sistema defensivo. O traçado valoriza ainda as povoações que resultaram e se mantiveram devido a estas fortificações, como o caso paradigmático de Sagres. Une, assim, todas as povoações costeiras, desde o Forte de Burgau (Burgau) e a Atalaia da Torre de Aspa (Vila do Bispo), passando pelas fortificações mais emblemáticas do Concelho, como a Fortaleza de Sagres e o Cabo de São Vicente. Pelo caminho encontramos incríveis paisagens naturais e culturais, geológicas, arqueológicas, históricas e etnológicas, designadamente grutas, pegadas de dinossauro, inúmeros vestígios pré-históricos, ruínas romanas, arquiteturas vernaculares...

Todas estas formas de ocupação do território, que por vezes eram erguidas sobre realidades anteriores, demonstram a intima necessidade que existia, por parte das suas gentes, de uma aproximação ao mar e aos seus recursos, porém, com uma distância de segurança suficiente para a antecipação e defesa

65 Percurso descrito na página 87 – 6 | Percursos e Itinerários desativados/ extintos

relativamente a ataques de pirataria. As Atalaias, por serem, como o nome indica, pontos altos de onde é possível vigiar determinado território, tomam, desta forma, uma grande importância ao nível da estratégia defensiva de locais e povoações propícios a ataques, mas que não possuíam dimensão suficiente para ser erguido uma fortificação. Complementarmente, no sistema de vigilância, outros pontos elevados, como torres sineiras de igrejas e moinhos, também se revestiam de particular importância na intercomunicação dos avisos de perigo vindos da costa.

A partir da Atalaia da Torre de Aspa o percurso desenvolve-se em união com a Rota Vicentina, que levará o caminhante até à Vila do Bispo, onde existem vários locais de interesse cultural, arqueológico, histórico e etnográfico, possibilitando ainda a opção de continuar o percurso pela Rota Vicentina, pela Via Algarviana, pela Ecovia ou ainda pela Rota Omíada.

7.2 | O ESTUÁRIO COMO PONTO CENTRAL

Sendo o Estuário da Boca do Rio o ponto de convergência de várias realidades patrimoniais, tornou-se essencial que o traçado do percurso proposto demonstrasse *in situ* toda essa riqueza que acaba por desaguar neste estuário.

O trajeto A apresentado na Figura 29, corresponde à ligação entre a Praia da Boca do Rio e a atual aldeia de Budens. Durante o seu trajeto, da costa para o interior, do mais antigo para o mais recente (ou em *vice-versa*), além de paisagens naturais de primeira ordem, encontramos habitats mesolíticos de caçadores-recolectores, habitats neolíticos de pastores agricultores, presença sidérica no Cerro do Castelo, a *Villa* Romana da Boca do Rio, os

Armazéns Pombalinos, as (possíveis) ruínas da Ermida de Santa Elisabete, a Aldeia Medieval do Zimbral, a Capela de Santo António e o Poço Comunitário de Budens. A união destes pontos dá-nos a noção do recuo que os habitantes da Boca do Rio fizeram, após a desagregação do Império Romano e ao longo dos tempos, até à atual aldeia de Budens, em busca de proteção contra a instabilidade vinda do mar.

O traçado B apresentado na Figura 30 corresponde à conexão entre Burgau, Boca do Rio e Figueira. Esta "ligação" corresponde diretamente ao mar e à necessidade de proteção, quer das armações de peixe, quer dos seus pescadores. Não sendo proposta uma lógica cronocultural para a realização deste percurso, ao contrário com o troço descrito anteriormente, o visitante compreenderá *in situ* a determinante ordem da topografia e da função deste itinerário. Assim, podemos começar por visitar o Forte de Burgau, mandado erguer no contexto da Guerra da Restauração (1640-1668); a Ponta da Atalaia de Almadena, datada da Idade Moderna; as ruínas da Ermida de São Pedro, Medieval; as ruínas do Forte de São Luís de Almadena, mandado erguer durante a Dinastia Filipina (em 1632); o complexo da praia da Boca do Rio (ruínas da *Villa* Romana, possível Ermida de Santa Elisabete e os Armazéns Pombalinos); as ruínas da Ponta de São Lourenço, que apesar de reaproveitarem materiais de construção de Época Romana enquadram-se na Idade Moderna; a Rua dos Pescadores, na Salema, a rua mais antiga desta aldeia; as Pegadas de Dinossauro da Praia da Salema; e o Forte de Vera Cruz, na Figueira, construído, também, no contexto da Guerra da Restauração. A partir deste ultimo ponto é indicado, ao deambulante, a possibilidade de continuar através do percurso "*Ao Longo do Território Vilabispense*".

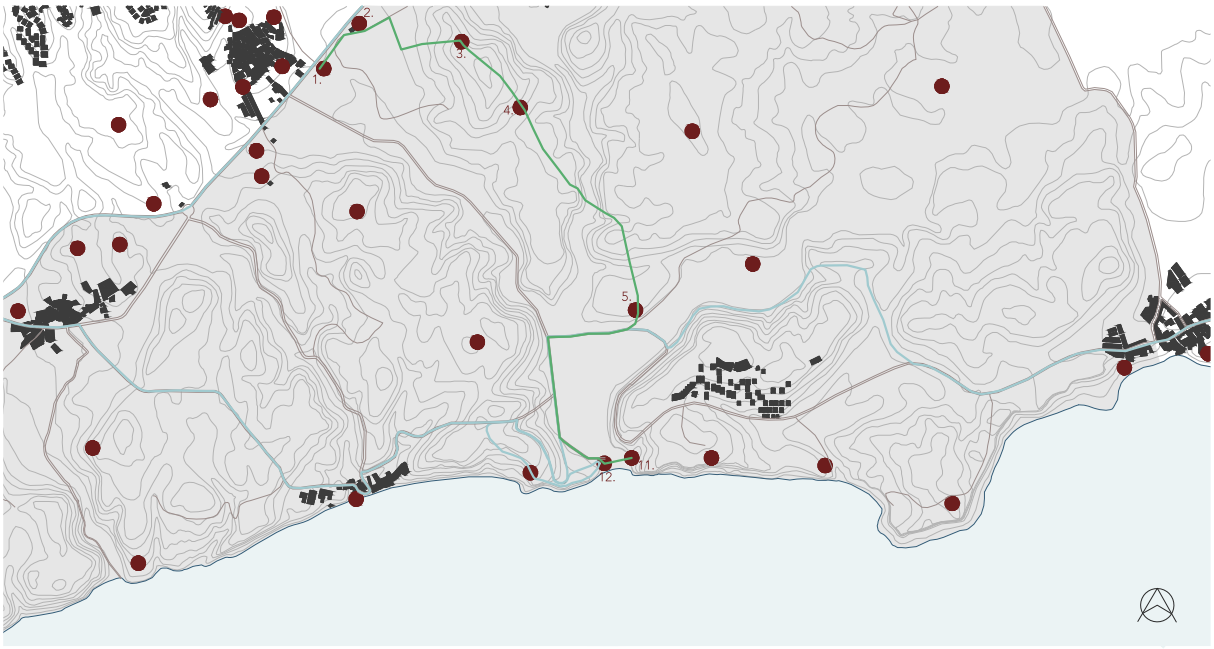


FIGURA 29 | TRAÇADO DO PERCURSO PROPOSTO "O ESTUÁRIO COMO PONTO CENTRAL" – MAPA A

ORIGEM | Raquel Cravinho

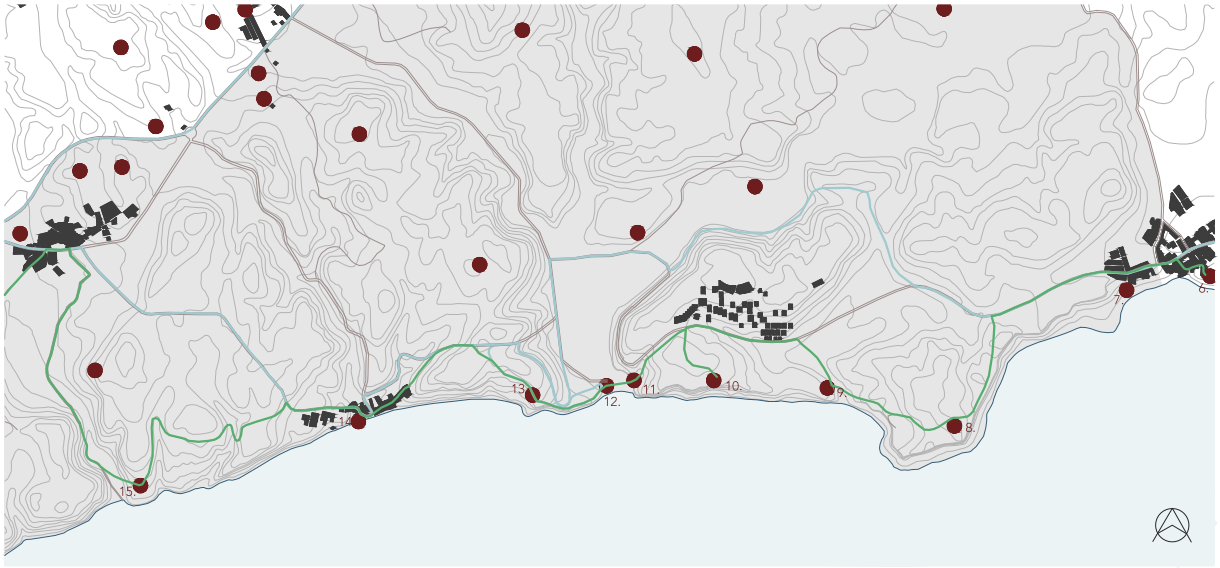


FIGURA 30 | TRAÇADO DO PERCURSO PROPOSTO "O ESTUÁRIO COMO PONTO CENTRAL" – MAPA B

ORIGEM | Raquel Cravinho

1. Poço comunitário | 2. Capela de Santo António | 3. Materiais pré-históricos | 4. Aldeia Medieval do Zimbro | 5. Povoado e Necrópole do Cerro do Castelo | 6. Forte de Burgau | 7. Ruínas do Burgau | 8. Atalaia da Ponta de Almadena | 9. Ruínas da Ermida de São Pedro | 10. Forte de São Luís de Almadena | 11. (Possíveis) Ruínas da Ermida de Santa Elisabete | 12. Complexo da Boca do Rio (*Villa* Romana, Armazéns Pombalinos) 13.| Ruínas da Ponta de São Lourenço | 14. Pegadas de Dinossauro | 15. Forte de Vera Cruz da Figueira

A divisão dos mapas A (Figura 29) e B (Figura 30) foi necessária apenas para a explicação do seu traçado, ambos foram pensados e funcionam como um todo, até porque toda esta área convergiu, de certa forma, para o estuário da Boca do Rio.

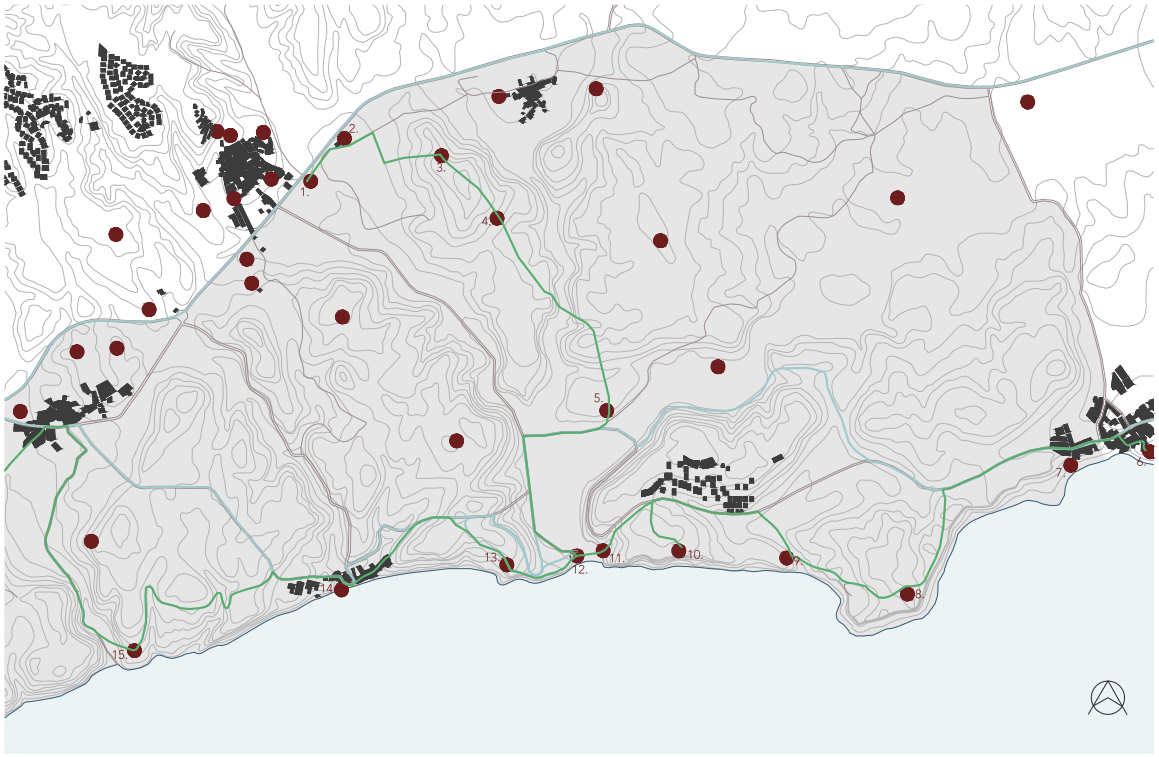
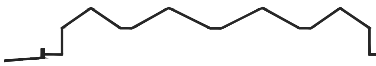


FIGURA 31 | TRAÇADO DO PERCURSO PROPOSTO "O ESTUÁRIO COMO PONTO CENTRAL" – MAPA GERAL

ORIGEM | Raquel Cravinho

«A aldeia de Budens está situada entre o extincto rio de Almádena e a ribeira da Zorreta. Todo esse tracto de terra fertil, comprehendido entre duas correntes de agua, foi utilizado por todas as nacionalidades prehistoricas e historicas que no Algarve ficaram caracterisadas. Houve alli notabilissimos centros de população. Só o riquissimo terreno de Budens, para ser explorado, como convinha, não exigiria menos de seis a oito mezes de trabalho activo com quarenta operarios effectivos. Por um lado a agricultura tem destruido os monumentos prehistoricos, a que chamam sepulturas antigas, internamente revestidas de grandes penedos, e por outro lado o oceano tem ido conquistando n'estes ultimos quinze seculos uma enorme zona de terreno.»[66]

66 **Citado em: VEIGA**, E. da (1910) – Antiguidades Monumentaes do Algarve. Cap. V. Tempos Históricos. *O Archeologo Português*, Vol. XV, Lisboa: Museu Ethnographico Português, pp. 212-218.



IV | PONTO DE PARTIDA

FIGURA 32 | MAPA DA ÁREA DE INTERVENÇÃO

ORIGEM | Elaborado por Raquel Cravinho

1. Ruínas da *Villa* Romana | 2. Armazéns Pombalinos | 3. Ermida de Santa Elisabete?! | 4. Forte de São Luís de Almadena | 5. Ermida de São Pedro | 6. Ruínas da Ponta de São Lourenço | 7. Achados e Necrópole do Cerro das Alfarrobeiras | 8. Morracinha | 9. Tégula | 10. Povoamento e Necrópole do Cerro do Castelo ou do Rio | 11. Ribeira de Almadena | 12. Monte Agrícola | 13. Monte Agrícola | 14. Azenha?! | 15. Conduta de nascente de água

8 | PONTO DE PARTIDA

Perante a amplitude deste território e a multiplicidade de locais de interesse, surgiu a necessidade de objectivar a abordagem numa área mais circunscrita. Tendo sido ponderados diversos aspectos, como a existência de ruínas com dimensão suficiente para um programa sustentável economicamente, a localização, os acessos e, principalmente, a qualidade paisagística e a densidade histórica do local, elegemos o estuário da Boca do Rio como área prioritária de intervenção.

8.1 | ESTUÁRIO DA BOCA DO RIO

O estuário da Boca do Rio tornou-se assim pertinente sob vários aspectos: naturais, biogenéticos, geológicos, arqueológicos, arquitectónicos, históricos e etnográficos. Em termos de locais com achados históricos/arqueológicos/arquitectónicos encontramos o Cerro das Alfarrobeiras[67], Cerro do Castelo ou do Rio[68], Ruínas da Ponta de São Lourenço[69], Ruínas da Boca do Rio[70], Ruínas do Forte de São Luís de

67 CERRO DAS ALFARROBEIRAS – Corresponde a Ruínas e Necrópoles que pensa-se pertencer a uma *villa*, tendo sido datados do Neolítico, Idade do Bronze e Romano.

68 CERRO DO CASTELO OU DO RIO – Necrópole de cistas e ruínas que pensa-se pertencer a uma fortificação ou habitação, datada do fim da Idade do Ferro e início do romano.

69 RUÍNAS DA PONTA DE SÃO LOURENÇO – Corresponde a ruínas de edifícios e sepulturas da época Romana.

70 RUÍNAS DA BOCA DO RIO – Descrita no ponto 3.1. e 3.2.

71 RUÍNAS DO FORTE DE SÃO LUÍS DE ALMADENA - Descrita no ponto 3.3.

72 RUÍNAS DA ERMIDA DE SÃO PEDRO – datado da época Medieval.

Almadena[71], as Ruínas da Ermida de São Pedro[72] e ainda há relatos populares da existência de uma Ermida dedicada a Santa Elisabete. Existe, desde Outubro de 2016, uma Estação da Biodiversidade da Boca do Rio, onde podemos observar uma diversa avifauna e espécies pouco comuns como o frango-d'agua e felosa-unicolor.

Estamos perante uma área com diversas marcas históricas. À cota da praia existem estruturas romanas, que estão a ser destruídas pelo avanço do mar; uma Necrópole Romana; armazéns Pombalinos que foram erguidos sobre um balneário romano construído com alvenaria das construções romanas; possíveis ruinas de Capela dedicada a Santa Elisabete; vestígios de levadas para a agricultura; Fortificação numa cota superior; e um Navio Almirante francês naufragado ao largo da Praia da Boca o Rio na sequência da Guerra dos Sete Anos.

A *villa* romana documenta uma significativa presença na região entre o Século I e o Século V d.C., pois o rio, que desagua na praia, seria navegável por pequenas embarcações, enquanto o estuário propiciava um porto interior seguro.

Segundo dizeres populares, no local onde hoje encontramos o Forte de São Luís de Almadena, terá existido uma Mesquita Árabe, e anteriormente um Templo Romano, mas como até aos dias de hoje ainda não houve qualquer escavação arqueológica ainda não foi possível de confirmar ou negar a existência de algum tipo de estruturas anteriores ao Forte.

No território concelhio não existe nenhuma área que contenha, de forma tão próxima, tão grande concentração, diversidade e riqueza de contextos patrimoniais, naturais e culturais, facto que elege a Boca do Rio

como local ideal para um ponto de partida de um projeto de valorização municipal.

8.1.1 | GEOGRAFIA, GEOLOGIA, FAUNA E FLORA

A Boca do Rio situa-se a sudoeste da povoação de Budens, inserido no limite do Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina, caracterizado pelo vale que intercepta as arribas acentuadas, o que é uma característica comum da costa algarvia ocidental, formada por rochas calcárias erosivas. A praia é de pequenas dimensões, relativamente estreita, fortemente definida por duas paredes que constituem as falésias nascente e poente, tendo a sul o oceano atlântico e a norte todo o estuário da Boca do Rio. O estuário tem uma extensão de sensivelmente 2 km e outrora oferecia ótimas condições de abrigo e de navegação de embarcações de pequenas dimensões. Devido à grande sedimentação, verificada sobretudo a partir do século XVIII, tendo o tsunami de 1755 contribuído fortemente para este fenómeno, potenciado ao longo do ultimo século pela atividade agrícola intensiva e extensiva; hoje o antigo estuário encontra-se totalmente colmatado, apenas ganhando alguma expressão hídrica na época das chuvas. Das práticas agropastoris, que incluíram arrozais, atualmente apenas sobrevive o pastoreio, sobretudo de gado bovino, e inúmeras noras, poços e tanque ainda existentes ao longo do trajeto entre a Boca do Rio e Budens, sendo que os poços ainda cumprem a missão de irrigação de hortas.

Como acontece em toda a costa algarvia, a frente de mar da Boca do Rio tem sido fortemente afectada pela erosão marinha, especialmente no Inverno, o que contribui para a destruição das estruturas arqueológicas ali existentes. Já em 1878, Sebastião Philipe Estácio da Veiga, e em 1896, António Santos da Rocha, referiram o desaparecimento do areal do lado nascente da praia, afectando elementos construtivos da Villa Romana. Em 1933 a erosiva destruição do sitio arqueológico foi acentuada pelas escavações de José Formosinho, momento em que retirou um pavimento de mosaicos romanos anteriormente descobertos por Estácio Veiga.

As condições microclimáticas deste estuário oferece as condições ideias para o crescimento e abrigo de várias espécie de fauna e flora. Este estuário de 134 hectares é conhecido como o Paul da Lontreira, nome dado devido a existência de lontras, que infelizmente se encontram em número muito reduzido. Destacam-se aves como o Abelharuco (*Merops apiaster*), o Alcatraz (*Morus bassanus*), a Andorinha-dáurica (*Hirundo daurica*), o Chapim-de-faces-pretas (*Remiz pendulinus*), a Cotovia-escura (*Galerida theklae*), o Frango-d'agua (*Rallus* aquaticus), a Felosa-unicolor ou cigarrilha-ruiva (*Locustella luscinioides*), a Fuinha-dos-juncos (*Cisticola juncidis*), a Galinha-d'agua (*Gallinula chloropus*), o Galeirão-comum (*Fulica atra*), a Garça-imperial ou vermelha (*Ardea purpurea*), a Garça-branca-pequena (*Egretta garzetta*), o Peneireiro-comum (*Falco tinnunculus*), Toutinegra-do-mato (*Sylvia undata*) e vários tipos de rouxinóis.

Nesta pequena área podemos também encontrar diversos insectos: a Abelha (*Apis melífera*), a Aranha-carangueijo (*synema globosum*), a Borboleta Acobreada (*Lycaena phlaeas*), a Borboleta Azul-comum

(*Polyommatus icarus*), a Borboleta Axadrezada-do-sul (*Carcharodus tripolinus*), a Borboleta Bela-dama (*Vanessa cardui*), a Borboleta Cauda-de-andorinha (*papilio machaon*), a Borboleta Cleópatra (*Gonepteryx cleopatra*), o Escaravelho-ciclope (*Scarites cyclops*), o Escaravalho Longicórnio (*Cerambyx cerdo*),o Escaravelho Tenébrio (*Tentyria*), o Escaravelho Tenébrio-das-areias (*Scaurus uncinus*), o Gafanhoto-de-asas-azuis (*Oedipoda caerulescens*), o Gafanhoto-bárbaro (*Calliptamus barbarus*), a Lagarta Loti (*psilogaster loti*), a Libélula-de-nervuras-vermelhas (*sympetrum fonscolombii*), a Louva-a-deus-comum (*Mautis Religiosa*), a Louva-a-deus-do-olho (*Iris oratoria*), o Percervejo-assassino (*Rhynocoris iracundus*), o Percevejo-das-riscas (*Graphosoma lineatum*), o Percevejo-ponto-e-risca (*Graphosoma semipunctatum*), o Percevejo-ornado (*Eurydema ornata*) e a Vespa-oleira (*Eumenes*).

Na flora, primam a Alcachofra (*Cynara cardunculus*), o Cardo-de-ouro (*Scolymus hispanicus*), o Cardo-marítimo (*Eryngium maritimum*), a Erva-pinheira (*Sedum sediforme*), o Funcho-doce (*Foeniculum vulgare*), o Pampilho-marítimo (*Asteriscus maritimus*), o Tomilho-de-creta (*Thymbra capitata*), a Orquídea piramidal (*Anacamptis pyramidalis*), a *Staehelina dubia* (ainda sem nome comum defenido); e arbustos como a Aroeira (*Pistacia lentiscus*), Carrasco (*Quercus coccifera*), Esteva (*Cistus ladanifer sulcatus*), Roselha-grande (*Cistus albidus*), Sabina-das-praias (*Juniperus turbinata*), Salsaparrilha-bastarda (*Smilax aspera*), Sanguinho-das-sebes (*Rhamnus alaternus*), Sargaço (*Cistus salviifolicus*) e o Trovisco (*Daphne gnidium*).

De forma a valorizar todo este património natural e a sua paisagem foi criado, em 2015, a Estação da Biodiversidade da Boca do Rio, um

percurso de 2 km dividido em 8 pontos. Cada desses pontos apresenta um painel informativo que demonstra através de fotografias e textos (em português e inglês) as espécies de fauna e flora que é possível encontrar nesta área.

FIGURA 33 | FOTOGRAFIA DA BOCA DO RIO – BALNEÁREO EXPOSTO DURANTE UMA ESCAVAÇÃO ARQUEOLÓGICA

ORIGEM | GOMES, Mário Varela; SILVA, Carlos Tavares da – LEVANTAMENTO ARQUEOLÓGICO DO ALGARVE – CONCELHO DE VILA DO BISPO. Henry Gris, Ltda, Lisboa. 1987

"..entrou o mar no dia do terremoto por espaço de mais de ½ legua em altura em altura de 10 a 12 varas, arrazando huns grandiosos médãos de areia, onde estavão 50 ferros dos mais pezados pertencentes á armação que alli se lança, os quaes arrastou a mais hum quarto de legua pela terra a dentro. Na ressaca deixou a descobertos na praia, á borda da agua, huns grandes e nobres edifícios, que não habia memoria, nem tradição. Não se pôde determinar a sua extensão por estarem muito debaixo d'agua por huma parte, e na outra bater-lhe a maré: indicção porêm ter sido de grande povoação; porque pelo lado da terra erão cingidos de hum grosso muro de cantaria com outro de formigão ou de taipa por dentro, e algumas meias paredes de ladrilho com repartimentos em quadro, continuando outros muitos e grandes alicerces."[73]

73 Citado por: Fernando Pessoa; "*Mar Português" in* Mensagem

8.2 | ARQUITETURA E ARQUEOLOGIA

VILLA ROMANA

> "A riqueza piscícola do mar de Sagres bem como as óptimas condições de fundeadouro e varadouro que a recortada costa sul do Concelho de Vila do Bispo oferece teriam certamente estado na base de implantação, em algumas praias entre Sagres e Lagos, de estabelecimentos relacionados, directa ou indirectamente, com a exploração dos recursos marinhos. (...) Desses estabelecimentos (...) o mais importante parece ter sido o da Boca do Rio já pela extensão da jazida, já pela presença de edifícios com frescos e mosaicos, de balneários, fábricas de salga e armazéns, e pela exumação de rico espólio, do séc. I aos séc. IV/V..."[74]

Toda a Costa Algarvia está diretamente ligada ao mar , à pesca e ao processamento de recursos marinhos desde os tempos mais primitivos, já que muitas das vilas algarvias permanecem até hoje junto ao mar, junto ao seu sustento.

Sob a Praia da Boca do Rio surgiram várias ruínas que demonstram a existência de uma antiga Villa Romana, fortemente ligada a pesca e a salga do peixe, e que, segundo Ismael Esteves Medeiros, não há indícios que relacionem com práticas agrícolas devido à fraca fertilidade dos terrenos naquela época. Estas ruínas são mencionadas desde o século XVIII, as quais terão sido expostas uma primeira vez devido a um temporal em 1715. Em 1755 Dimas Tadeu de Almeida Ramos relata que devido ao terramoto que arrasou toda a costa desde o Algarve até Lisboa foram descobertas "*inúmeras estruturas e materiais*"[75] e que quarenta

74 Citado em: MEDEIROS, Ismael Estevens. *Complexo Industrial da Boca do Rio. - Organização de um sítio produtor de preparados piscícolas*

75 Citado em: CARDOSO, 1758 apud in CARVALHO & VIDIGAL, 2006, pp. 44-46

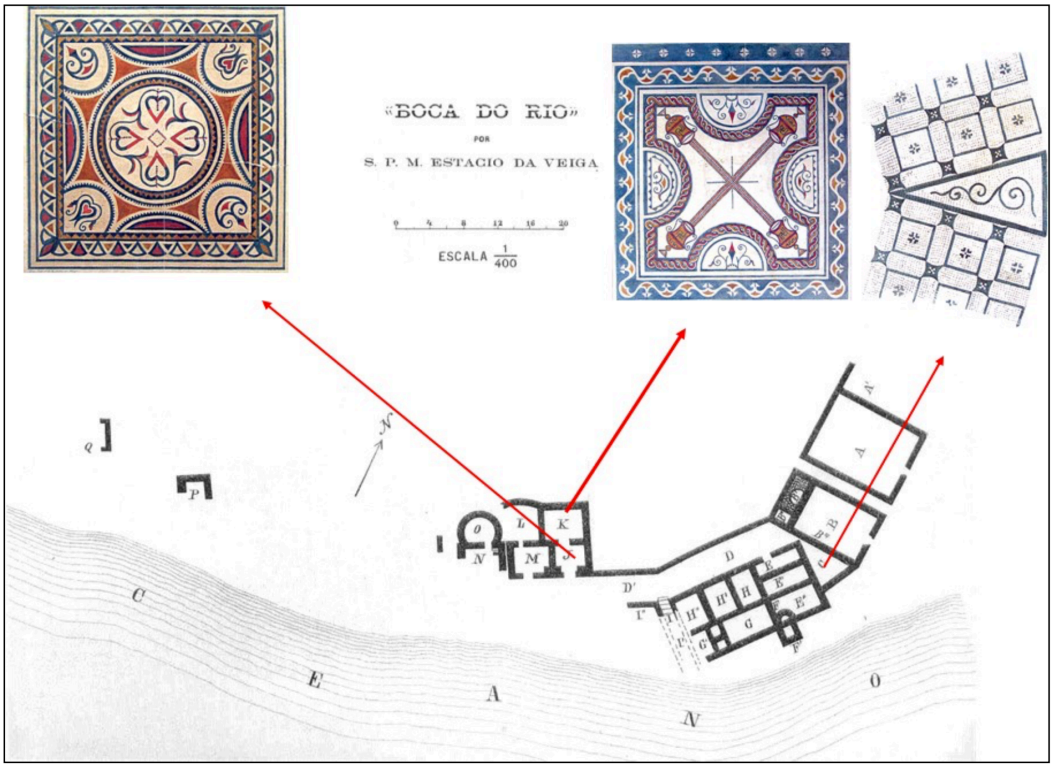


FIGURA 34 | PLANTA ARQUEOLÓGICA ESQUEMÁTICA DE ESTÁCIO DA VEIGA (1878). REPRESENTA AS ESTRUTURAS ESCAVADAS POR ELE NA BOCA DO RIO, A LINHA DE COSTA NA ÉPOCA E OS COMPARTIMENTOS ESCAVADOS .
ORIGEM | Estácio da Veiga

"fundamentos de avultada Povoaçaõ q continuava para aparte do Mar, pois no abrir das ondas se divezaraõ a montes de pedras soltas de destruidos edificios que com o continuo dos tempos submergioraõ as agoas, e na pequena parte q perto das ondas as áreas descobriraõ vi, e observei muitas pedras de cantaria bem fabricados e princípios de edificios q ao parecer e modo guardavaõ a Povoaçaõ das inundações, e Marés naquelle tempo; e hoje se acha tudo novamente coberto de área como antes, e seprezume ter sido humã antiga cidade de Buda, donde tomou nome esta freguesia de Budens, mas disto naõ vi escrito"[76]

76 Citado em: LOPES, João Baptista da Silva – Corografia ou Memoria Economica, Estadistica, e Topografica do Reino do Algarve. Academia R. Das Sciencias de Lisboa, 1841

anos antes deste terramoto já teria aparecido um cais após "*outro impulso do mar*"[77]. À parte estas menções, os vestígios só voltam a ser referenciados em 1873 por Pinho Leal e em 1988 por João Baptista da Silva Lopes.

A descrição de João Baptista da Silva Lopes menciona "*a presença de paredes pintadas, uma porta com grades em ferro, colunas de mármore, mosaicos e outros objetos, concluindo o autor que a povoação seria romana pelo facto de se ter documentado estruturas associadas a banhos, epigrafia legível e uma moeda em cobre da governação do imperador Nero.*"[78]

A 15 de Janeiro de 1773 foram construídos armazéns de armação de atum reaproveitando as pedras dos muros Romanos que tinham caído devido ao maremoto. No ultimo quartel do século XIX Estácio da Veiga identifica e regista em planta uma série de estruturas que se pensava ser umas termas, sendo que ainda nos dias de hoje é um dos registos gráficos mais importantes das ruínas da Boca do Rio.

No final do século XIX a Boca do Rio já era considerada um dos sítios romanos mais importantes do Algarve. Em 1933, três anos após a criação do Museu de Lagos, é dali retirado o que restava do mosaico da sala K (ver Figura 31, página 96). A partir desta data José Formosinho vai documentar a presença de várias cetárias expostas na praia, encetando escavações através da abertura de valas de prospecção e encontrando em pontos estratégicos "*várias piscinas com formas diversas, com fundo e paredes de formigão*"[79], outras estruturas e uma lareira

77 Citado em: MEDEIROS, Ismael Estevens. *Complexo Industrial da Boca do Rio. - Organização de um sítio produtor de preparados piscícolas*

78 Ibidem

79 Citado por: Dimas Tadeu de Almeida Ramos

FIGURA 35 | Fotografia das ruínas da *Villa* Romana
ORIGEM | http://vila-do-bispo-arqueologica.blogspot.pt/search?q=Boca+do+Rio

FIGURA 36 | Fotografia das ruínas da *Villa* Romana
ORIGEM | http://vila-do-bispo-arqueologica.blogspot.pt/search?q=Boca+do+Rio

FIGURA 37 | Fotografia das ruínas da *Villa* Romana
ORIGEM | http://vila-do-bispo-arqueologica.blogspot.pt/search?q=Boca+do+Rio

FIGURA 38 | Fotografia das ruínas da *Villa* Romana
ORIGEM | http://vila-do-bispo-arqueologica.blogspot.pt/search?q=Boca+do+Rio

FIGURA 39 | Fotografia mosaico retirado da divisão K das ruínas da *Villa* Romana
ORIGEM | http://vila-do-bispo-arqueologica.blogspot.pt/search?q=Boca+do+Rio

romana. Francisco Alves em 1982 e 1983, ao escavar em quatro pontos estratégicos aponta "*três núcleos com tanques de salga de peixe e recolhe uma quantia significativa de material arqueológico, sobretudo utensílios de pesca e ânforas.*"[80]

Com o virar do século e devido ao rápido recuo da linha de costa houve uma série de intervenções de emergência de forma a salvar algumas peças, como a sepultura no Morro dos Medos exposta em 2003 (necrópole já mencionada por Santos da Rocha, em 1896), e parte de um pavimento de mosaico exposto no inverno de 2009/2010.

Relativamente ao seu tipo de construção, dividimos a sua caracterização em quatro pontos:

Elementos estruturais – fundações diretas de alvenaria ordinária de pedra calcária com argamassa; as paredes funcionam como paredes de suporte/autoportantes, são construídas em alvenaria ordinária de pedra calcária com argamassa; não há indícios de ter existido qualquer tipo de vigas; a laje, em abobada de arco de volta perfeita, em pedra calcária ordinária rebocada; não existem indícios que terá existido qualquer tipo de escada.

Elementos principais não estruturais – Todas as paredes (exteriores e interiores) deste edifício são paredes resistentes, descritas nos elementos estruturais; apesar de não existir vestígios da cobertura, pressupõe-se, com base nas escavações arqueológicas realizadas nas

80 Citado em: MEDEIROS, Ismael Estevens. *Complexo Industrial da Boca do Rio. - Organização de um sítio produtor de preparados piscícolas*

imediações, que seja de telha de canudo, existindo ainda vestígios de abobadas de berço; os pavimentos térreos eram construídos em mosaico romano, que neste momento se encontram sobre a proteção do Museu de Lagos e do Centro Interpretativo de Vila do Bispo, uma vez que houve a necessidade de os retirar para preservação devido à erosão marítima demasiado acentuada no local.

Elementos secundários – não existem quaisquer vestígios de algum tipo de portas internas/ externas, janelas, arcos de cantaria de vão exterior ou de elementos acessórios; os revestimentos e acabamentos era feitos em argamassa de cal hidráulica, que se encontram muito degradados.

Estado de conservação – a consistência da alvenaria - seja a argamassa de assentamento, a consistência das argamassas, dos revestimentos e dos acabamentos – encontram-se em muito mau estado, quer por motivos da erosão da orla marítima, da intempérie e ainda de ação humana.

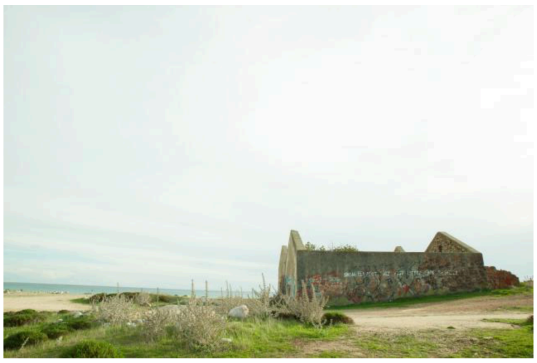


FIGURA 40 | Fotografia das ruínas dos armazéns pombalino

ORIGEM | http://revive.turismodeportugal.pt/pt-pt/armazens-pombalinos

FIGURA 41 | Fotografia das ruínas dos armazéns pombalino

ORIGEM | http://revive.turismodeportugal.pt/pt-pt/armazens-pombalinos

FIGURA 42 | Fotografia das ruínas dos armazéns pombalino

ORIGEM | http://revive.turismodeportugal.pt/pt-pt/armazens-pombalinos

FIGURA 43 | Fotografia das ruínas dos armazéns pombalino

ORIGEM | http://revive.turismodeportugal.pt/pt-pt/armazens-pombalinos

ARMAZÉNS DE SALGA DE PEIXE

"Os Armazéns Pombalinos da extinta Companhia Geral das Reais Pescarias do Reino do Algarve, fundada no ano de 1773, foram construídos na sua totalidade sobre alicerces romanos. Em particular sobre a área do balneário que serviu de fundação aos Armazéns, os quais reaproveitaram muitas das estruturas e materiais antigos das ocupações anteriores."[81]

Armazéns composto por duas naves e um corredor central, com cobertura de duas águas. Devido ao período a que se insere pressupõe-se que a cobertura fosse em asnas de madeira e de telha cerâmica. Através da presença de uma Figueira, de grande dimensões, em uma das naves é possível verificarmos que a cobertura cedeu há algumas décadas.

Relativamente ao seu tipo de construção, dividimos (como anteriormente) a sua caracterização em quatro pontos:

Elementos estruturais – fundações diretas de alvenaria ordinária de pedra calcária com argamassa; as paredes funcionam como paredes de suporte/autoportantes, são construídas em alvenaria ordinária de pedra calcária com argamassa pintada a branco (cal?); pressupõe-se que as duas coberturas que terão existido, eram suportadas por asnas de madeira que descarregavam nas paredes autoportantes; não há indícios de ter existido qualquer tipo de laje ou de escada.

81 Citado em: http://revive.turismodeportugal.pt/pt-pt/armazens-pombalinos

Elementos principais não estruturais – Todas as paredes (exteriores e interiores) deste edifício são paredes resistentes, descritas nos elementos estruturais; devido a inexistência da cobertura no edifício, e por ser notório que terá sido de duas águas devido à forma das suas fachadas, pressupõe-se que terá sido composta por telha cerâmica suportada por uma estrutura de asnas, como descrito no ponto anterior; os pavimentos térreos são em pedra calcária, ainda visível em certos pontos.

Elementos secundários – não existem quaisquer vestígios de algum tipo de portas internas/ externas, janelas ou de elementos acessórios; os revestimentos e acabamentos era feitos em argamassa de cal hidráulica pintado a branco (cal?); arcos de cantaria de vão exterior em pedra calcária (constituídos por ombreiras em arco).

Estado de conservação – não existe deformação das paredes; a consistência da alvenaria - seja a argamassa de assentamento, a consistência das argamassas, dos revestimentos e dos acabamentos – encontram-se em muito mau estado, quer por motivos da erosão da orla marítima, da intempérie e ainda de ação humana.

FIGURA 44 | FOTOGRAFIAS DAS POSSIVEIS RUÍNAS DA ERMIDA DE SANTA ELISABETE E DO SEU CASARIO

ORIGEM | Raquel Cravinho

FIGURA 45 | FOTOGRAFIAS DAS POSSIVEIS RUÍNAS DA ERMIDA DE SANTA ELISABETE E DO SEU CASARIO

ORIGEM | Raquel Cravinho

FIGURA 46 | FOTOGRAFIAS DAS POSSIVEIS RUÍNAS DA ERMIDA DE SANTA ELISABETE E DO SEU CASARIO

ORIGEM | Raquel Cravinho

ERMIDA DE SANTA ELISABETE

Apenas existem relatos da população mais antiga de Budens e Salema sobre a possível existência de uma ermida dedicada a Santa Elisabete. Os populares que se recordam de ouvir falar sobre esta ermida descrevem a sua localização no local onde se encontram estas duas ruínas, mas nenhum sabe qual delas seria a ermida. No local é difícil perceber as suas características devido ao avançado estado de degradação, ao denso coberto vegetal e por ainda não ter sido efectuada nenhuma escavação arqueológica.

Relativamente ao seu tipo de construção, não se consegue apurar todas as suas características por falta de informação:

Elementos estruturais – fundações diretas de alvenaria ordinária de pedra calcária com argamassa; as paredes funcionam como paredes de suporte, construídas em alvenaria ordinária de pedra calcária com argamassa pintada a branco (cal?); pressupõe-se uma cobertura de uma água em ambos edifícios, suportadas por vigas de madeira que descarregavam nas paredes autoportantes; não há indícios de ter existido qualquer tipo de laje ou de escada.

Elementos principais não estruturais – Todas as paredes (exteriores e interiores) deste edifício são paredes resistentes, descritas nos elementos estruturais; apesar da inexistência de cobertura no local, podemos pressupor (devido a forma de construção) que seria feita com telha cerâmica; não é possível verificar nenhum troço de pavimento no local, pressupõe-se que seria de pedra calcaria.

Elementos secundários – não existem quaisquer vestígios de algum tipo de portas internas/ externas, janelas, arcos de cantaria de vão exterior ou de elementos acessórios; os revestimentos e acabamentos era feitos em argamassa de cal hidráulica pintado a branco (cal?).

Estado de conservação – não existe deformação das paredes; a consistência da alvenaria - seja a argamassa de assentamento, a consistência das argamassas, dos revestimentos e dos acabamentos – encontram-se em péssimo estado, quer por motivos da intempérie e de ação humana.

FIGURA 47 | DESENHO AGUARELADO DO FORTE DE SÃO LUÍS DE ALMADENA
ORIGEM | José de Sande Vasconcelos

"Há neste lugar um castelo derribado, que ficou do tempo dos Mouros, em que vivia um cavaleiro mouro que estava levantando contra o o rei de Silves. E deste castelo fazia muitos saltos e roubos a todos os Algarves e pastores, que viviam no contio da cidade de lagos e seus arredores. Era muit forte, segundo hoje em dia aparece nos pedaços de parede, que estão em pé; não tinha porta, nem entrada. Estava entulhado até ao andar do primeiro sobrado, tinha a janela, altura de ũa lança do chão, e por ela se metia dentro por ũa escada de corda. [82]

82 Citado em: SARRÃO, Henrique Fernandes, "História do Reino do Algarve"(1600) in Duas Descrições do Algarve do Século XVI", Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1983, p.147.

FORTE DE ALMADENA

É sob um cenário de pilhagem constante em todo o território Algarvio que o Forte de São Luís de Almadena é mandado construir, em 1632. A sua localização oferece uma visão privilegiado sobre o mar, podendo alcançar-se do lado nascente a Ponta de Almadena e a poente a Ponta de Sagres. Há indícios escritos (referência 82, na página anterior) de que anteriormente a sua construção terá existido, naquele local, uma mesquita Árabe e posteriormente um templo Romano. Por um lado podemos facilmente justificar essas construções devido ao seu domínio sobre o horizonte vasto, bem como os assentamentos próximos, como a vila piscatória e a armação de peixe na Praia da Boca do Rio, situada a Oeste do Forte, que sofreu inúmeras invasões ao longo dos tempos, existindo assim a necessidade de criar algum tipo de ponto de vigia que pudesse de algum modo alertar os locais; todavia não tendo existido qualquer investigação arqueológica até aos dias de hoje não conseguimos confirmar essas informações.

O ano de construção do Forte é indicada na Monografia da Cidade de Lagos escrita por Manuel João Paulo Rocha, tendo base numa lápide da Fortificação que atualmente se encontra no Museu de Lagos.

Sabe-se que o Forte, ao longo da sua existência, para além das suas funções defensivas, serviu igualmente de ponto de hospedagem e abrigo de militares.

FIGURA 48 | FOTOGRAFIA DAS RUÍNAS DO FORTE DE SÃO LUÍS DE ALMADENA

ORIGEM | http://vila-do-bispo-arqueologica.blogspot.pt

FIGURA 49 | FOTOGRAFIA DAS RUÍNAS DO FORTE DE SÃO LUÍS DE ALMADENA

ORIGEM | Raquel Cravinho

FIGURA 50 | FOTOGRAFIA DAS RUÍNAS DO FORTE DE SÃO LUÍS DE ALMADENA

ORIGEM | http://vila-do-bispo-arqueologica.blogspot.pt

FIGURA 51 | FOTOGRAFIA DAS RUÍNAS DO FORTE DE SÃO LUÍS DE ALMADENA

ORIGEM | http://vila-do-bispo-arqueologica.blogspot.pt

FIGURA 52 | FOTOGRAFIA DAS RUÍNAS DO FORTE DE SÃO LUÍS DE ALMADENA

ORIGEM | http://vila-do-bispo-arqueologica.blogspot.pt

FIGURA 53 | FOTOGRAFIA DAS RUÍNAS DO FORTE DE SÃO LUÍS DE ALMADENA

ORIGEM | http://vila-do-bispo-arqueologica.blogspot.pt

Em 1861 o Forte foi completamente abandonado, e a 20 de Março de 1940 foi transferido do Ministério da Guerra para o Ministério das Finanças deixando de ser considerado, ao fim de 318 anos de existência, uma fortificação militar.

É um monumento classificado, desde 1974, como Imóvel de Interesse Público, embora, apenas tenha sido objecto manutenção nos últimos anos, encontrando-se em estado de ruína.

Nos anos 80/90 foi alvo de obras de consolidação por parte de privados. Os panos de muralha foram reforçados com duas parede de alvenaria de pedra em ambos os lados; os baluartes e a ermida foram reforçados com uma laje de betão de forma a consolidar as abobadas do andar inferior.

Entre Junho de 2014 e Fevereiro de 2015 houve uma intervenção por parte da Polis Litoral. Teve como finalidade a marcação do percurso desde a estrada até ao Forte, protegendo os visitantes da aproximação da arriba e a flora existente, com a ajuda de uma vedação simbólica com cerca de 0,30 metros de altura. Em redor e no interior do Forte existe a mesma tipologia de vedação mas com uma altura superior, cerca de 0,90 metros de altura, isto para, no exterior, impedir a passagem automóvel, e no interior, que os visitantes não se aproximem das arribas e dos pontos mais fragilizados do Forte. Foi ainda retirado alguns dos arbustos que cresciam junto ao pano de muralhas nascente, o que acabou por faze-lo derrocar, uma vez que não foram tomadas medidas necessárias após a remoção das raízes entre a alvenaria.

Atualmente, uma das muralhas do baluarte poente, que dava lugar a cozinha da fortificação, colapsou após várias tempestades consecutivas e

devido ao seu estado de degradação. Desta forma foi necessário limitar o acesso dos visitantes ao local devido a todo baluarte se encontrar instável. Para tal, foi executada uma planta de interdição ao monumento (Anexo 01), em parceria com o Arqueólogo Ricardo Soares, que já foi implantada. O acesso de carro está interdito com gradeamento logo no inicio do caminho que liga a estrada municipal ao Forte, acompanhado de uma placa informativa; junto a entrada da fortificação encontram-se várias barreiras e fitas de forma a impedir que os visitantes tenham acesso ao seu interior.

> "Acerca deste ponto fortificado do litoral Algarvio pouco se conhece, não só nos tempos imediatos à sua construção como durante a Guerra da Restauração. As referências feitas ao Forte indicam que ao longo da sua existência foi alvo de sucessivas remodelações, para além de, no relatório que o Tenente-Coronel do Regimento de Artilheira Nº2, João Vieira da Silva assinou, no dia 18 de Abril de 1821, se verificar que também existiam alguns alojamentos que nunca teriam sido concluídos."[83]

Relativamente ao seu tipo de construção, dividimos, novamente, a sua caracterização em quatro pontos:

Elementos estruturais – fundações diretas de alvenaria ordinária de pedra calcária com argamassa; as paredes funcionam como paredes de suporte/autoportantes, são construídas em alvenaria ordinária de

83 Citado em: LÉON, Andrés Alenjandro; MATA, Gonçalo; SANTOS, Ramiro dos – Forte de São Luís de Almádena – Arqueologia Militar. Faro: [s.n.], 2014. Trabalho Universitário

pedra calcária com argamassa; as três coberturas existentes (interior dos baluartes – paiol e cozinha- e parte da capela) são de abobadas, que por sua vez descarregam nas paredes autoportantes; as escadas de acesso aos baluartes são de pedra calcária ordinária com argamassa.

Elementos principais não estruturais – todas as paredes (exteriores e interiores) deste edifício são paredes resistentes, descritas nos elementos estruturais; as coberturas existentes neste Forte são estruturais, descrito no ponto anterior; os pavimentos térreos são em pedra calcária ou de terra, os pavimentos em pedra só se encontram visíveis na praça de armas.

Elementos secundários – não existem quaisquer vestígios de algum tipo de portas internas/ externas, janelas ou de elementos acessórios, embora ainda seja visível os encaixes das portas nos elementos de cantaria; os revestimentos e acabamentos são em argamassa de cal hidráulica; arcos de cantaria de vão exterior em pedra calcária (constituídos por ombreiras de verão ou arco).

Estado de conservação – não existe deformação das paredes; na consistência da alvenaria a argamassa de assentamento e a consistência das argamassas encontram-se em médio estado, mas os revestimentos e os acabamentos são inexistentes.

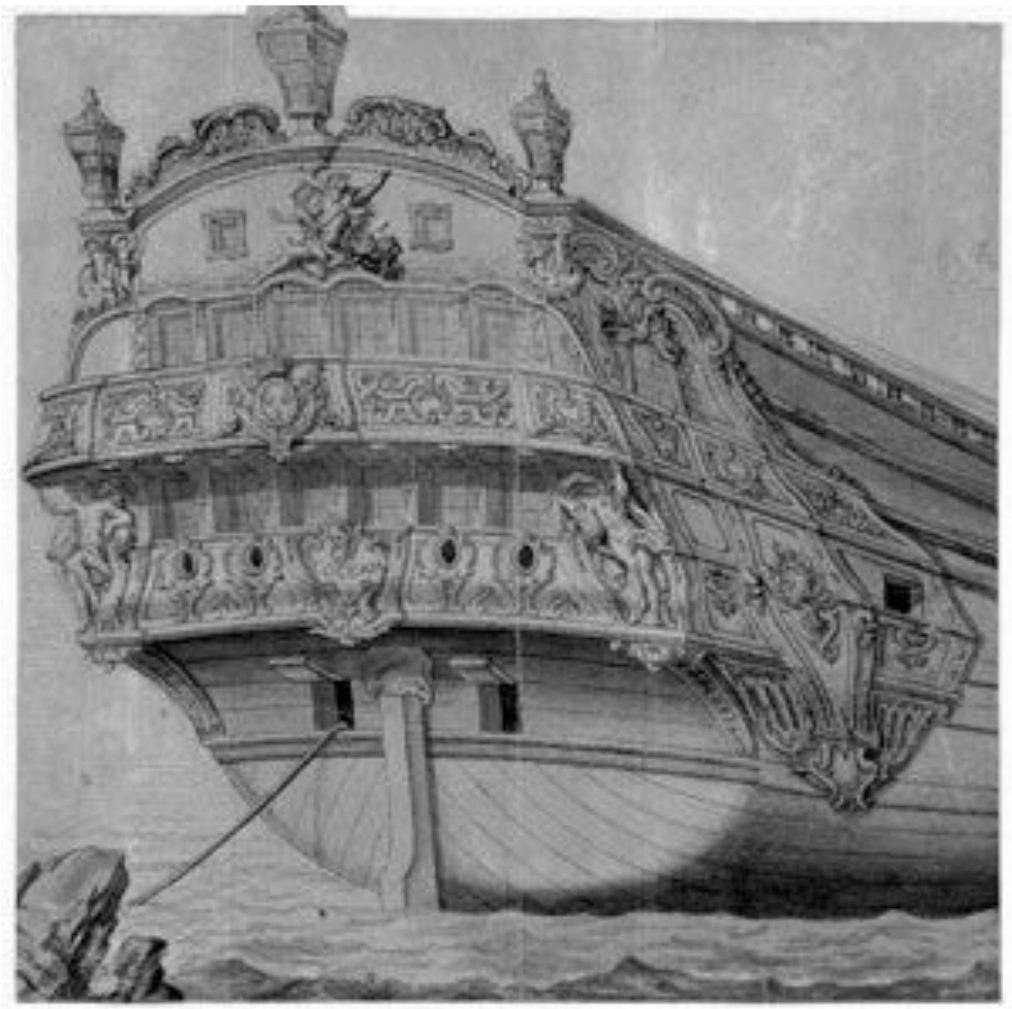


FIGURA 54 | ILUSTRAÇÃO DO NAVIO *OCÉAN*

ORIGEM | http://www.subnauta.pt/locean.html

O Océan foi construído em Toulon, no reinado de Luís XV, sob a concepção de François Coulomb, sendo lançado em 1756 e concluído em 1759. Era o expoente de uma recente inovação da construção naval francesa, que consistiu na criação de um navio de linha de duas pontes ou cobertas, armando 80 canhões. [84]

84 Citado em: ALVES, Francisco J. S.; *O itinerário arqueológico subaquático do Océan*

8.3 | OS SEGREDOS MARITÍMOS

Como já foi referido anteriormente, e é demonstrado no volume 2 deste trabalho, *Levantamento de um território por (re)descobrir*, o mar que envolve a costa deste território guarda no seu leito a história tanto nacional como de várias nações que por aqui passaram.

A Batalha de Lagos é uma das várias histórias que marcou não só o território Português, como os Ingleses e os Franceses.

OCÉAN

> *A 6 de Agosto de 1759, em pleno período de bloqueio dos portos franceses pela marinha inglesa, o navio-almirante francês, Océan, sob o comando do Almirante de La Clue zarpa do ponto de Toulon, na calada da noite, à frente de uma esquadra de 14 navios. Pretendendo ganhar o atlântico e juntar-se às forças do 'Ponant' e, para tal, tenta passar despercebido dos ingleses, rumando ao longo da costa norte-africana* [85]

O Océan era um embarcação de 56,70 metros de comprimento, 14,904 metros de largura e 7,128 metros de pontal. Tinha ainda capacidade para uma equipa de 17 oficiais, 216 soldados e 446 marinheiros, o que equivale a um total de 818 homens.

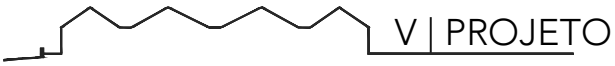
O afundamento de um navio desta envergadura confere uma importância

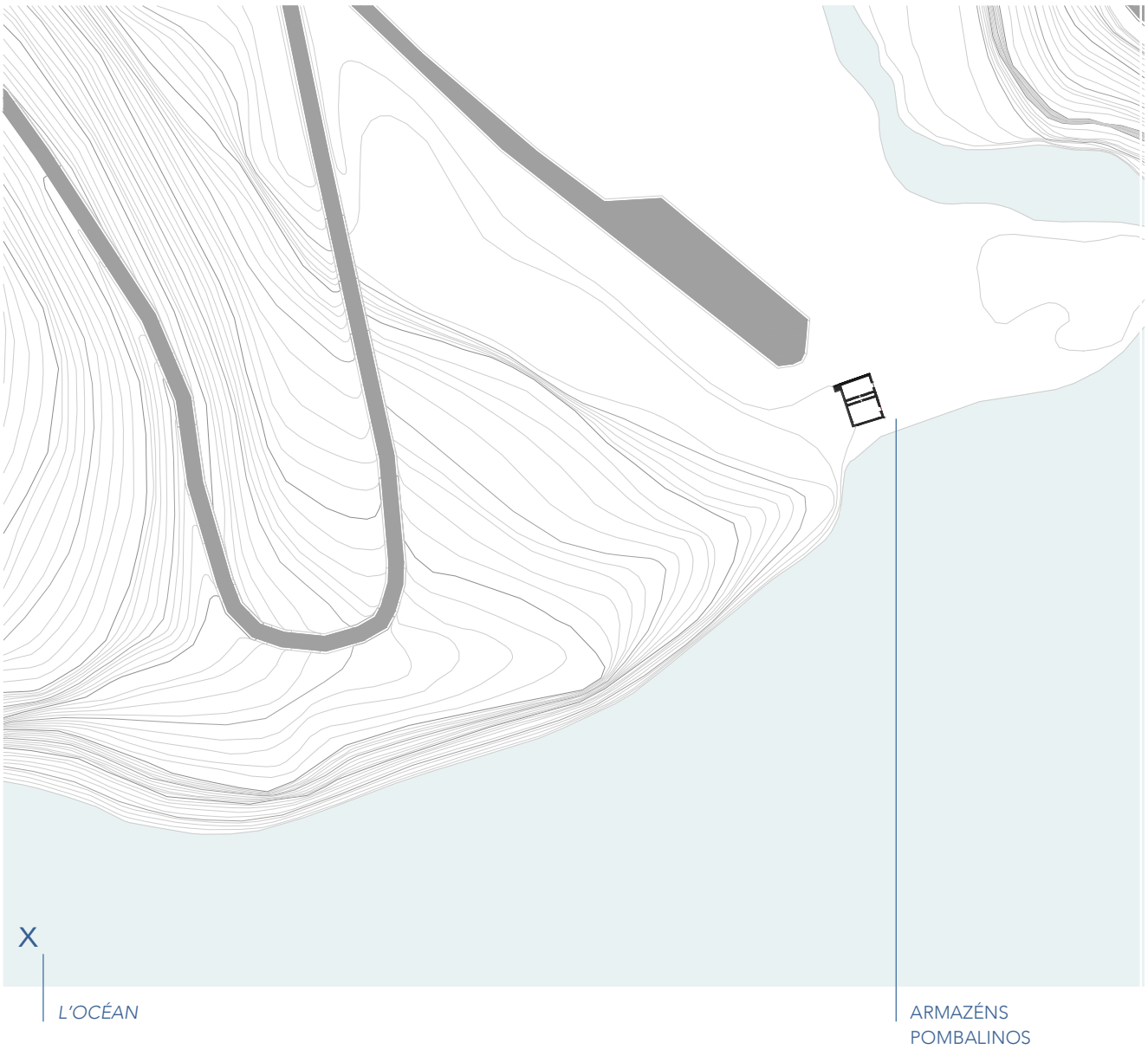
h

85 Citado em: LÉON, Andrés Alenjandro; Mata, Gonçalo; Santos, Ramiro dos – Forte de São Luís de Almádena – Arqueologia Militar. Faro: [s.n.], 2014. Trabalho Universitário

istórico-cultural acrescida à Praia da Boca do Rio.

Somente nos anos 70 é que o *navio-almirante francês Océan*, [como é descrito por Francisco J. S. Alves no itinerário arqueológico subaquático do Océan], é descoberto e submetido a recuperações indiscriminadas, apesar de se notar a falta de muitos materiais, provavelmente pilhados ao longo do tempo. Nos anos 80 volta a ser alvo de campanhas metódicas de escavação e salvamento arqueológico por parte do Museu Nacional de Arqueologia. Esta campanha vai lançar a arqueologia subaquática em Portugal e criar um Itinerário pioneiro no Atlântico Europeu – *O Itinerário do L'Ocean*.


V | PROJETO


X
L'OCÉAN
ARMAZÉNS
POMBALINOS

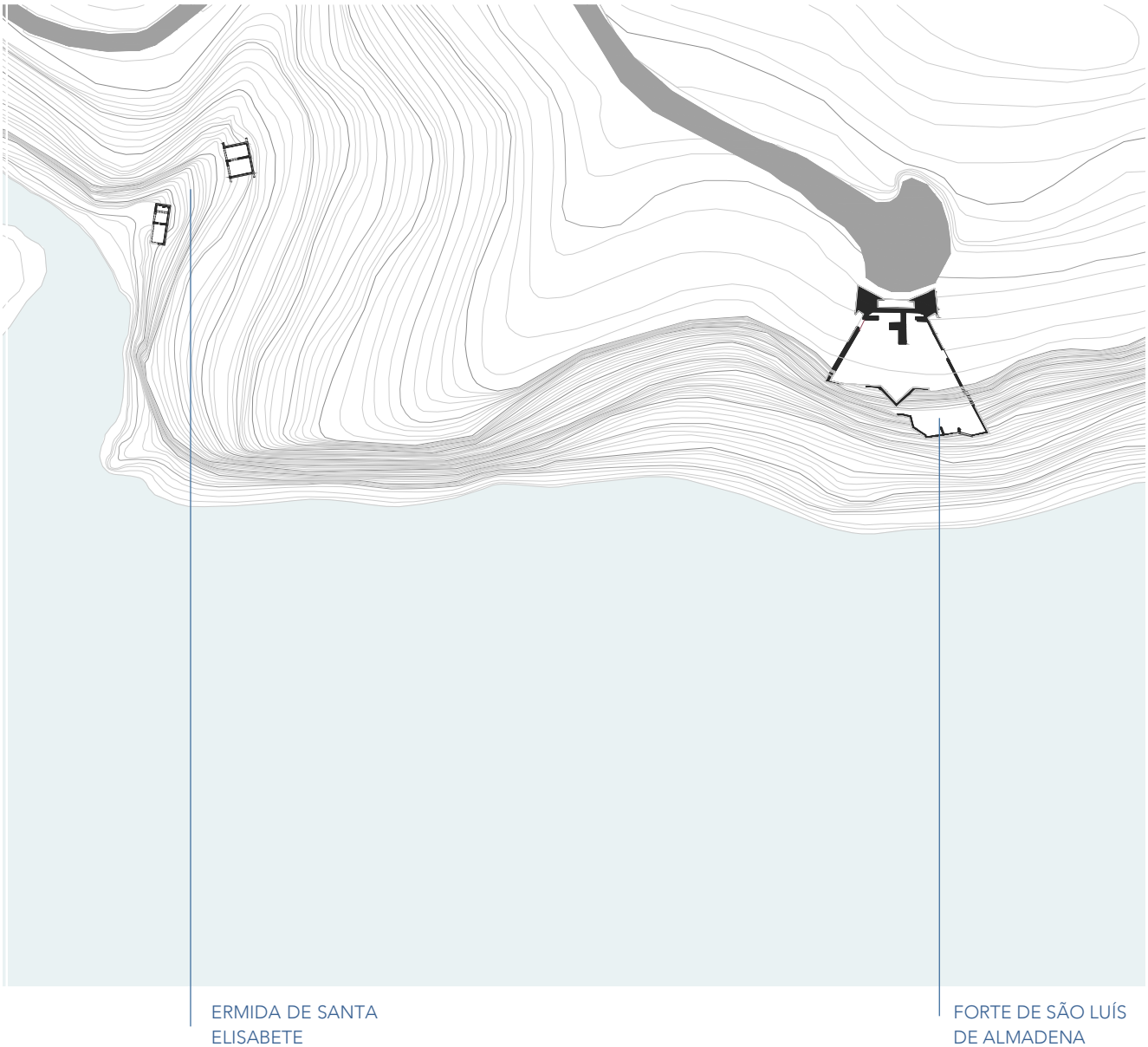


FIGURA 55 | ÁREA DE INTERVENÇÃO

ORIGEM | Raquel Cravinho

9 | PROGRAMA

Nos edifícios, nas cidades ou no território sempre humanizado, a arquitetura dos próximos anos será marcada pela prática da recuperação. Recuperação e criação serão complemento e não especialidades passíveis de tratamentos autónomos. Reconhecer-se-á que não se inventa uma linguagem. Reconhecer- se-á que a linguagem se adapta à realidade para lhe dar forma. Tudo será reconhecido como património coletivo e, nessa condição, objeto de mudança e de continuidade. Os instrumentos de reconhecimento do real chamam-se História, a arte de construir a transformação chama-se Arquitetura. Uma sem a outra chama-se fracasso da arquitetura contemporânea, dizemos nós [86]

O programa nasce de forma a responder a necessidade de valorizar o local que, de certo modo, contribui na valorização de todo o território Vilabispense. Desta forma é proposto um programa centralizado no Centro Interpretativo do Lugar, de forma a focar e a transmitir a história que este lugar tem para nos transmitir, como se de um sábio se tratasse.

Após um estudo prévio da caracterização das ruínas, do seu estado de conservação e da sua escala definiu-se, em conjunto com o Arqueólogo Ricardo Soares, o seguinte programa: o Itinerário do L'Océan seria reabilitado, mantendo a memória do antigo circuito aquático; os Armazéns Pombalinos seriam convertidos no Centro Interpretativo da Boca do Rio; as ruínas da possível Ermida dedicada a Santa Elisabete e o casario, devido à descaracterização que apresentam, permitiriam uma

86 Citado em: ALVES COSTA, Alexandre. *Identidade Nacional e Património Construído - Arquitectura, Cidade e Território.*Comunicação efetuada a 18 de Abril de 2009, no Auditório da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, no Dia Internacional dos Monumentos e Sítios sob o tema geral "O Património como Oportunidade e Desígnio"

reconversão num abrigo para os caminhantes e para os arqueólogos do C.I; e o Forte de São Luís de Almadena, pela magnificência que apresenta na arriba, seria recuperado, a semelhança dos Armazéns, num Centro Interpretativo Militar.

Com este novo programa, é necessário a construção de duas naves para o apoio de praia e os seus espaços inerentes (cafetaria, posto de primeiros socorros, balneários e áreas de arrumação/técnicas) – uma vez que as pré-existências não suportavam, sem uma grande intervenção, este tipo de função.

Prevê-se ainda o suporte e consolidação da arriba a sul dos Armazéns Pombalinos, de forma a travar a erosão causada pelo mar; e a travessia do rio de forma a ligar os abrigos à praia.

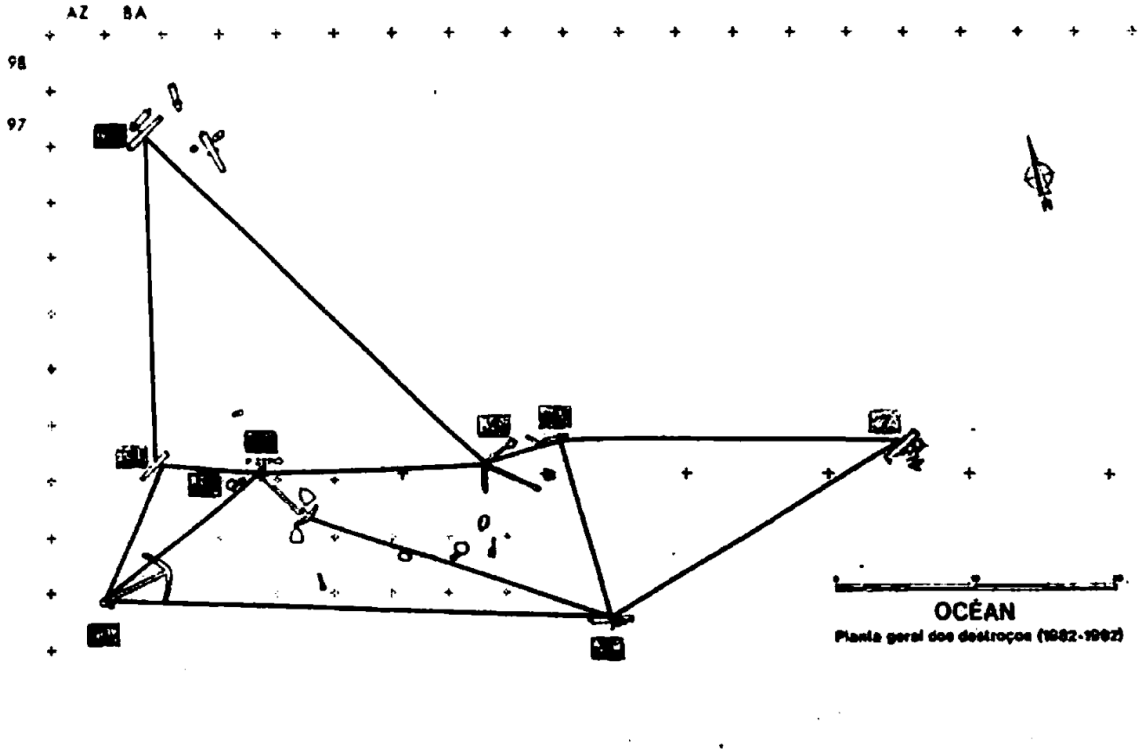


FIGURA 56 | PLANTA GERAL DOS DESTROÇOS DO L'OCÉAN

ORIGEM | ALVES, Francisco J.S.; *O ITENERARIO ARQUEOLÓGICO SUBAQUÁTICO DO ÓCEAN*

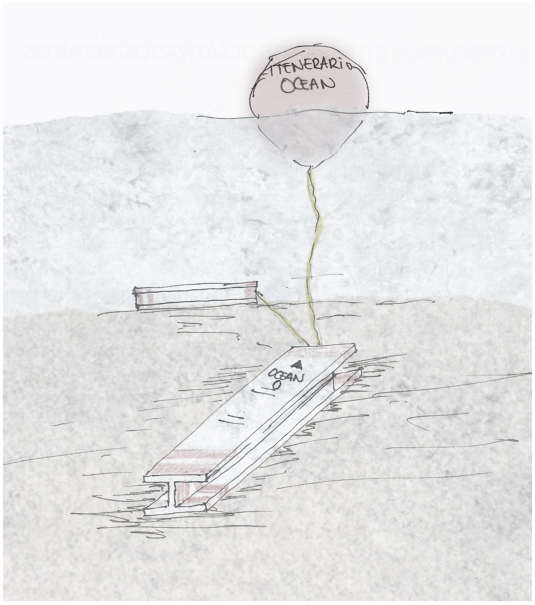


FIGURA 57 | ESQUIÇO DA PROPOSTA DE IDENTIFICAÇÃO DO PERCURSO

ORIGEM | Raquel Cravinho

FIGURA 58 | AXONOMETRIA DO PERFIL DE IDENTIFICAÇÃO DAS PEÇAS

ORIGEM | Raquel Cravinho

9.1 | (RE)PENSAR O ITINERÁRIO DO L'OCÉAN

A medida que iam surgindo as primeiras ideias de como repensar e intervir num sitio arqueológico submerso, aliando a construção e a arquitetura, foi necessário um estudo sobre materiais que pudessem ser submergidos sem perder as suas características e funções. Tentou-se assim, aliar a materialidade vigente ao dispositivo de 1993, isto é, manteve-se o desenho do percurso original apoiado de uns meios de sinalética atuais.

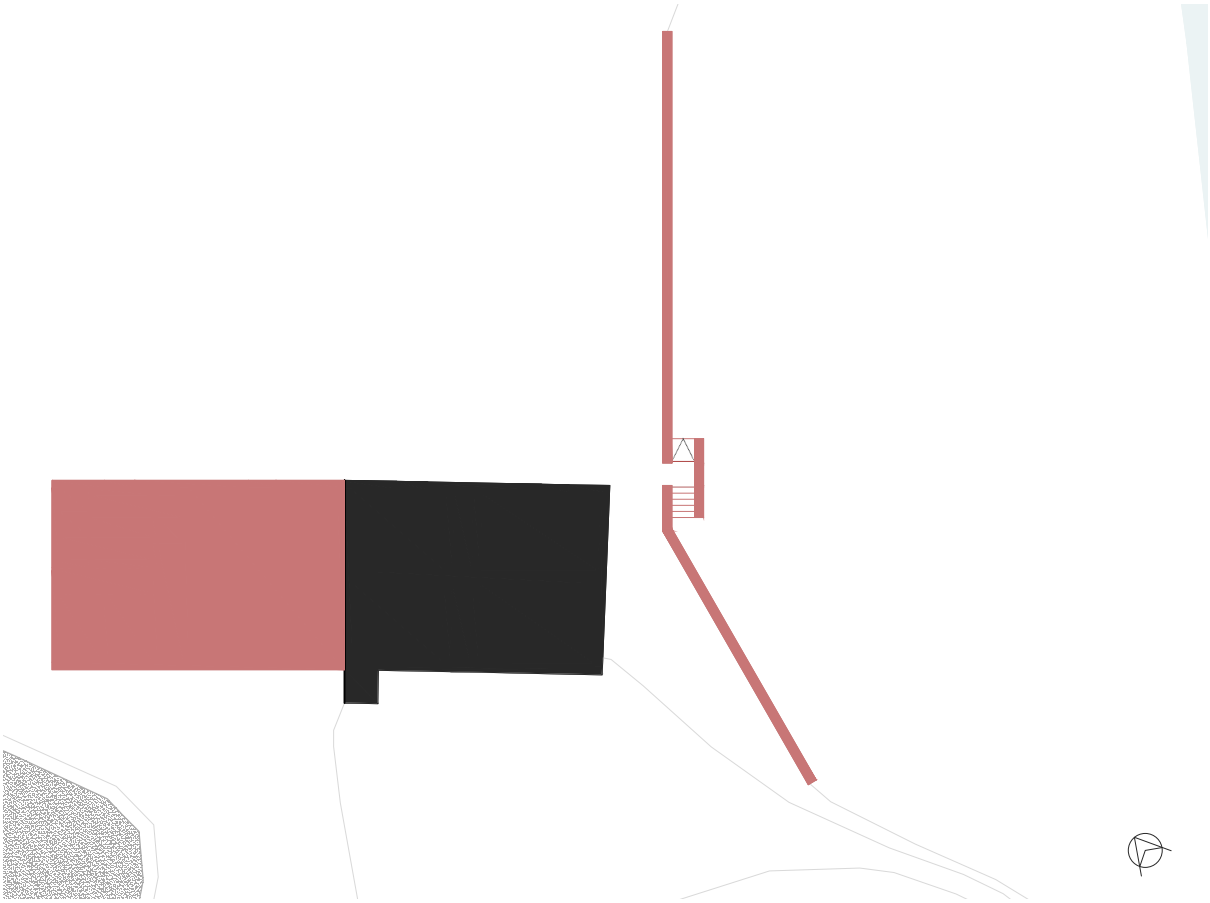
Sendo um percurso subaquático é necessário que haja uma boia de grandes dimensões a superfície a sinalizar o local, até porque, sendo uma área dedicada a pesca e a desportos náuticos, é imprescindível garantir a segurança de todos os intervenientes. Esta boia será fixada ao primeiro perfil, que dá inicio ao trajeto, onde será também afixada as duas tabuletas uma seta. Os perfis HEB 300, com 1,00 de comprimento serão pintados de branco com três riscas vermelhas (duas no ponto de chegada e uma na direção do próximo objeto), com tinta anti-vegetativa de co-polímero de auto-polimento, de forma a que garanta a proteção das peças. As tabuletas, de 0,50mx0,20m, de acrílico branco terão a informação gravada a preto, a informação base em português (igual ao do itinerário antigo) acrescentando a tradução em inglês e uma seta para guiar o mergulhador para o próximo ponto deste percurso (peças desenhadas na Figura 56). Os perfis metálicos estarão ligados entre si por *cabos-guia ou "fios de Ariane", materializados por um fino cordão amarelo florescente*[87] a semelhança do anterior conservando a disposição

87 Citado em: ALVES, Francisco J.S.; *O ITENERÁRIO ARQUEOLÓGICO SUBAQUÁTICO DO ÓCEAN*. p.459

e numeração do itinerário anterior (Figura 55), de forma a manter a coerência do percurso.

Recomenda-se que o visitante mergulhe, qualquer que seja o percurso subaquático, apoiado por um centro, clube ou escola de mergulho, de modo a usufruir da maior segurança.

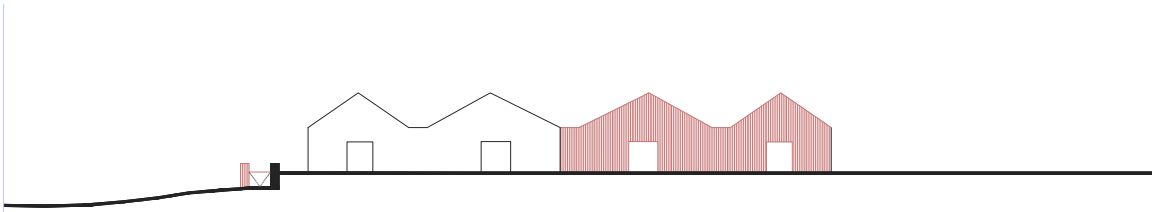
Propõe-se que o Centro de Interpretação da Boca do Rio tenha, a disposição do visitante, a informação das escolas e dos centros de mergulho locais, capazes de realizar este itinerário. Propõe-se ainda a existência de uma exposição alusiva ao *L'Ocean*, de forma a contextualizar temporal e historicamente o navio, formando assim um elo de ligação entre o Itinerário subaquático e o Centro de Interpretação.



Escala: 1:500

FIGURA 59 | PLANTA COM A RELAÇÃO DO EXISTENTE E DA VOLUMETRIA PROPOSTA

ORIGEM | Elaborado por Raquel Cravinho



Escala: 1:500

FIGURA 60 | RELAÇÃO DO ALÇADO EXISTENTE COM O ALÇADO DA VOLUMETRIA PROPOSTA

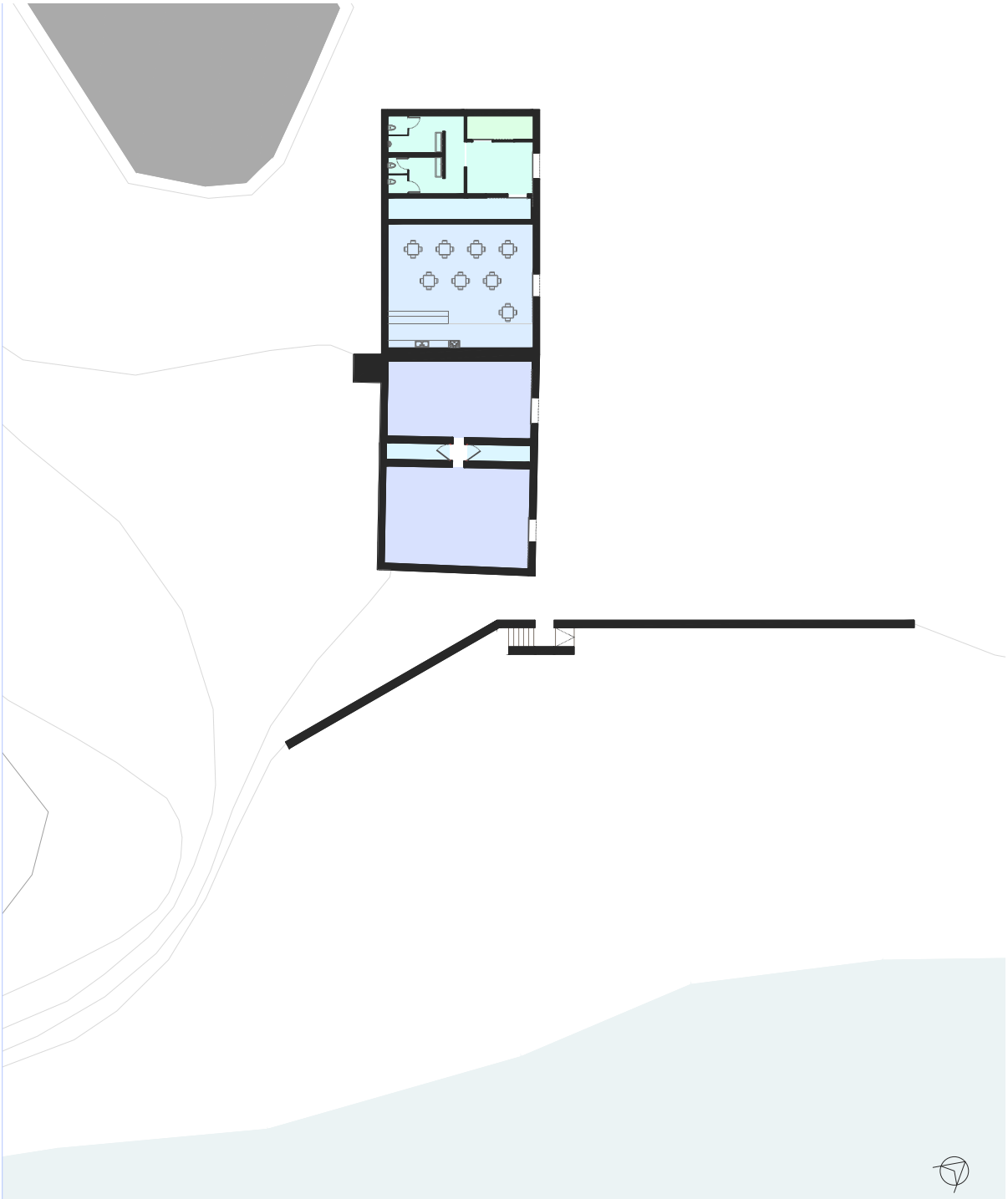
ORIGEM | Elaborado por Raquel Cravinho

9.2 | CENTRO INTERPRETATIVO DA BOCA DO RIO

A criação de um Centro Interpretativo nasce de forma a expor à população que visita a Boca do Rio da importância que este estuário possui, como vimos anteriormente.

O Centro Interpretativo da Boca do Rio divide-se em dois volumes, o existente e o novo. O existente possuirá a função de núcleo histórico, onde será exposta, através de imagens, maquetes e pequenos artefactos de valor simbólico, a evolução do estuário ao longo da história e da sua forte relação com o mar. Terá também uma pequena recepção e duas salas de arrumos. Na sala mais a Sul será (re)escavado a área correspondente as estruturas do antigo balneário Romano, identificadas por Estácio da Veiga. Como estas estruturas encontram-se abaixo da cota de soleira (cerca de 1,50m abaixo) foi necessário a criação de uma varanda, desta forma é garantido a segurança do visitante permitindo ainda que o mesmo possa ter um olhar global sobre esta memória.

A nova volumetria respeita a existente, de forma a existir uma continuidade do olhar, mas marcando por uma distinção da materialidade. Esta intervenção surge apoiada nos ideais de Camilo Boito referidas anteriormente. As duas naves propostas corresponderam as áreas de apoio ao Centro e a praia, de forma a tornar a visita ao estuário mais atrativa, prática e funcional. A nave B (figura 61) será dedicada à cafetaria, composta por uma área de cozinha; a nave a Norte será destinada ao balneário (legenda E da figura 61), posto de primeiros socorros (legenda D da figura 61), e a uma área de arrumos e de zona técnica (legenda C da figura 61). Optou-se por criar este volume de forma



área expositiva - A

cafetaria - B

arrumos e área técnica - C

posto de primeiros socorros - D

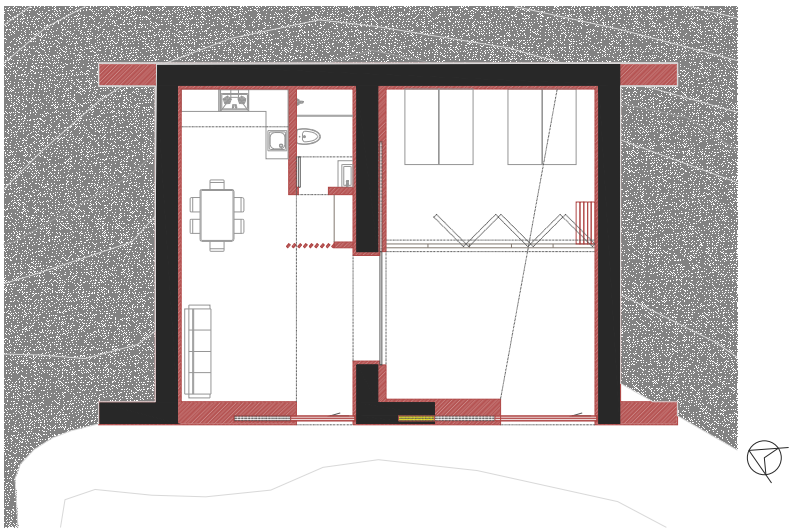
balneários - E

Escala: 1:500

FIGURA 61 | PLANTA PROPOSTA PARA O CENTRO INTERPRETATIVO

ORIGEM | Raquel Cravinho

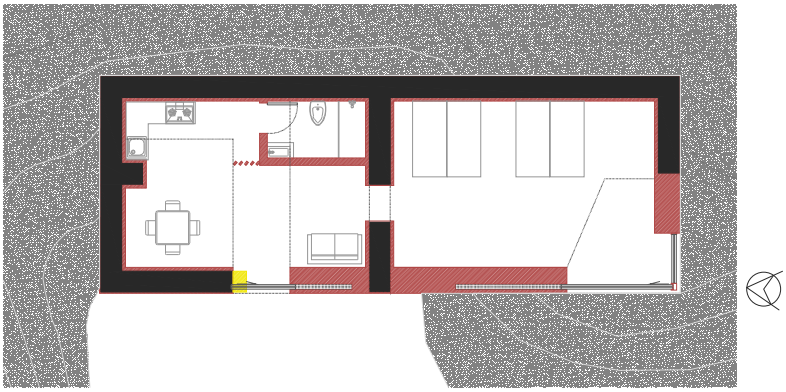
a garantir a integridade das pré-existências, tornando possível manter as mesmas num registo de contida intervenção arquitectónica.



Escala: 1:200

FIGURA 62 | PLANTA ABRIGO B – VERMELHOS E AMARELOS

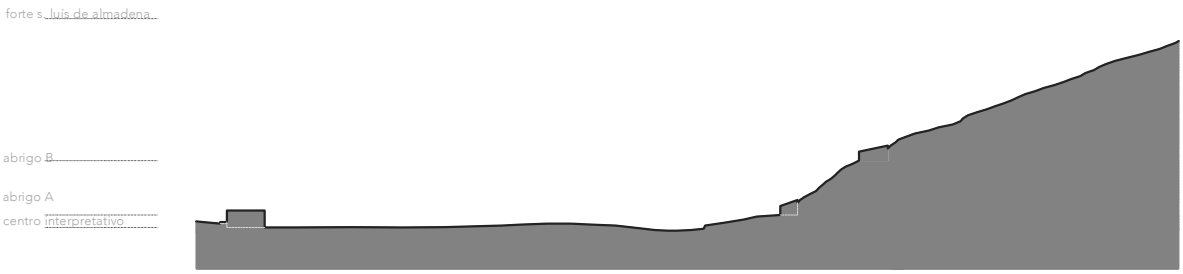
ORIGEM | Raquel Cravinho



Escala: 1:200

FIGURA 63 | PLANTA ABRIGO A – VERMELHOS E AMARELOS

ORIGEM | Raquel Cravinho



Escala: 1:2500

FIGURA 64 | CORTE – RELAÇÃO DE COTAS

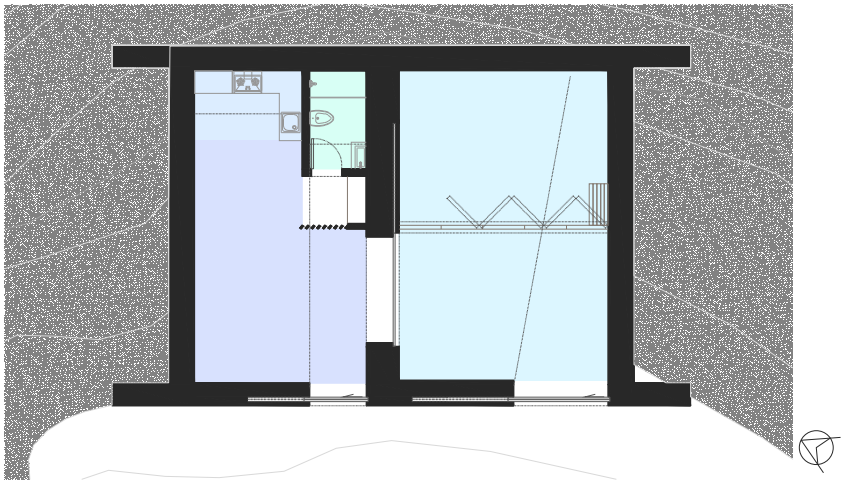
ORIGEM | Raquel Cravinho

9.3 | ABRIGO

Partindo do facto da Câmara Municipal ter vários protocolos e acordos com faculdades nacionais e internacionais ligadas a arqueologia, evento que tem sido benéfico para ambos os intervenientes, torna-se pertinente incluir nesta proposta um abrigo aos estudantes, de forma a promover a investigação.

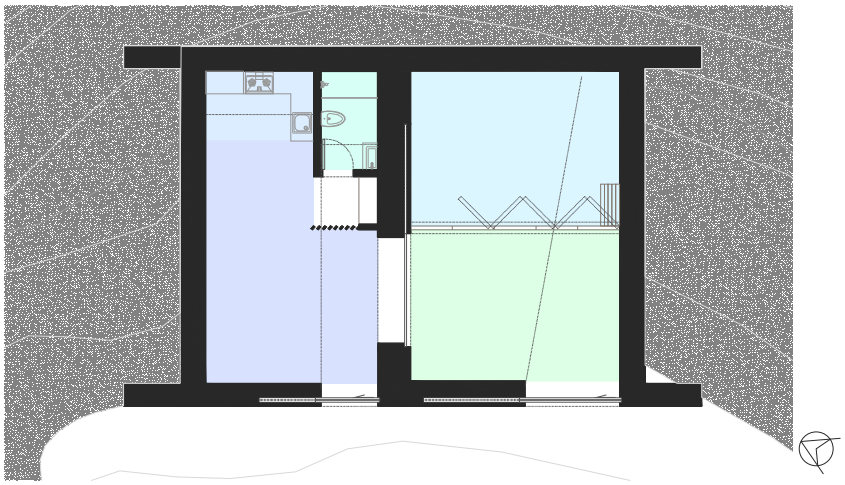
A reconversão destes dois volumes foi pensada de forma multifuncional, isto é, na ausência dos estudantes das faculdades protocoladas, podem albergar pequenas exposições temporárias, pequenas conferências ou servir de abrigo aos peregrinos que percorrem este território, de forma rentável em prol do Centro Interpretativo. Ambos os edifícios possuem uma pequena kitchenette, instalações sanitárias, uma zona de estar e um dormitório. O edifício A tem capacidade de 4 camas individuais; e o edifício B tem capacidade para 7 camas individuais, podendo ainda dividir o espaço de dormitório graças a uma parede divisória (de recolhimento dos painéis com sistema monorroldana) oferecendo assim uma área de dormitório para 5 camas individuais e uma área de estudo.

Devido a descaracterização das ruínas, maioritariamente causados pelos agentes da intempérie, apenas se propõe demolir 0,35m de parede do edifício B, de forma a redesenhar a entrada principal. A espessura das paredes é respeitada, mesmo nas paredes exteriores propostas, sendo aproveitada para esconder os vãos, quando estes se encontram abertos, de forma libertarem a vista e o espaço. É proposto recuperar os três contrafortes, diferenciando a materialidade, que foram destruídos ao longo dos tempos, devolvendo a integridade ao edifício.



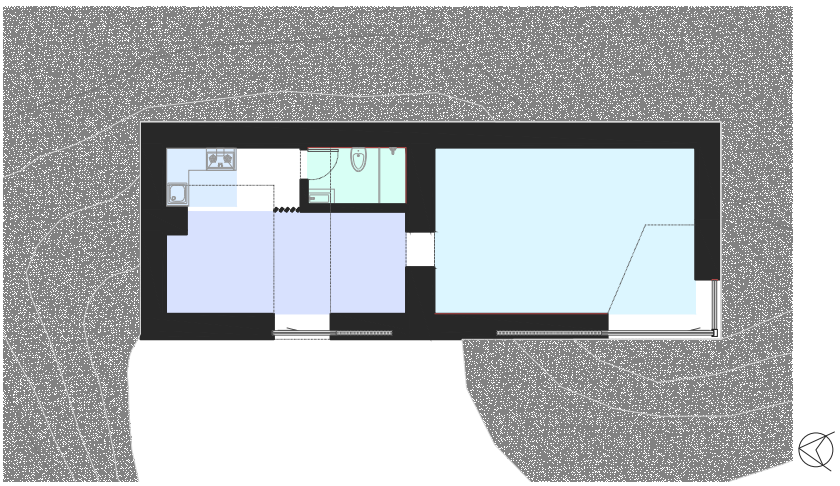
Escala: 1:200

FIGURA 65 | PROGRAMA
ABRIGO B – ESQUEMA 01
ORIGEM | Raquel Cravinho



Escala: 1:200

FIGURA 66 | PROGRAMA
ABRIGO B – ESQUEMA 02
ORIGEM | Raquel Cravinho



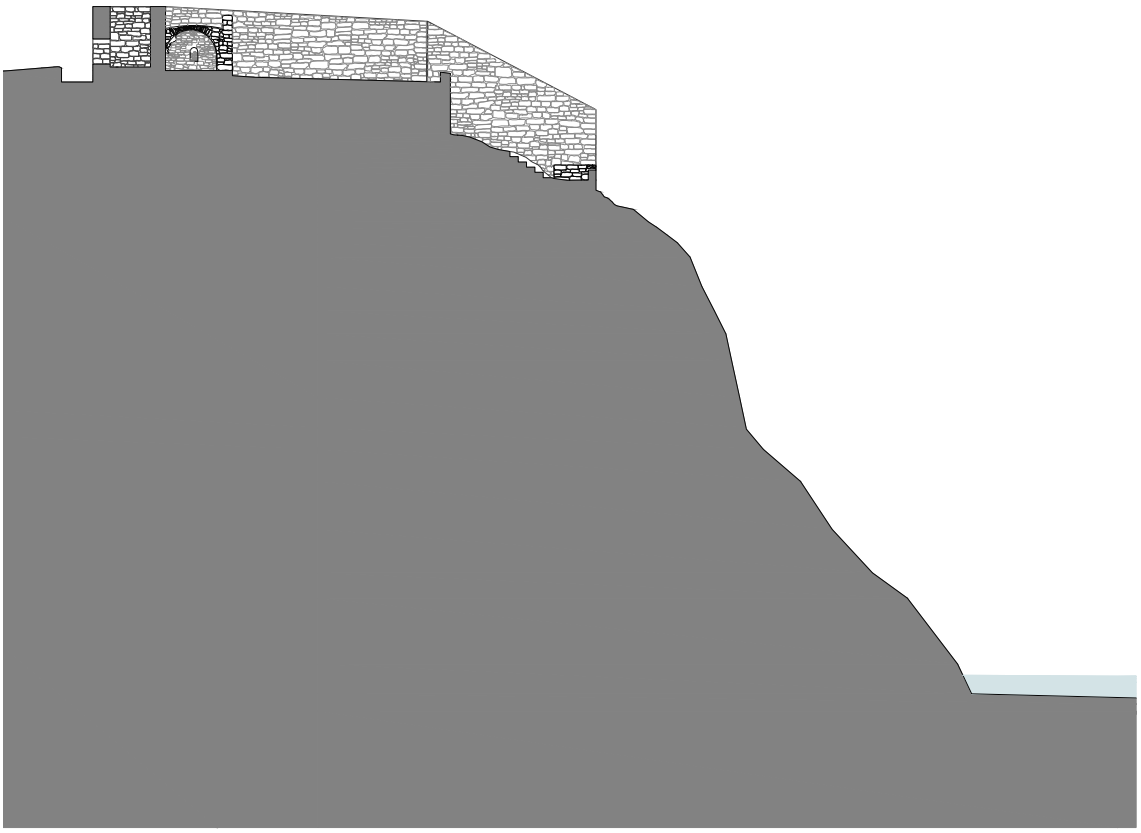
Escala: 1:200
FIGURA 67 | PROGRAMA
ABRIGO A

ORIGEM | Raquel Cravinho

zona de refeições/estar
kitchenette
dormitório
área de estudo
instalações sanitárias

Os vãos propostos foram projetados de forma protagonizar a luz natural em todas as divisões e a valorizarem as vistas sobre a praia da Boca do Rio, as ruínas romanas, o Centro de Interpretação e sobre a estação de Biodiversidade da Boca do Rio.

Apesar de ambos os abrigos se encontram voltados a Poente, existe uma grande incidência solar sobre eles, o que possibilita utilizar painéis fotovoltaicos, tornando-os autossuficientes. Devido a esta exposição solar tornou-se necessário propor um sistema de sombreamento que seja multifuncional, que deixe aquecer o edifício nos meses de inverno e arrefecer nos meses de verão. Foi idealizado um modelo de sombreamento fixo para os vãos da cobertura e outro, com a mesma linguagem, para os vãos das fachadas. O modelo de sombreamento para as fachadas foi desenhado de forma a que pudesse, a semelhança dos vãos, ser ocultos no interior da parede, de forma a não ocupar espaço físico ou visual.



Escala: 1:750

FIGURA 68 | CORTE – RELAÇÃO DO FORTE COM A ARRIBA
ORIGEM | Raquel Cravinho

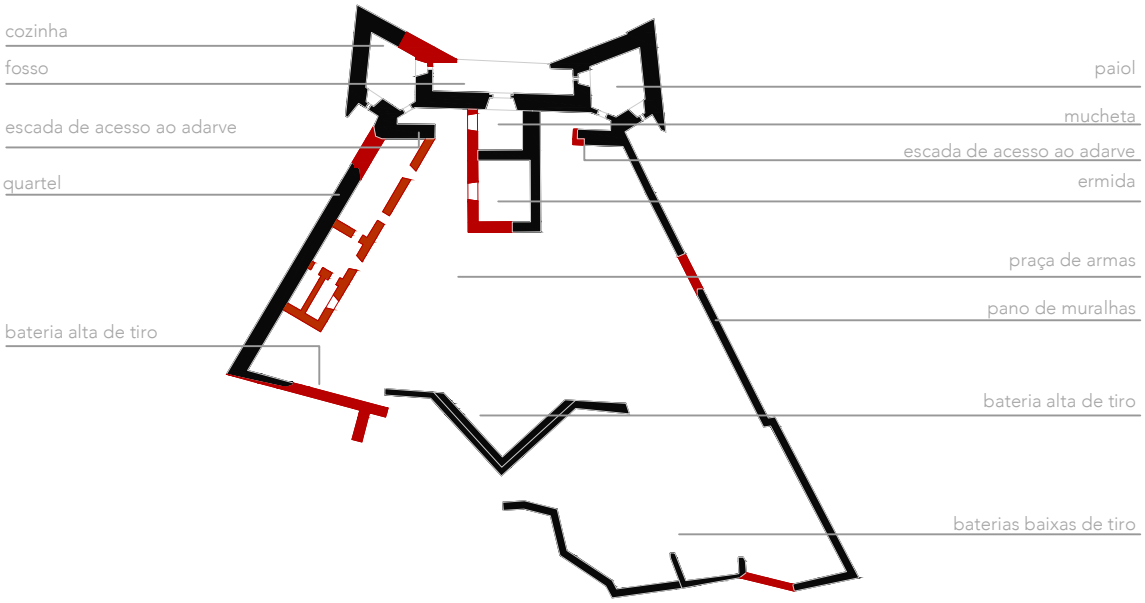
9.4 | INTERPRETAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DO FORTE DE S. LUÍS DE ALMADENA

O Forte de São Luís de Almadena culmina a intervenção arquitetónica proposta neste trabalho, conectando, visualmente, com o *L'Océan*, outras fortificações e Atalaias.

A principal intervenção é a consolidação das estruturas restantes do forte, sendo ainda proposto intervenções pontuais de modo a oferecerem uma melhor leitura e compreenção do mesmo. Visto grande parte da alvenaria de pedra se encontrar a vista é necessário dar um tratamento de resina epoxy de forma a conservar e retardar os efeitos causados pelos agentes da intemperie.

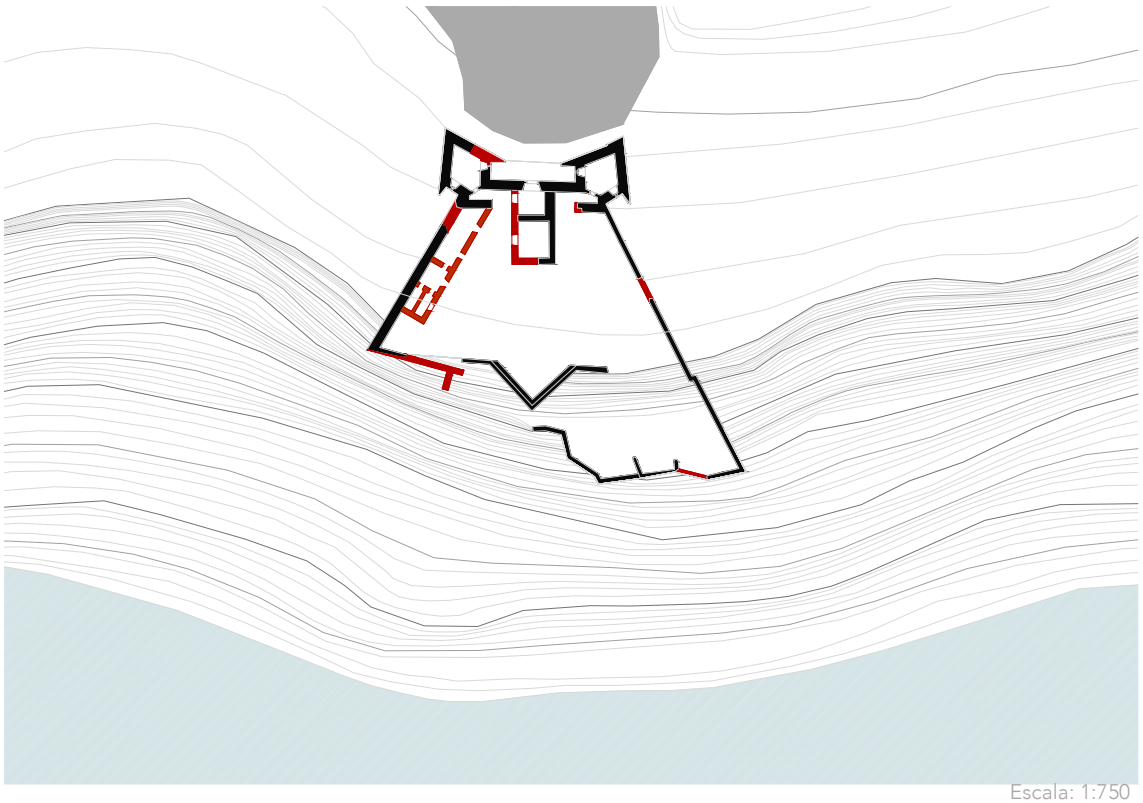
O acesso ao interior do forte será feito apenas por uma ponte que vecerá a largura do fosso, as duas outras entradas existentes (atualmente) nos panos de muralha serão consulidadas.

Estes troços em que a muralha se encontra derrubada e o baluarte poente, em que a sua alvenaria de pedra se encontre no local, propõe-se a sua reconstrução utilizando essa mesma alvenaria com argamassa de cal; nos troços que não tenha pedra suficiente, serão preenchidas com lagetas de alvenaria de pedra calcária de espessuras variadas com argamassa de cal de maneira a se tornar evidente a marca do tempo. As seteiras, que apresentam um nível de degradação tão elevada que já perderam a sua identidade, serão novamente delineadas, em pedra calcária, contrinuindo para uma maior estabilidade estrutural do baluarte em que se insere.



Escala: 1:750

FIGURA 69 | PLANTA – VERMELHOS E AMARELOS
ORIGEM | Raquel Cravinho



Escala: 1:750

FIGURA 70 | PLANTA – RELAÇÃO DO FORTE COM A ARRIBA
ORIGEM | Raquel Cravinho

Nas escadarias de acesso ao caminho de ronda serão completados os degraus em falta com blocos de pedra calcária com um acabamento areado de forma a garantir a segurança dos visitantes.

A mucheta, a ermida e as casernas serão recriadas, com base em plantas antigas, de modo a transmitir ao visitante o possivel ambiente que teria a fortificação quando estava ativa. Estas estruturas serão construidas em ripado interrompido vertical de madeira com tratamento para o exterior, do tipo ThermoD®, permitindo assim a permeabilidade visual e da luz natural.

Apesar de não existir uma grande dimensão de áreas pavimentadas, manter-se-à o existente (praça de armas/baterias altas de tiro). O acesso às baterias baixas de tiro será de acesso condicionado devido a grande erosão da arriba que as suporta.

FIGURA 71| PEDRA MOCA CREME – ACABAMENTO RISCADO

ORIGEM | http://www.sociror.com/portfolios/moca-creme/

FIGURA 72| PEDRA MOCA CREME – ACABAMENTO AREADO

ORIGEM | http://www.sociror.com/portfolios/moca-creme/

FIGURA 73 | TIPOLOGIA DO RIPADO EM MADEIRA

ORIGEM | http://www.banema.pt/casa_vale_bem

FIGURA 74 | EXEMPLO DE UTILIZAÇÃO DO POLICARBONATO COMPACTO – COBERTURA DO MUSEU MUNICIPAL DE MOURA

ORIGEM | http://habitarportugal.org/PT/projecto/museu-municipal-de-arqueologia-de-moura/?listtype=grid

10 | MATERIALIDADE

A materialidade será um dos elos de ligação entre o projeto de arquitectónico - Centro Interpretativo, os abrigos e o Forte de São Luís de Almadena. Optou-se por materiais que fossem familiares às ruínas, como a pedra calcária e a madeira, e materiais mais contemporâneos, como o vidro e o policarbonato compacto.

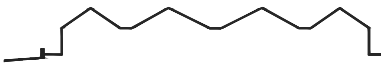
A pedra calcária do tipo Moca Creme, apresenta uma cor bege muito semelhante a pedra calcária local, mas ainda assim é visível as suas diferenças. Esta diferença propositada confere harmonia entre os materiais utilizados marcando a adição do tempo, distinguindo o edifício original das novas adições. A pedra será empenhada em revestimento de paredes exteriores e interiores, com um acabamento riscado (a semelhança da figura 71), de forma a evidenciar as novas adições; e em pavimentos, com um acabamento areado (a semelhança da figura 72), de forma a ser antiderrapante. O muro de suporte e de acesso a praia manterá a mesma linguagem, é proposto que seja revestido a pedra com acabamento riscado e os degraus e rampa com um acabamento areado.

A madeira de pinho será utilizada nas portas, paredes de interiores de destaques, paredes divisórias permeáveis, coberturas, no sombreamento dos vãos e nas estruturas propostas no Forte de São Luís de Almadena. A madeira utilizada no exterior levará um tratamento do tipo Thermo-D (Thermowood®) que utiliza à ação do calor para modificar a estrutura molecular da madeira sem a utilização de produtos químicos. O ripado

será utilizado na vertical e terá uma secção rectangular de 42x68 mm, a sua altura vai depender onde está a ser empregue (a semelhança da figura 73). A estrutura das coberturas, quer do Centro Interpretativo quer dos abrigos, terá uma secção 100x200mm, sendo o seu comprimento dependente do vão a vencer.

O policarbonato compacto será empregue nas coberturas entre o ripado de madeira, a semelhança da figura 74, de forma a trazer uma melhor iluminação natural para o interior, visto os vãos serem pontuais. Nos abrigos entre o policarbonato compacto e o ripado de madeira interior é necessário um isolante térmico de forma a garantir o conforto no interior.

Os vãos dos abrigos serão em vidro duplo, de forma a oferecer uma melhor térmica no seu interior.



VI | CONSIDERAÇÕES FINAIS

VI | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A possibilidade de poder olhar para o território de Vila do Bispo como alvo de intervenção foi, sem sombras de dúvidas, uma das maiores motivações para este projeto. A sua história, a cultura e as suas paisagens fundem-se de forma a transmitir-nos o seu saber, deixando-nos a *nós*, espectadores, perplexos. Existindo uma forte necessidade de valorizar a região - que apesar de ser um pequeno Concelho, engloba em si todo o Algarve, Portugal e um bocadinho do Mundo – foi se tornando cada vez mais claro o tipo de intervenção que faria sentindo de modo a não perder a identidade do lugar.

À medida que a nossa pesquisa ia ganhando respostas às questões fomo-nos apercebemos que nesta dimensão regional , há perguntas que se levantam que tem respostas de cariz nacional ou até mesmo global, e que de certa forma marcaram este território de uma forma única. Após cruzar a informação recolhida o traçado do percurso tornou-se cada vez mais claro, apontando sempre para caminhos existentes ou para a memória dos extintos, de forma a exaltar os locais mais emblemáticos desta região.

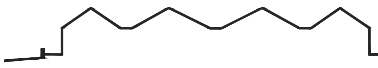
Perante a vasta dimensão do território, foi-se tornando óbvio que não podíamos intervir em todos os pontos que se revelaram pertinentes, existindo assim, a necessidade de focar numa área mais circunscrita deste trajeto que se mostrasse o mais promissor.

Quanto mais aprofundávamos a investigação sobre o Estuário da Boca do Rio mais nos apercebia-mos da influência regional que este tinha outrora, tendo sido palcos de inúmeros acontecimentos, descritos ao longo desta

investigação. Deste modo, a intervenção neste local não pode ser vista como uma operação isolada, mas sim como um dos lugares chave de um vasto território, que tem tanto para (re)descobrir.

Procuramos aliar a pesquisa, as visitas regulares ao sitio de intervenção e as inúmeras reuniões com as várias entidades da Câmara Municipal, de forma garantir uma maior compreensão das várias condicionantes existentes no território tornando, desta forma, o projeto o mais exequível possível.

Acreditamos que o projeto assim concebido, suportado pela estratégia traçada, responde às inquietações levantadas inicialmente. Pretendendo-se ainda que este trabalho exalte novas investigações, quer do território de Vila do Bispo, quer de todo o Algarve e que nos permitem de ponto de partida das mesmas, sempre com a mesma finalidade: de valorizarmos o Algarve como um território histórico-cultural e não apenas sinónimo de veraneio.



VII | BIBLIOGRAFIA

VII | BIBLIOGRAFIA

ARTIGOS

AGUIAR, José; RIBEIRO, Vítor; COSTA, Miguel Reimão; (Março, 2005)" O levantamento e estudo da paisagem urbana histórica de quarenta e sete aglomerados algarvios ",Casa Moeda/ Direção Geral do Património Cultural , Lisboa, Revista Património, nº3

ENTREVISTAS

Gonçalo Ribeiro Telles; *in* entrevista Jornal Pessoas e Lugares, Projeto Leader, Janeiro/Fevereiro 2004

LIVROS

ALBUQUERQUE, Luís ; *Dúvidas e Certezas na História dos Descobrimentos Portugueses* - Lisboa, 1990

ALVES, Francisco J. S.; *O itinerário arqueológico subaquático do Océan*. Lisboa

CARDOSO, Isabel Lopes. *Paisagem Património* - CHAIA | Universidade De Évora. 2013

CORRÊA, Fernando Cecílio Calapez – A CIDADE E O TERMO DE LAGOS NO PERÍODO DOS REIS FILIPES – Lagos. Centro de Estudos Gil Eanes, 1994

CONDE, Antónia Fialho; Henriques, Maria Virgínia; Guiomar, Nuno Gracinhas - *A costa algarvia três séculos depois -O olhar entre a Geografia e a História.* – Porto : 2011. IV Simpósio LusoBrasileiro de Cartografia Histórica

DANTAS, Marcelo Menescal; LEITÂO, João Gomes – *Museu Da Memória* – Museu Arqueológico Do Carmo – LIBRUS. 2004

GOMES, Mário Varela; SILVA, Carlos Tavares da – LEVANTAMENTO ARQUEOLÓGICO DO ALGARVE – CONCELHO DE VILA DO BISPO. Henry Gris, Ltda, Lisboa. 1987

LÉON, Andrés Alenjandro; Mata, Gonçalo; Santos, Ramiro dos – *Forte de São Luís de Almádena – Arqueologia Militar*. Faro: [s.n.], 2014. Trabalho Universitário

LOPES, João Baptista da Silva – Corografia ou Memoria Economica, Estadistica, e Topografica do Reino do Algarve. Academia R. Das Sciencias de Lisboa, 1841

JESUS, Artur Vieira de – *VILA do BISPO* – lugar de encontros, volume II . Vila do Bispo: Câmara Municipal de Vila do Bispo, 2017

JESUS, Artur Vieira de – *VILA do BISPO* – lugar de encontros, volume I . Vila do Bispo: Câmara Municipal de Vila do Bispo, 2015

JESUS, Artur Vieira de – *VILA do BISPO* – uma viagem pela sua HISTÓRIA. Vila do Bispo: Câmara Municipal de Vila do Bispo, 2005

MAGALHÃES, Natércia – ALGARVE - CASTELOS, CERCAS E FORTALEZAS. Letras Várias, 2008

MARTINS, José António de Jesus - A freguesia da Vila de Sagres . Sagres, 2000

MEDEIROS, Ismael Estevens - O complexo industrial da Boca do Rio. Organização de um sítio produtor de preparados piscícolas. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Universidade do Algarve, 2012

PINTO, Ana Lídia; Meireles, Fernanda; Cambotas, Manuela Carnadas – História da cultura e das Artes, 10ºAno, 3º Parte - Porto Editora. 2008

OLIVEIRA, Beatriz Tomás – *Roteiro Paleo-Geológico das Praias da SALEMA e MARETA*. Vila do Bispo: Câmara Municipal de Vila do Bispo, 2015

SERRÃO, Adriana Veríssimo – *Filosofia da Paisagem – uma antologia*. Centro de filosofia da Universidade de Lisboa, 2011

TÁVORA, Fernando – *Da Organização do Espaço.* Porto. FAUP, 1982

VELHINHO, João – *Repensar a História de Vila do Bispo*. Vila do Bispo, 2003

INTERNET

http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/?sid=sitios.resultados&subsid=2519024&vt=3051718

(consultado em 30.11.2016)

http://fortalezas.org/?ct=fortaleza&id_fortaleza=1332

(consultado em 30.11.2016)

http://vila-do-bispo-arqueologica.blogspot.pt/2014/01/villa-romana-da-boca-do-rio-budens.html

(consultado em 30.11.2016)

http://vila-do-bispo-arqueologica.blogspot.pt/2014/03/espolio-arqueologico-da-boca-do-rio.html

(consultado em 30.11.2016)

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2893 (consultado em 30.11.2016)

http://www.patrimoniocultural.pt/en/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/73198

(consultado em 01.12.2016)

http://www.atlas.cimal.pt/drupal/?q=pt-pt/node/129

(consultado em 08.12.2016)

http://www.inoxnet.com/portisub/files/BaseDadosNaufragiosAlgarve.htm (Consultado em 10.12.2016)

http://vila-do-bispo-arqueologica.blogspot.pt/2013/11/cartografia-de-vila-do-bispo-algarve.html (consultado em 11.12.2016)

http://www.sulinformacao.pt/2014/10/praia-da-boca-do-rio-ja-tem-uma-estacao-da-biodiversidade/ (consultado em 05.03.2017)

http://pt.rotavicentina.com

(consultado em 05.03.2017)

http://cms.cm-viladobispo.pt/upload_files/client_id_1/website_id_1/O%20Concelho/Turismo/Roteiros/Folheto%20Rota%20Om%C3%ADDada.pdf

(consultado em 05.03.2017)

http://cms.cm-viladobispo.pt/upload_files/client_id_1/website_id_1/O%20Concelho/Turismo/Roteiros/Freguesia%20da%20Vila%20do%20Bispo.pdf

(consultado em 05.03.2017)

http://cms.cm-viladobispo.pt/upload_files/client_id_1/website_id_1/O%20Concelho/Turismo/Roteiros/Freguesia%20de%20Sagres.pdf

(consultado em 05.03.2017)

http://cms.cm-viladobispo.pt/upload_files/client_id_1/website_id_1/O%20Concelho/Turismo/Roteiros/Freguesia%20da%20Raposeira.pdf

(consultado em 05.03.2017)

http://cms.cm-viladobispo.pt/upload_files/client_id_1/website_id_1/O%20Concelho/Turismo/Roteiros/Freguesia%20de%20Budens.pdf

(consultado em 05.03.2017)

http://cms.cm-viladobispo.pt/upload_files/client_id_1/website_id_1/O%20Concelho/Turismo/Roteiros/PELAS_ENCOSTAS_DA_RAPOSEIRA__folheto.pdf (consultado em 05.03.2017)

http://cms.cm-viladobispo.pt/upload_files/client_id_1/website_id_1/O%20Concelho/Turismo/Roteiros/REGIAO%20DO%20TURISMO.pdf

(consultado em 05.03.2017)

https://pt.slideshare.net/susanasimoes/conquista-de-ceuta

(consultado em 15.11.2017)

https://sites.google.com/site/cemallagos/francisco-castelo/a-batalha-de-lagos

(consultado em 15.11.2017)

http://www.amn.pt/DF/Paginas/FaroldoCabodeSVicente.aspx

(consultado em 17.11.2017)

http://ccm.marinha.pt/pt/museumarinha_web/colecoes_web/acervo_web/Paginas/grandesveleiros.aspx

(consultado em 09.01.2018)

http://cvc.instituto-camoes.pt/navegaport/g19.html

(consultado em 09.01.2018)

http://ensina.rtp.pt/artigo/o-infante-d-henrique-e-o-mito-da-escola-de-sagres/

(consultado em 09.01.2018)

http://promontoriodesagres.pt/sobre-o-promontorio/historia/

(consultado em 09.01.2018)

http://www.sagresonline.com/index.php?option=com_content&view=article&id=2

(consultado em 15.04.2018)

http://www.causamerita.com/descobrimentos.htm#O_Dom%C3%ADnio_dos_Mares

(consultado em 15.04.2018)

http://www.citador.pt/poemas/elegia-da-lembranca-impossivel-jorge-luis-borges

(consultado em 15.04.2018)

http://www.citador.pt/poemas/vivo-em-lembrancas-morro-de-esquecido-luis-vaz-de-camoes

(consultado em 15.04.2018)

https://oslusiadas.org/i/2.html

(consultado em 15.04.2018)

https://www.jorgeteixeiraphoto.com

(consultado em 05.05.2018)

http://www.tagis.pt/uploads/4/7/9/5/47950987/ebio_boca_do_rio.pdf

(consultado em 05.05.2018)

https://sapientia.ualg.pt/bitstream/10400.1/10576/1/RPA%2019.pdf.pdf

(consultado em 05.05.2018)

http://cms.cm-viladobispo.pt/upload_files/client_id_1/website_id_1/O%20Concelho/Turismo/Roteiros/Livro_dossier_descubriter.pdf

(consultado em 05.05.2018)

http://filarqpais.fl.ul.pt/index_ficheiros/Antologia_1-9.pdf

(consultado em 05.05.2018)

http://arturpastor.tumblr.com/archive

(consultado em 21.05.2018)

http://rutadealmutamid.com/pt-pt/#trazado

(consultado em 30.05.2018)

https://issuu.com/turismo_algarve/docs/livro_dossier_descubriter

(consultado em 30.05.2018)

MATERIAIS

http://www.ebah.com.br/content/ABAAABDe0AC/gesso-acartonado

(consultado em 29.11.2017)

http://www.pladur.pt/pt-pt/arquitectos/ferramentas-tecnicas/Paginas/Ferramentas-Tecnicas.aspx

(consultado em 29.11.2017)

http://www.abinox.org.br/site/agenda-inox-noticias-detalhes.php?cod=5646&q=Diferen

(consultado em 29.11.2017)

http://www.metalica.com.br/pg_dinamica/bin/pg_dinamica.php?id_pag=1053

(consultado em 29.11.2017)

http://www.solancis.com/pt/pedras

(consultado em 29.11.2017)

http://www.civil.ist.utl.pt/~joaof/tc-pb/22%20Revestimentos%20de%20pisos%20-%2025ª%20e%2026ª%20aulas%20teóricas.pdf

(consultado em 29.11.2017)

http://stonesense.pt/pt

(consultado em 29.11.2017)

http://fenixrestauro.pt/index.php?main_page=product_info&cPath=39&products_id=868

(consultado em 30.05.2018)

http://www.banema.pt/private_bes_porto#

(consultado em 30.05.2018)

VIII | ANEXOS

VIII | ANEXOS E VOLUMES

ANEXO 01 – LEVANTAMENTO DE DESENHOS RIGOROSOS DAS PRÉ-EXISTÊNCIAS

1.| PLANTA DE ACESSO INTERDITO AO FORTE DE SÃO LUÍS DE ALMADENA

A planta de acesso interdito ao Forte deve-se ao facto de, no passado mês de Abril, o baluarte do lado poente cedeu em parte depois de uma grande tempestade. Desta forma foi necessário tomar medidas de segurança para os visitantes e meios de contenção do forte para que não continua-se a ceder.

Esta planta foi executada em parceria com o Arqueólogo Ricardo Soares, da Câmara Municipal de Vila do Bispo.

2.| LEVANTAMENTO DAS FORTIFICAÇÕES NO LITORAL CONTINENTAL PORTUGUÊS

O levantamento das fortificações no litoral continental português não abrange os castelos e as cercas, uma vez que não houve a necessidade devido ao facto do Concelho de Vila do Bispo não ter nenhum Castelo ou Cerca para comparar com o restante território. Este levantamento serviu para ter uma maior noção do número de fortificações ao longo da linha da costa Portuguesa (continental). Apesar das informações encontradas nas vá para este levantamento não referir mais nenhuma fortificação, não quer dizer que não falte nenhum à lista.

3. | LEVANTAMENTO DAS PLANTAS EXISTENTES DO FORTE DE SÃO LUÍS DE ALMADENA

Foi necessário o levantamento das plantas existentes do Forte de São Luís de Almadena de Forma a que cruzar o maior número de informação possível para que o projeto proposto respeitasse a memória da ruína.

4. | LEVANTAMENTO DAS PLANTAS EXISTENTES DA *VILLA* ROMANA DA BOCA DO RIO

Tornou-se pertinente o levantamento das plantas existentes das ruínas da antiga *villa* romana com a finalidade de obter uma maior noção da dimensão da respectiva vila.

ANEXO 02 – ELEMENTOS DE APRESENTAÇÃO

A. | PAINÉIS DE APRESENTAÇÃO

B. | VÍDEO SOBRE O LOCAL DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

C. | FOTOGRAFIAS DA MAQUETE FINAL

VOLUME 02 - PERCURSO PELA MEMÓRIA DE VILA DO BISPO – LEVANTAMENTO DE UM TERRITÓRIO POR (RE)DESCOBRIR

Documentação e mapeamento dos achados de interesse cultural, arqueológico, histórico e/ou etnográfico território de Vila do Bispo e dos Naufrágios ao largo desta costa. Em ambos os mapeamentos apenas foram assinalados e identificados os locais conhecidos e alvo de estudo.

1. | PLANTA DE ACESSO INTERDITO AO FORTE DE SÃO LUÍS DE ALMADENA

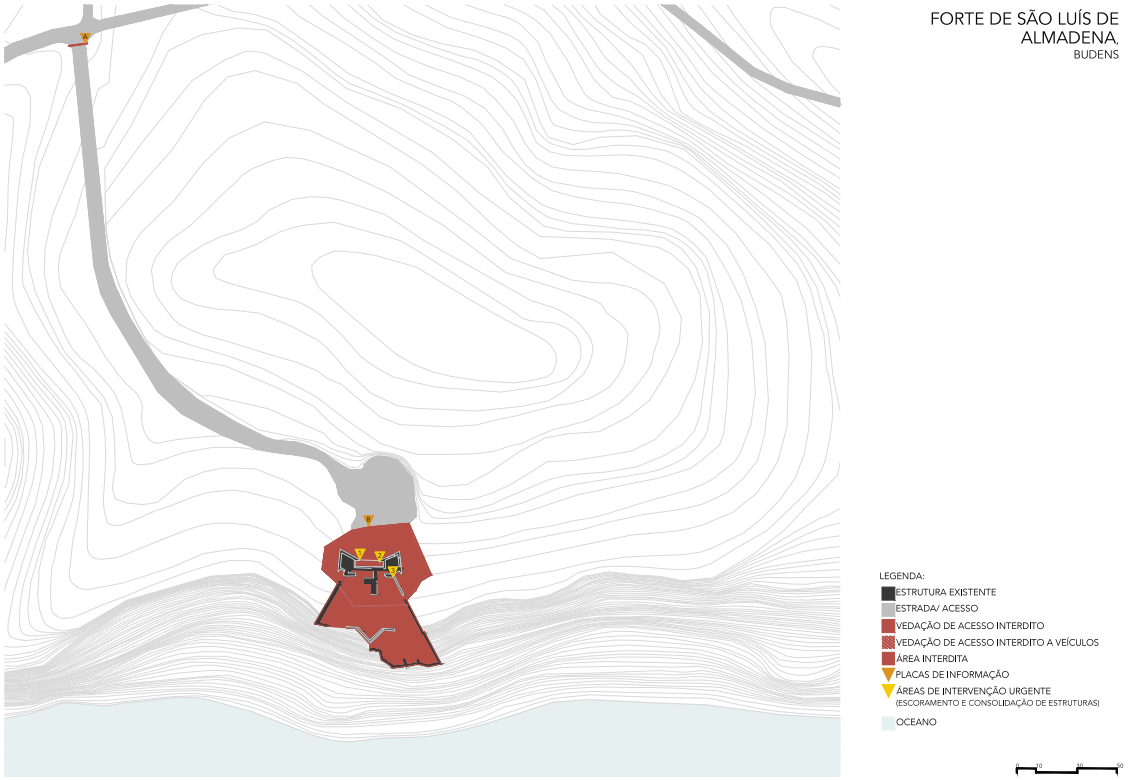


FIGURA 75 | PLANTA DE ACESSO INTERDITO
ORIGEM | Elaborado por Raquel Cravinho

2. | LEVANTAMENTO DAS FORTIFICAÇÕES NO LITORAL CONTINENTAL PORTUGUÊS

Distrito de Aveiro

- Forte da Barra de Aveiro, Aveiro

Distrito de Braga

- Forte de São João Baptista de Esposende, Esposende

Distrito do Porto

- Fortaleza da Nossa Senhora da Conceição, Povoa de Varzim
- Forte de Nossa Senhora da Assunção, Vila do Conde
- Forte da Nossa Senhora das Neves, Matosinhos
- Forte de Leça da Palmeira, Matosinhos
- Forte de São Francisco Xavier do Queijo, Porto
- Forte de São João Baptista da Foz, Porto

Distrito de Viana do Castelo

- Forte da Areosa, Areosa, Viana do Castelo
- Forte de Montedor, Viana do Castelo
- Forte de Santiago da Barra, Viana do Castelo
- Forte da Ínsua, Caminha, Moledo
- Forte de São Francisco de Lovelhe, Vila Nova de Cerveira
- Forte de Âncora, Caminha, Vila Praia de Âncora
- Forte do Cão, Caminha, Vila Praia de Âncora

Distrito de Coimbra

- Fortaleza de Buarcos, Figueira da Foz
- Forte de Santa Catarina, Figueira da Foz
- Fortim de Palheiros, Figueira da Foz

Distrito de Leiria

- Forte de São João Baptista das Berlengas, Berlengas
- Forte de São Miguel Arcanjo, Nazaré
- Forte da Praia da Consolação, Peniche,
- Praça-forte de Peniche, Peniche

Distrito de Lisboa

- Forte de Sacavém, Loures
- Forte da Ameixoeira, Lisboa
- Forte do Alto do Duque, Lisboa
- Forte do Bom Sucesso, Lisboa
- Forte de Santa Apolónia, Lisboa
- Forte de Santo António do Estoril, Cascais
- Forte de São Brás de Sanxete, Cascais
- Forte de Crismina, Cascais
- Forte do Guincho, Forte das Velas, Cascais
- Forte Novo, Cascais
- Forte de São Jorge de Oitavos, Cascais
- Forte de Santa Marta, Cascais
- Forte de Nossa Senhora da Conceição, Cascais
- Forte de Nossa Senhora da Guia, Cascais
- Forte de Nossa Senhora da Luz de Cascais, Cascais,
- Forte de São Pedro do Estoril, Cascais
- Forte de São Teodósio, Forte da Cadaveira, Cascais
- Forte de Nossa Senhora das Mercês de Catalazete, Oeiras
- Forte de Santo Amaro do Areeiro, Oeiras,
- Forte de São Bruno de Caxias, Oeiras
- Forte de São João das Maias, Oeiras
- Forte de São Julião da Barra, Oeiras
- Forte de São Lourenço do Bugio, Oeiras
- Forte de São Pedro de Paço de Arcos, Oeiras
- Forte de Nossa Senhora de Porto Salvo, Oeiras
- Forte de Nossa Senhora dos Anjos de Paimogo, Lourinhã
- Forte de São Pedro da Ericeira, Ericeira

Distrito de Setúbal

- Forte de Almada, Almada
- Forte de Nossa Senhora da Saúde da Trafaria, Almada
- Forte de São Sebastião da Caparica, Almada
- Forte de Albarquel, Setúbal
- Forte de Santa Maria da Arrábida, Setúbal
- Forte de Santiago de Sesimbra, Sesimbra
- Forte de Santiago do Outão, Setúbal
- Forte de São Domingos da Baralha
- Forte de São Filipe de Setúbal, Setúbal
- Forte de São Luís Gonzaga, Setúbal
- Forte de Nossa Senhora das Salvas, Forte de Nossa Senhora de Salas, Sines
- Forte de São Teodósio da Ponta do Cavalo, Sesimbra
- Forte de Santo Alberto do Pessegueiro, Sines
- Forte de Nossa Senhora da Queimada do Pessegueiro, Sines

Distrito de Beja

- Forte de São Clemente, Odemira, Vila Nova de Milfontes
- Forte de São Pedro de Serpa

Distrito de Faro

- Forte da Arrifana, Aljezur
- Forte da Carrapateira, Aljezur
- Fortaleza de São Vicente, Vila do Bispo
- Fortaleza de Santo António do Beliche, Vila do Bispo
- Fortaleza de Sagres, Vila do Bispo
- Forte da Nossa Senhora da Guia da Baleeira, Vila do Bispo
- Forte de Vera Cruz, Vila do Bispo
- Forte de Almádena, Vila do Bispo
- Bateria de Burgau, Vila do Bispo
- Fortaleza da Nossa Senhora da Luz, Lagos
- Forte da Ponta da Bandeira, Lagos
- Forte da Meia Praia, Lagos

- Fortaleza de Santa Catarina, Portimão
- Fortaleza de Armação de Pêra, Silves
- Fortaleza da Senhora da Rocha, Lagoa
- Forte de Nossa Senhora da Encarnação, Lagoa
- Forte de São João do Arade, Lagoa
- Forte de Santo António de Tavira, Tavira
- Forte de São João da Barra, Tavira
- Forte de Cacela, Vila Real de Santo António
- Forte de São Sebastião de Castro Marim
- Forte de Santo António de Castro Marim

3. | LEVANTAMENTO DAS PLANTAS EXISTENTES DO FORTE DE SÃO LUÍS DE ALMADENA

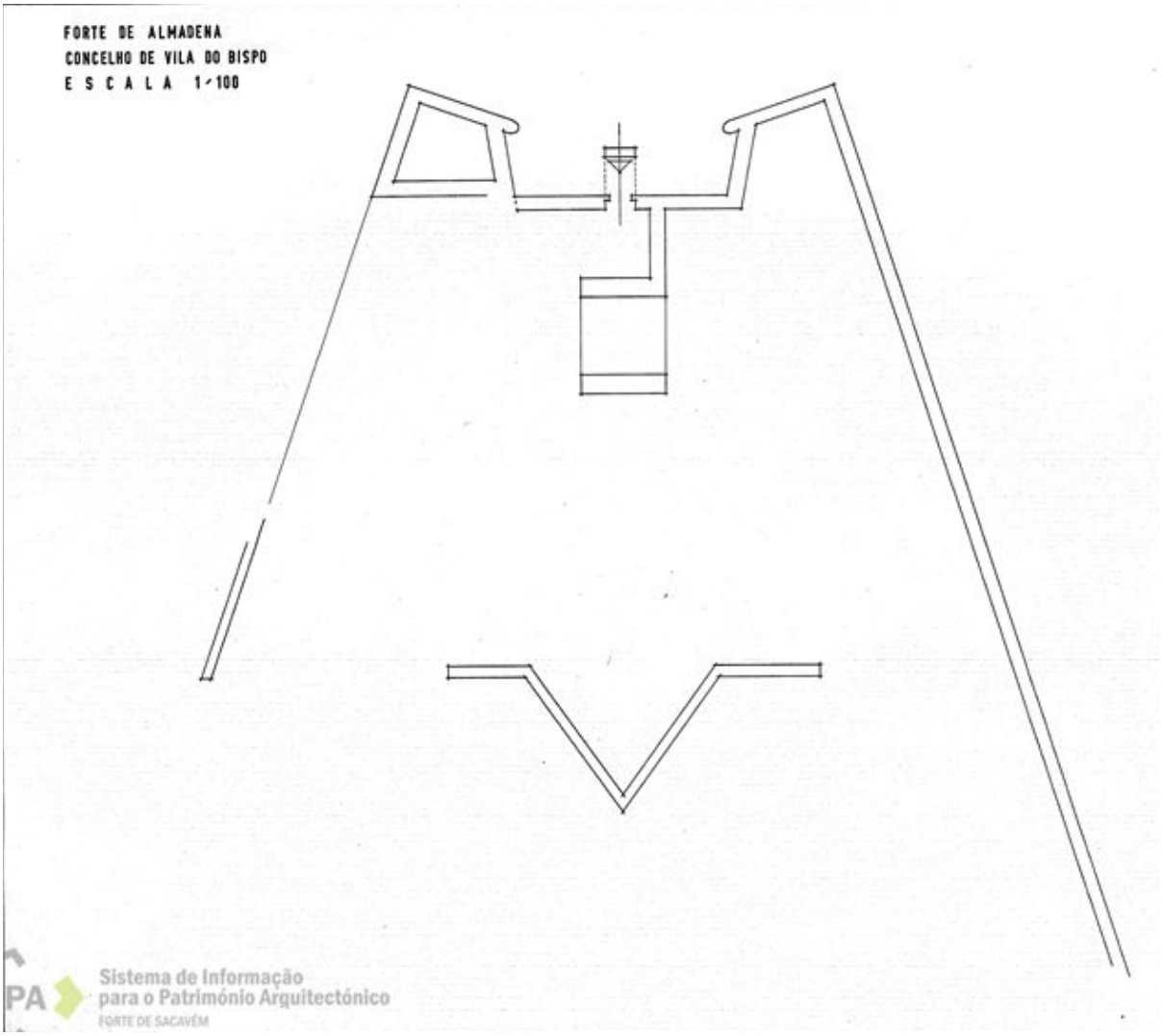


FIGURA 76 | PLANTA ESQUEMÁTICA DO FORTE DE SÃO LUÍS DE ALMADENA
ORIGEM | http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2893

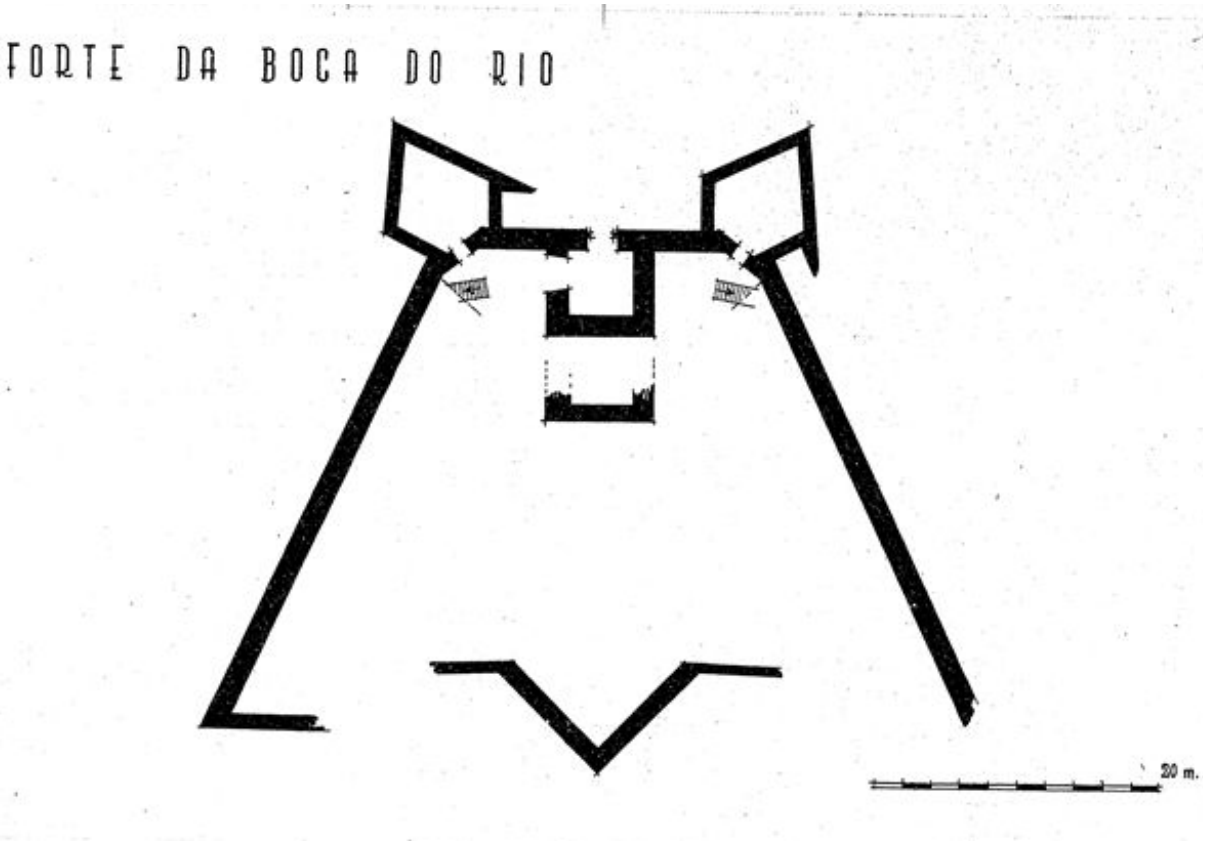


FIGURA 77 | PLANTA ESQUEMÁTICA DO FORTE DE SÃO LUÍS DE ALMADENA
ORIGEM | http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2893

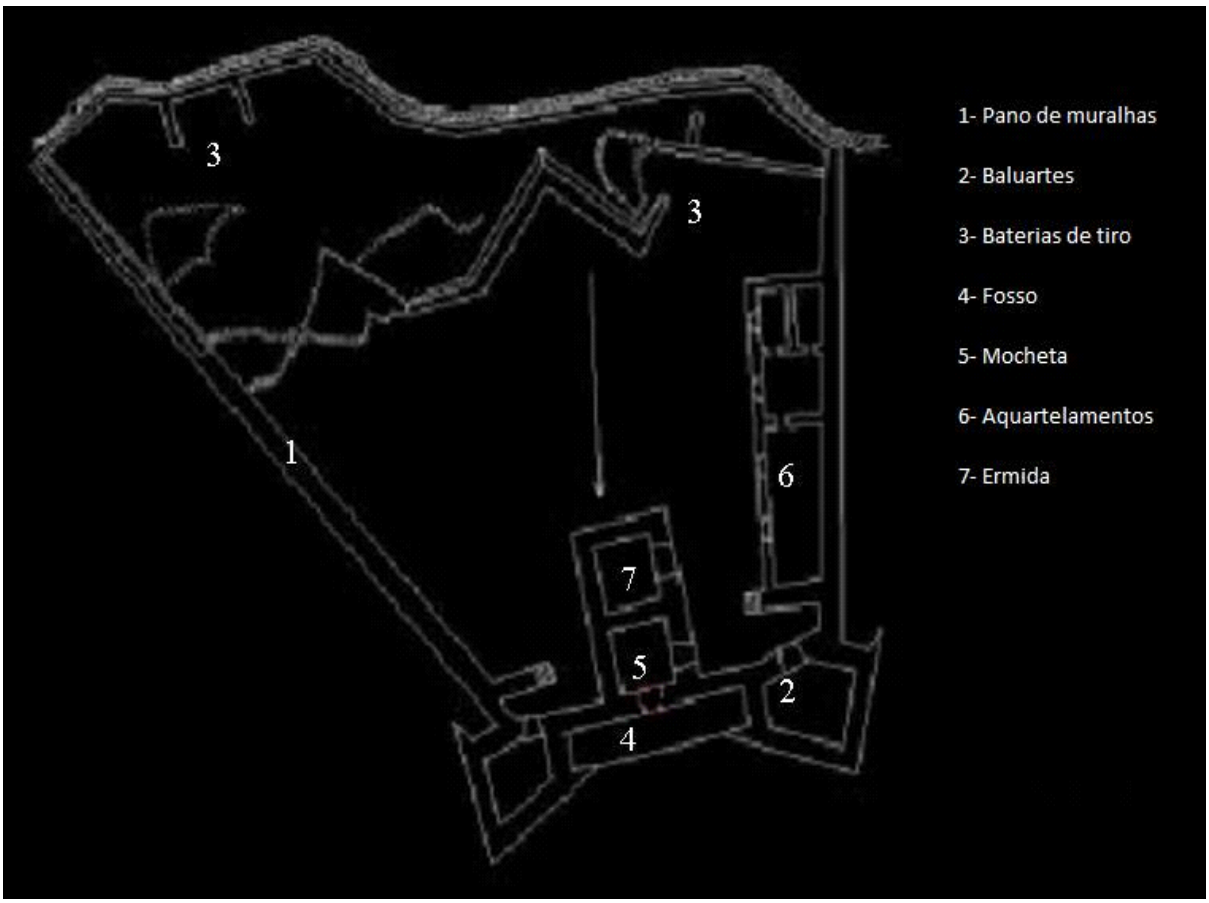


FIGURA 78 | PLANTA ESQUEMÁTICA DO FORTE DE SÃO LUÍS DE ALMADENA
ORIGEM | Léon, Andrés Alenjandro; Mata, Gonçalo; Santos, Ramiro dos – *Forte de São Luís de Almádena – Arqueologia Militar.* Faro: [s.n.], 2014. Trabalho Universitário

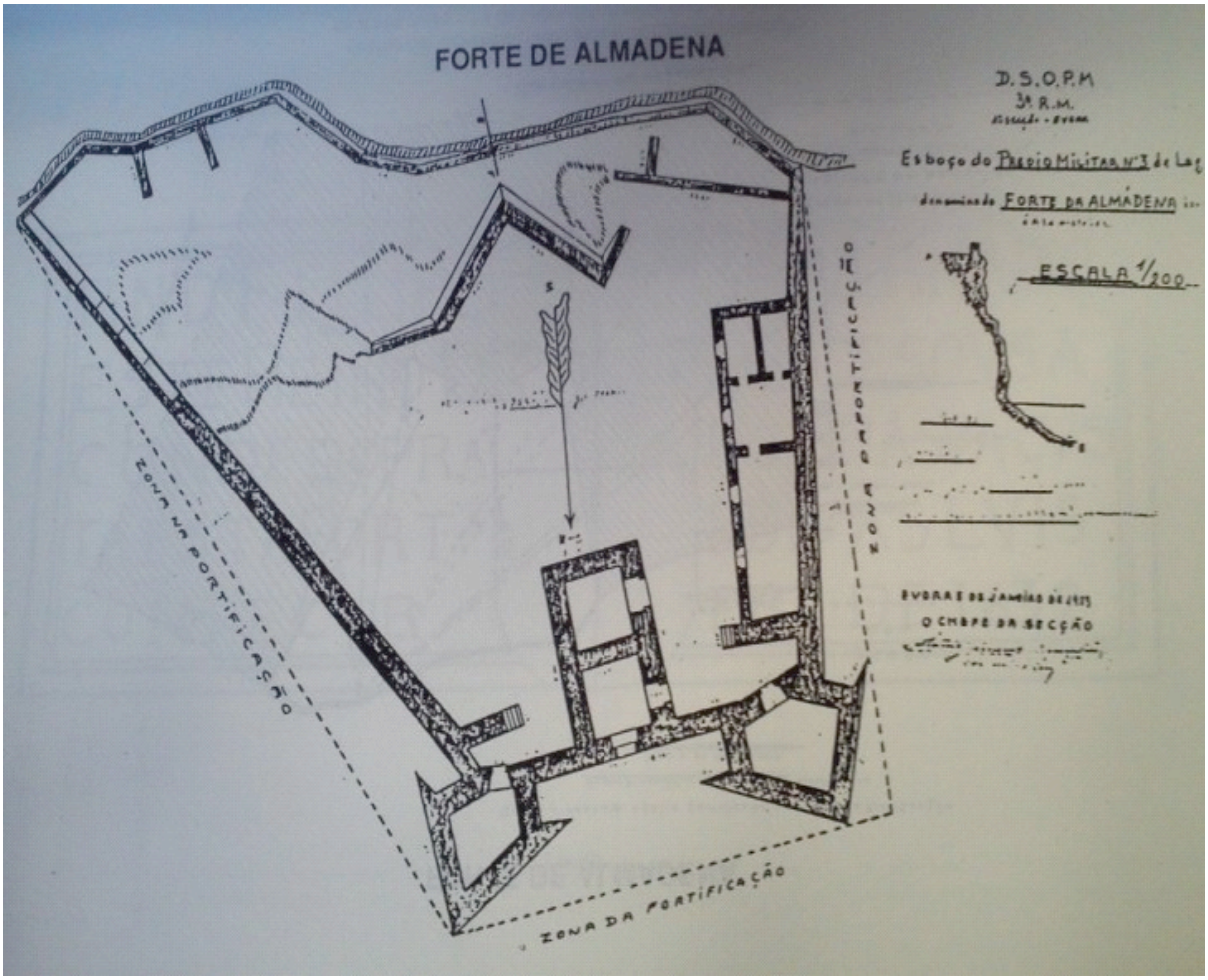


FIGURA 79 | PLANTA ESQUEMÁTICA DO FORTE DE SÃO LUÍS DE ALMADENA
ORIGEM | Léon, Andrés Alenjandro; Mata, Gonçalo; Santos, Ramiro dos – *Forte de São Luís de Almádena – Arqueologia Militar*. Faro: [s.n.], 2014. Trabalho Universitário

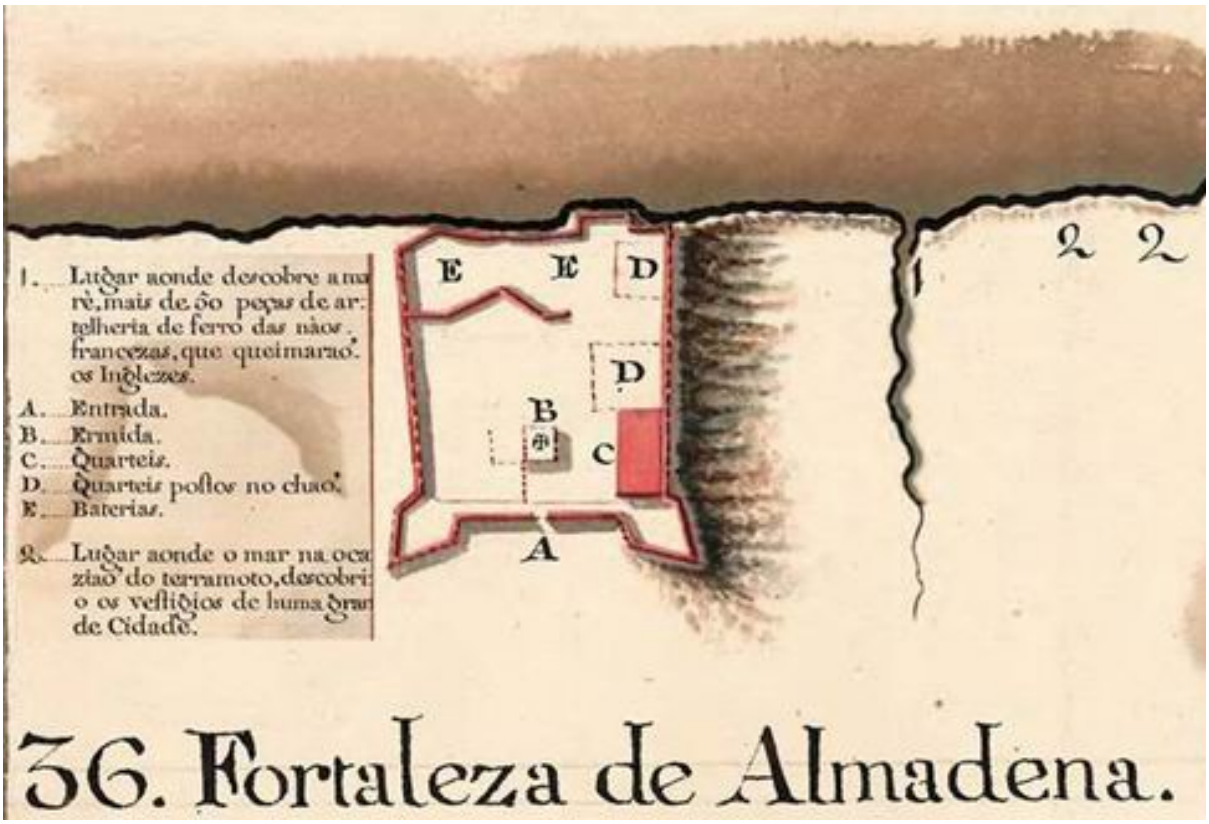


FIGURA 80 | PLANTA ESQUEMÁTICA DO FORTE DE SÃO LUÍS DE ALMADENA
ORIGEM |

http://fortalezas.org/?ct=fortaleza&id_fortaleza=1332&muda_idioma=PT

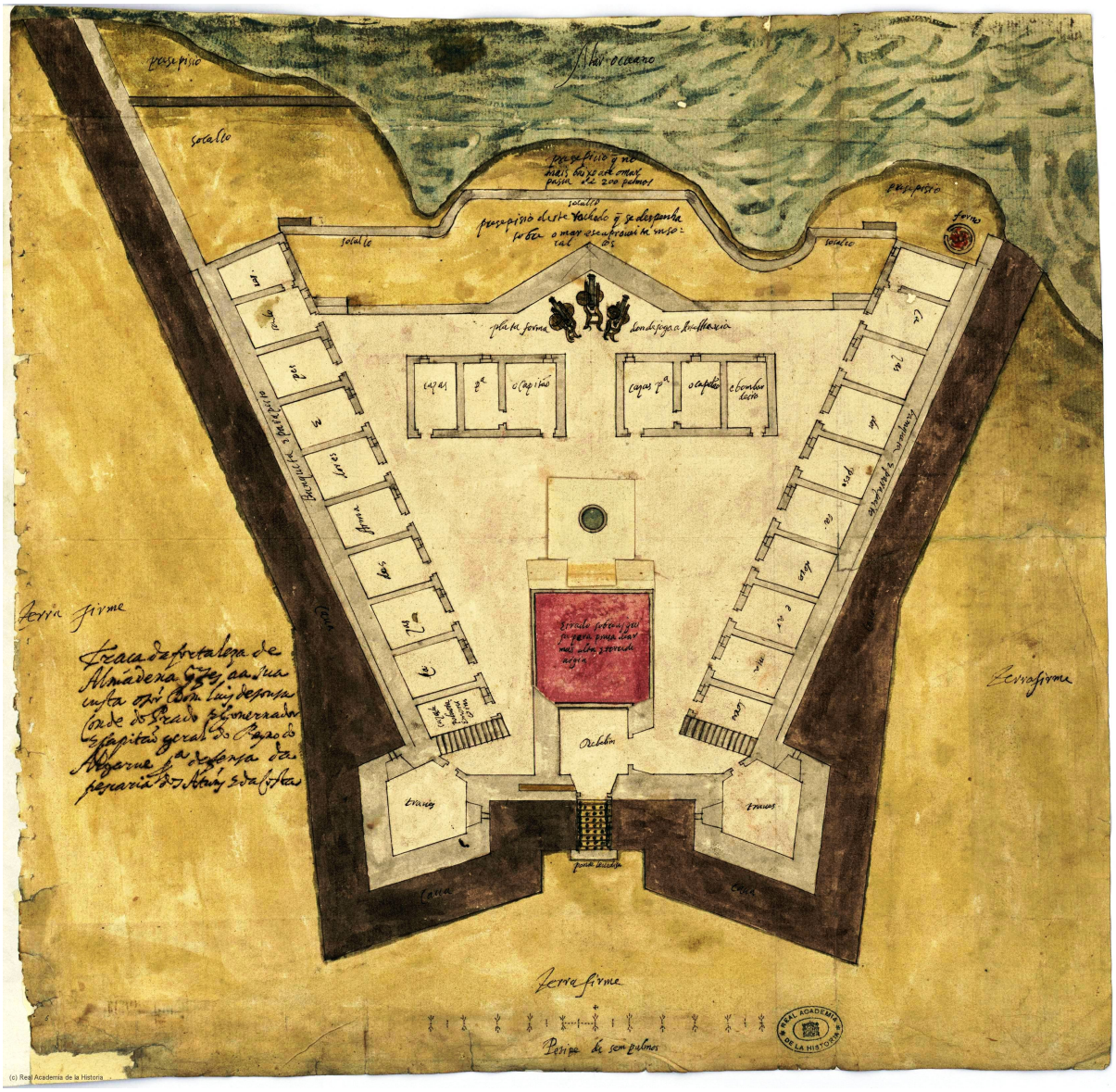


FIGURA 81 | PLANTA ESQUEMÁTICA DO FORTE DE SÃO LUÍS DE ALMADENA
ORIGEM |

http://fortalezas.org/?ct=fortaleza&id_fortaleza=1332&muda_idioma=PT

4. | LEVANTAMENTO DAS PLANTAS EXISTENTES DA *VILLA* ROMANA DA BOCA DO RIO

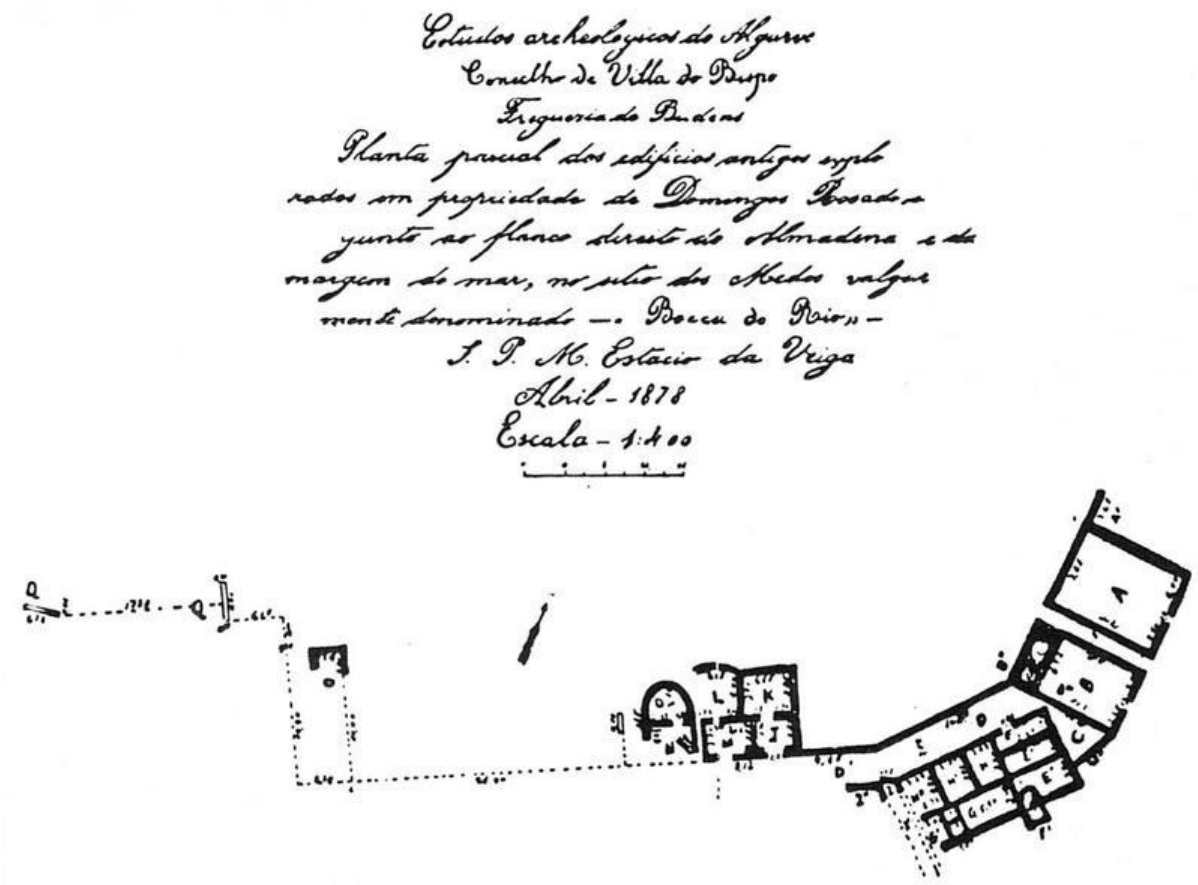


FIGURA 82 | PLANTA DAS ESTRUTURAS ROMANAS LEVANTADA POR ESTÁCIO DA VEIGA, 1878

ORIGEM | http://www.atlas.cimal.pt/drupal/?q=pt-pt/node/129

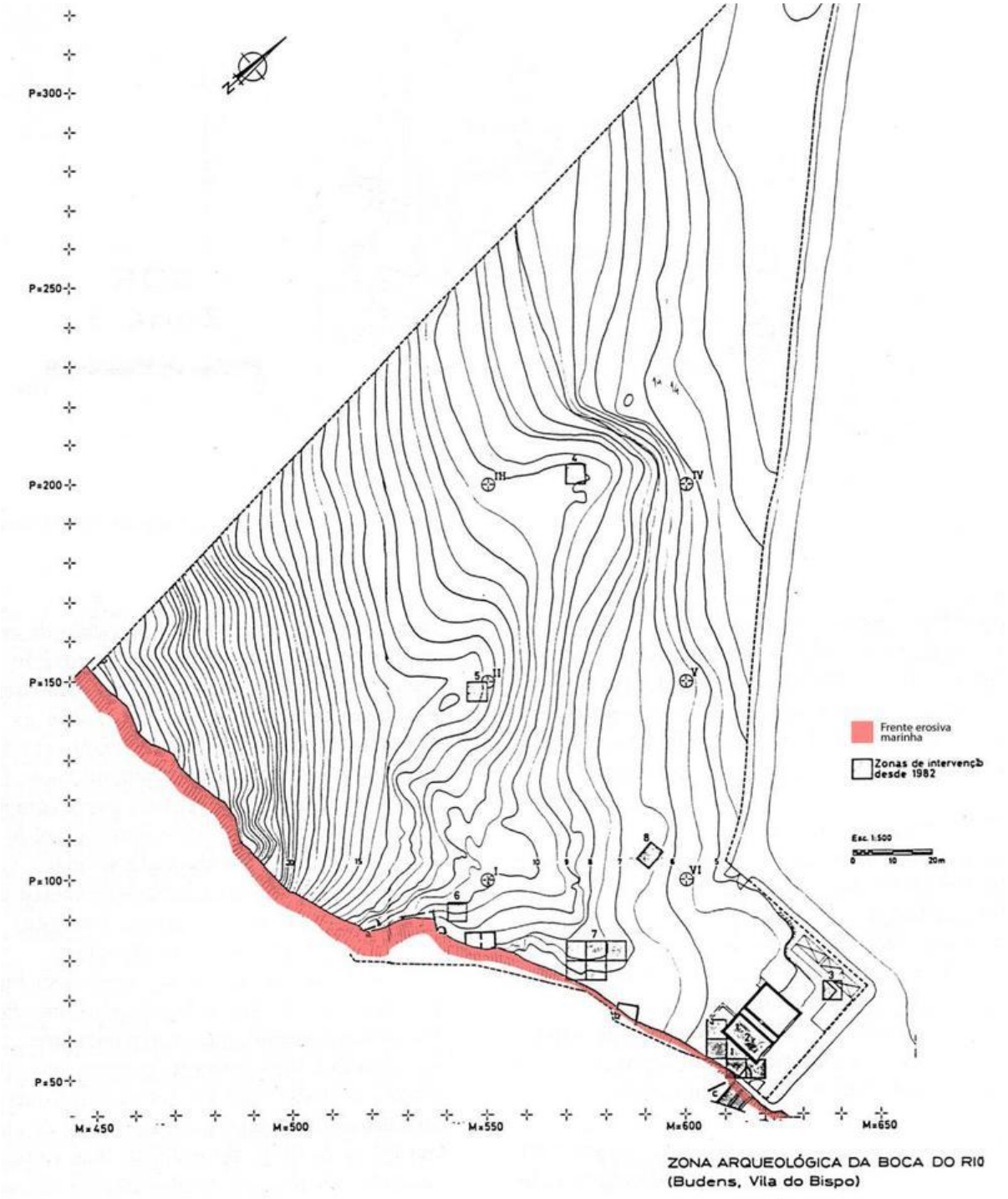


FIGURA 83 | LEVANTAMENTO TOPOGRÁFICO , ANOS 80 DO SÉCULO XX

ORIGEM | http://www.atlas.cimal.pt/drupal/?q=pt-pt/node/129

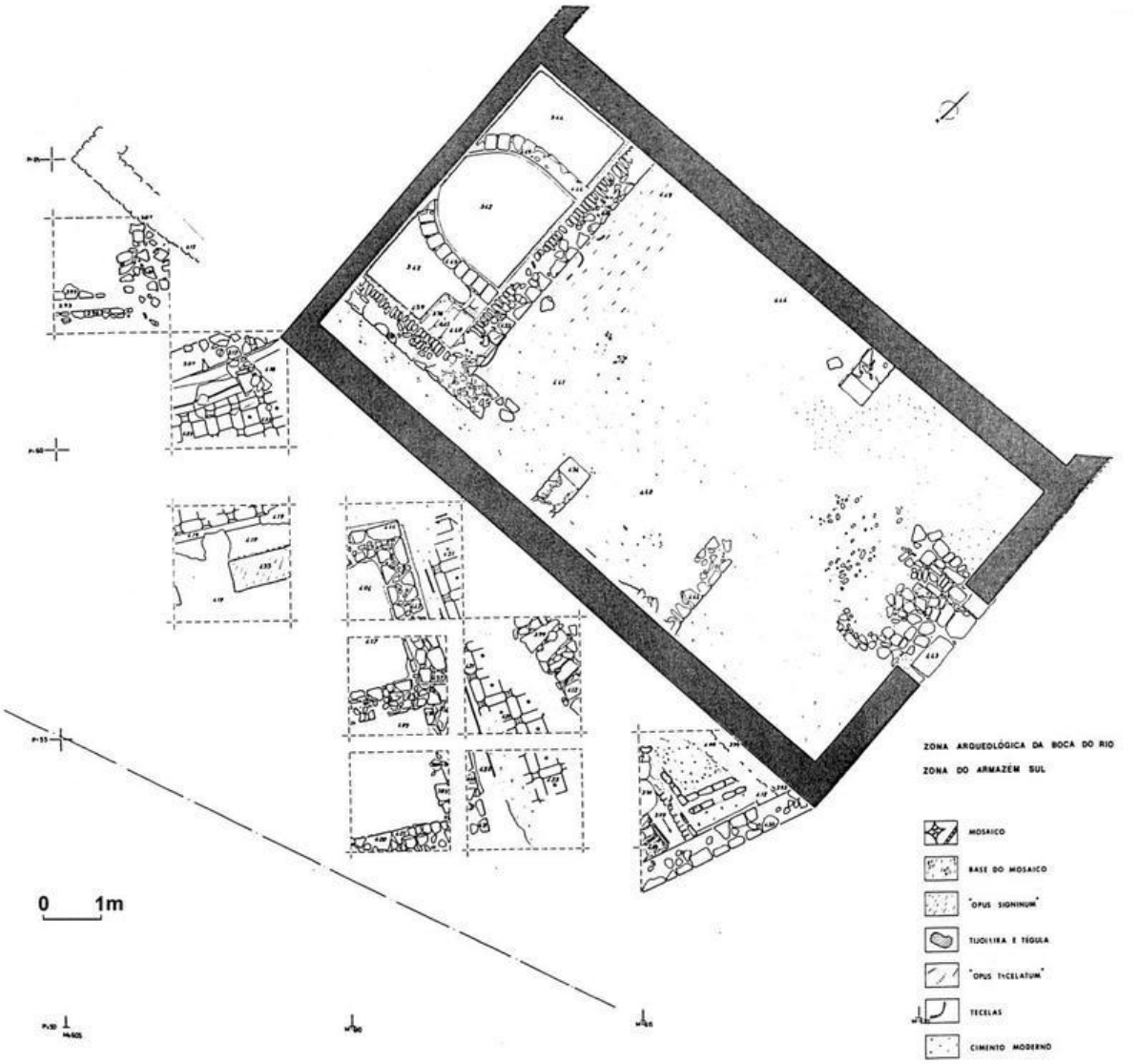


FIGURA 84 | LEVANTAMENTO DAS ESTRUTURAS ENCONTRADAS , ANOS 80 DO SÉCULO XX

ORIGEM | http://www.atlas.cimal.pt/drupal/?q=pt-pt/node/129

ANEXO 02 – ELEMENTOS DE APRESENTAÇÃO

A. | PAINÉIS DE APRESENTAÇÃO

01. Território Vilabispense – planta

02. Território Vilabispense e os seus percursos – planta

03. Percurso proposto – planta

04. Centro Interpretativo – planta

05. Centro Interpretativo – cortes

06. Centro Interpretativo – cortes e alçados

07. Centro Interpretativo – detalhe construtivo + renders

08. Abrigo A – planta + cortes

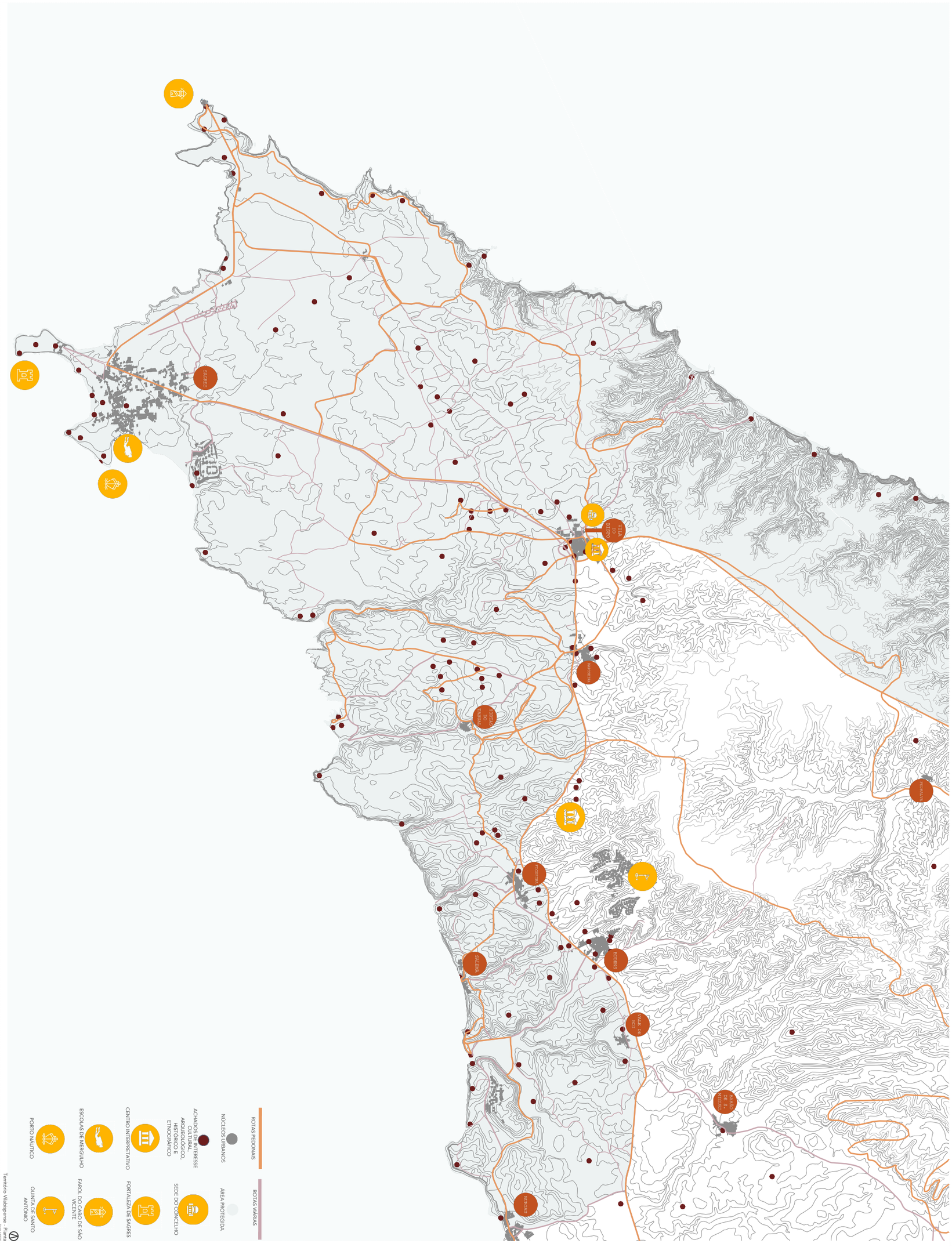
09. Abrigo A – alçados + detalhe construtivo + renders

10. Abrigo B – planta + cortes

11. Abrigo B – alçados + detalhe construtivo + renders

12. Forte São Luís de Almadena – planta + cortes

13. Forte São Luís de Almadena – alçados + detalhe construtivo + renders



01.

PERCURSO PELA MEMÓRIA DE VILA DO BISPO
Desenho de ligação entre Paisagem, Património Construído, Arqueologia Terrestre e Aquática

Projeto Final de Mestrado | Julho.2018

Raquel Rodrigues Cravinho | 20151565

ORIENTADORES: Prof. Dulce Loução
Prof. Jorge Rivera
Arqueo. Ricardo Soares

MIARQINT&REAB
FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

U LISBOA

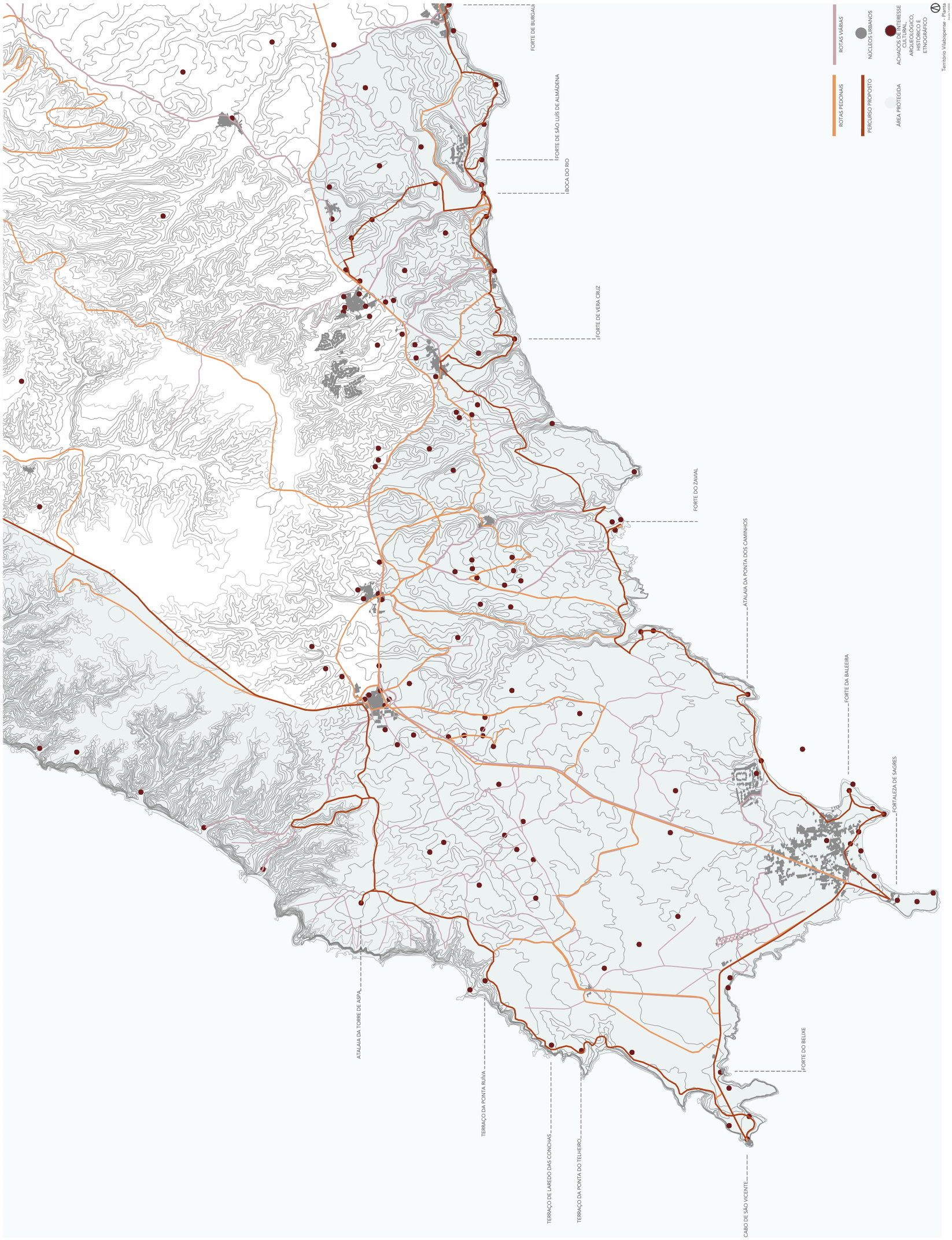
PERCURSO PELA MEMÓRIA DE VILA DO BISPO

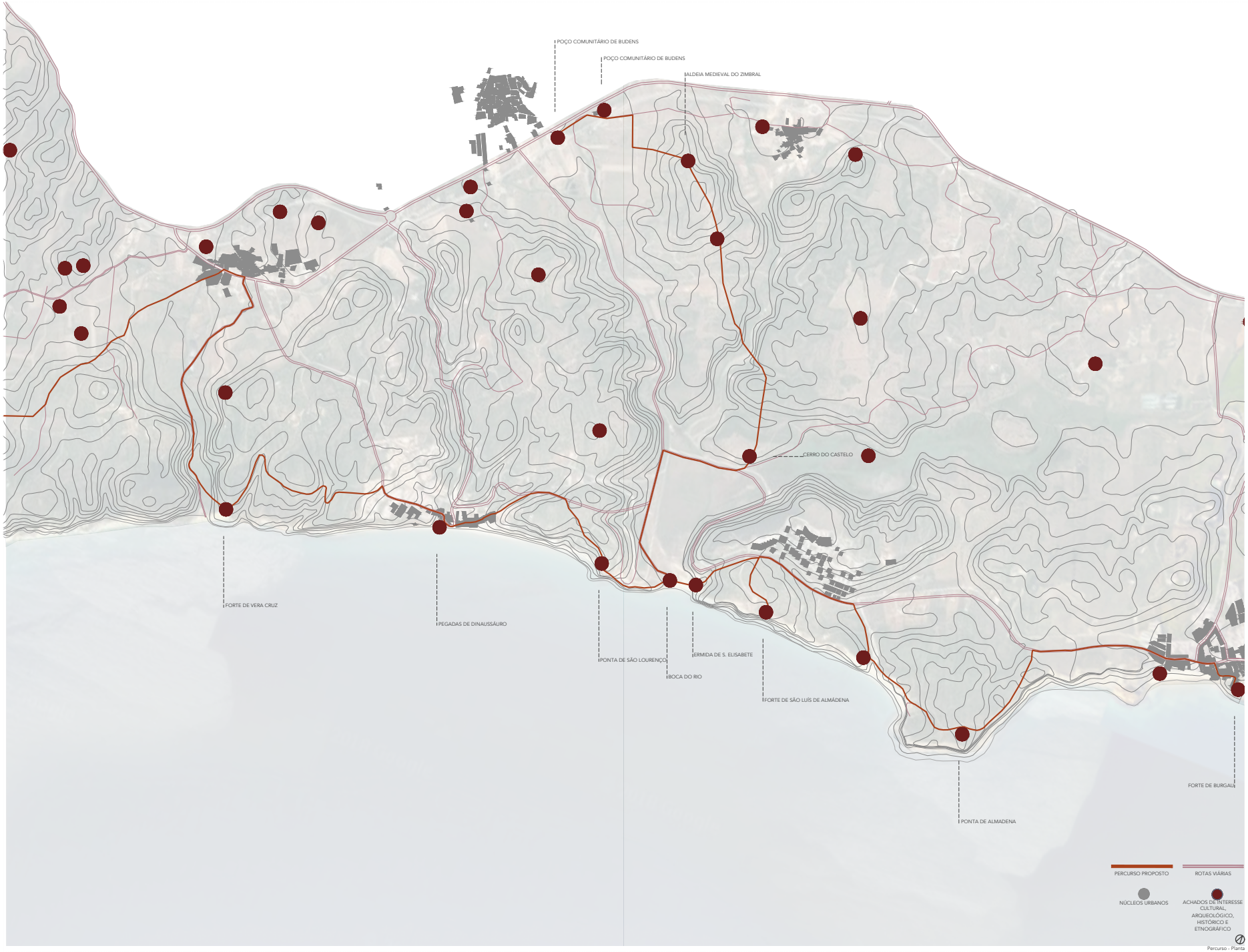
Desenho de ligação entre Paisagem, Património Construído, Arqueologia Terrestre e Aquática

Projeto Final de Mestrado | Julho.2018 Raquel Rodrigues Cravinho | 20151565

ORIENTADORES: Prof. Dulce Loução
Prof. Jorge Rivera
Arqueo. Ricardo Soares

MIARQINT&REAB
FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA
LISBOA





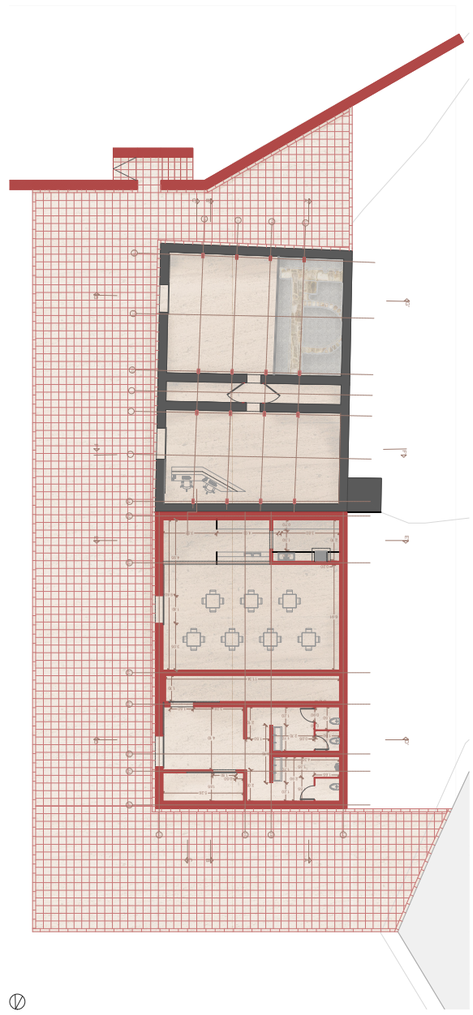
PERCURSO PELA MEMÓRIA DE VILA DO BISPO
Desenho de ligação entre Paisagem, Património Construído, Arqueologia Terrestre e Aquática

Projeto Final de Mestrado | Julho.2018

Raquel Rodrigues Cravinho | 20151565

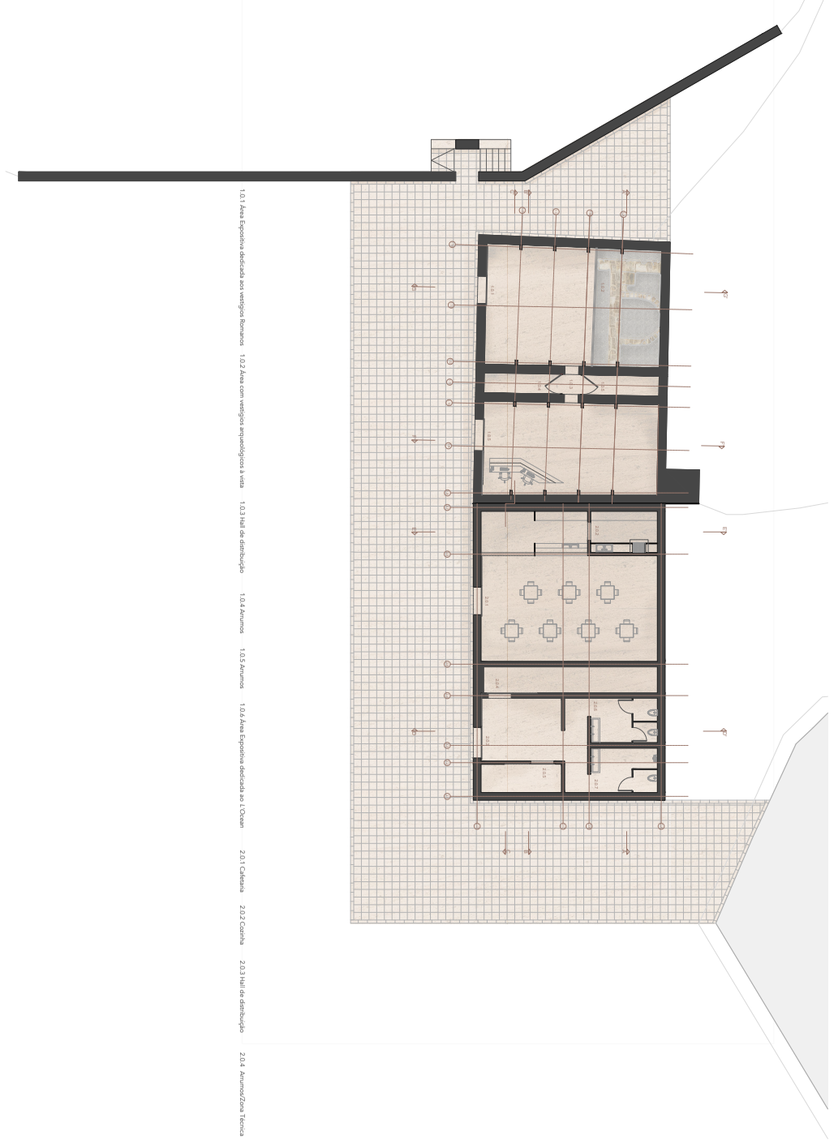
ORIENTADORES: Prof. Dulce Loução
Prof. Jorge Rivera
Arqueo. Ricardo Soares

MIAPOINT&REAB
FACULDADE DE ARQUITETURA
U LISBOA



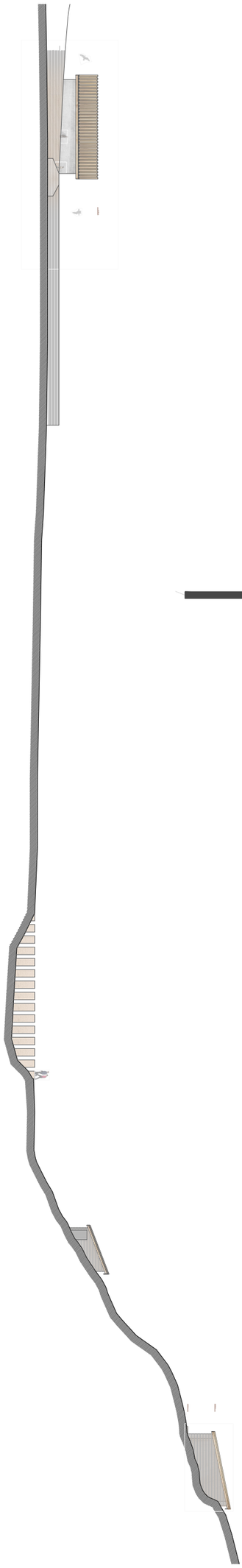
Centro Interpretativo - Planta Armazéns/Vermelhos
Escala 1:100

Centro Interpretativo - Planta Cobertura
Escala 1:100



1.0.1 Área Expositiva dedicada aos vestígios Romanos
1.0.2 Área com vestígios arqueológicos a vista
1.0.3 Hall de distribuição
1.0.4 Anumos
1.0.5 Anumos
1.0.6 Área Expositiva dedicada ao Oceano
2.0.1 Cafetaria
2.0.2 Cozinha
2.0.3 Hall de distribuição
2.0.4 Anumos/Zona Técnica
2.0.5 Poço de primeiros socorros
2.0.6 Instalações sanitárias femininas
2.0.7 Instalações sanitárias masculinas

Centro Interpretativo - Planta piso 0
Escala 1:100



Centro Interpretativo + Abrigo A + Abrigo B: Relação de cotas e acesso
Escala 1:500

04.

PERCURSO PELA MEMÓRIA DE VILA DO BISPO
Desenho de ligação entre Paisagem, Património Construído, Arqueologia Terrestre e Aquática

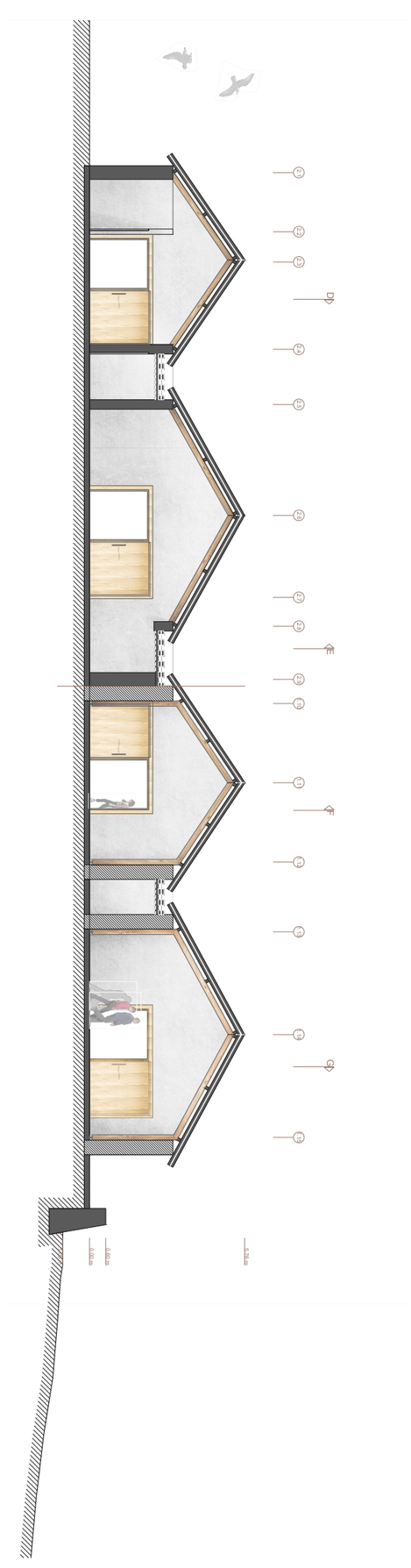
Projeto Final de Mestrado | Julho.2018

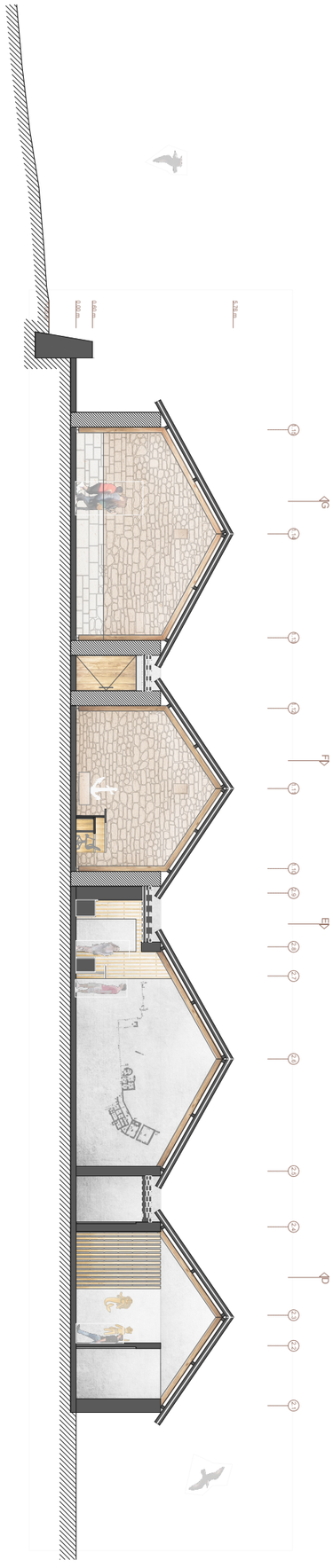
Raquel Rodrigues Cravinho | 20151565

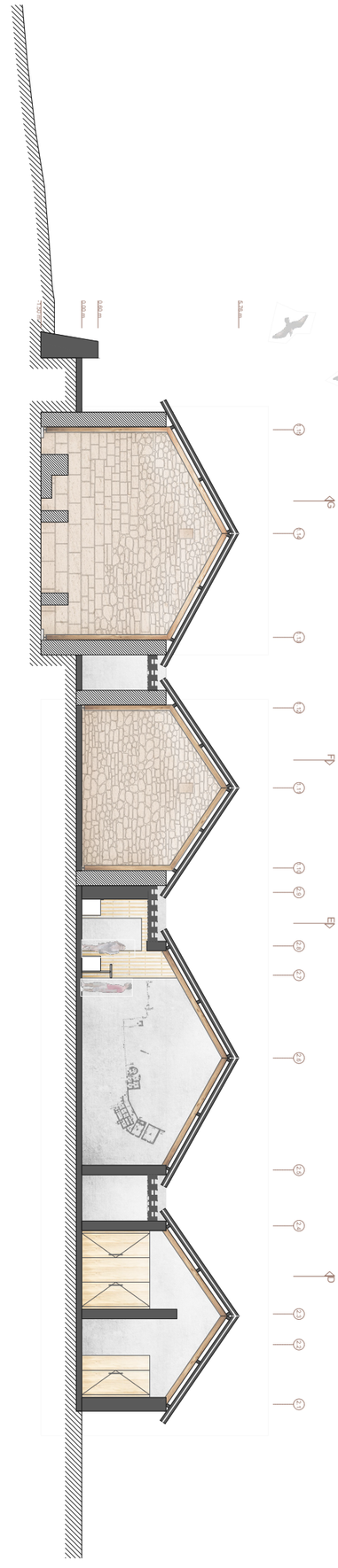
ORIENTADORES: Prof. Dulce Loução
Prof. Jorge Rivera
Arqueo. Ricardo Soares

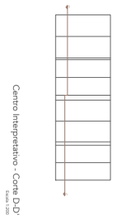
MIARQINT&REAB
FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

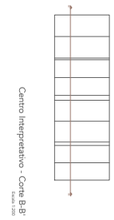
U LISBOA

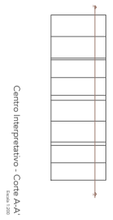












05.

PERCURSO PELA MEMÓRIA DE VILA DO BISPO
Desenho de ligação entre Paisagem, Património Construído, Arqueologia Terrestre e Aquática

Projeto Final de Mestrado | Julho.2018

Raquel Rodrigues Cravinho | 20151565

ORIENTADORES: Prof. Dulce Loução
Prof. Jorge Rivera
Arqueo. Ricardo Soares

MIARQINT&REAB
FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA
U LISBOA

PERCURSO PELA MEMÓRIA DE VILA DO BISPO
Desenho de ligação entre Paisagem, Património Construído, Arqueologia Terrestre e Aquática

Projeto Final de Mestrado | Julho.2018 Raquel Rodrigues Cravinho | 20151565
ORIENTADORES: Prof. Dulce Lourição
Prof. Jorge Rivera
Arqueo. Ricardo Soares

MIARQINT&REAB
FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA
LISBOA

Centro Interpretativo - Alçado Sul
Escala 1:100

Centro Interpretativo - Alçado Este
Escala 1:100

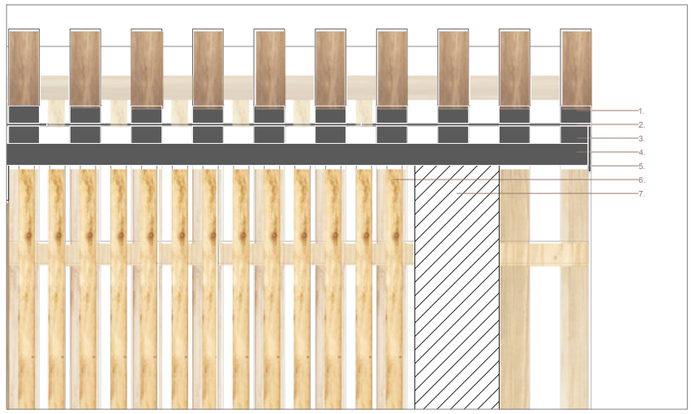
Centro Interpretativo - Corte E-E'
Escala 1:100

Centro Interpretativo - Corte G-G'
Escala 1:100

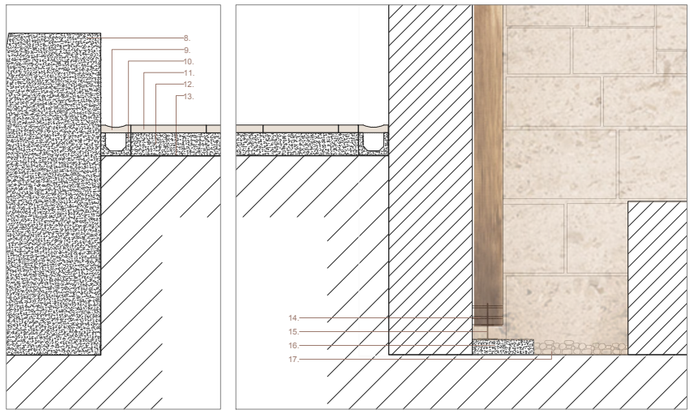
Centro Interpretativo - Corte D-D'
Escala 1:100

Centro Interpretativo - Corte F-F'
Escala 1:100

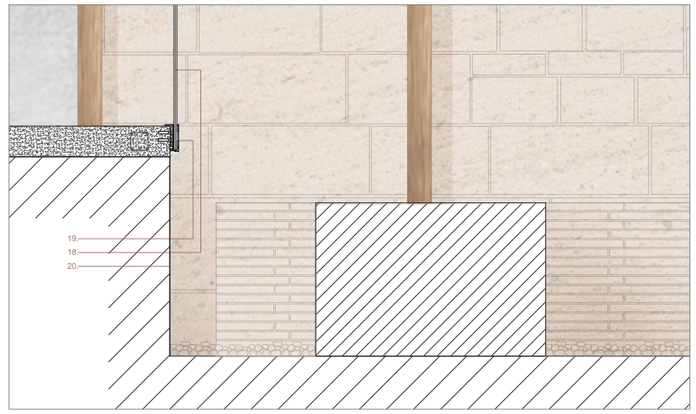
... somos aquilo que recordamos ...



Detalhe Construtivo - D.C. 01
Escala 1:40



Detalhe Construtivo - D.C. 02
Escala 1:40



Detalhe Construtivo - D.C. 03
Escala 1:40

1. Ripado de madeira com tratamento tipo Thermo-DIB - secção 0,20mx0,10m 2. Policarbonato compacto - 2050mmx1250mmx15mm 3.Ripado de madeira com tratamento tipo Thermo-DIB - secção 0,20mx0,10m 4. viga de madeira lamelada - 0,10mx0,15mx13,75m 5. Testeira em madeirazcom tratamento tipo Thermo-DIB - secção 0,3x0,02m 6. Ripado de madeira - secção 0,1mx0,02m 7. Parede de suporte existente com tratamento epoxy 8.Muro e suporte revestido com pedra calária tipo Moca Creme - SOCIROR® -acabamento areado 9. Sumidouro em pedra calcária tipo Gascoigne Blue - SOCIROR® -acabamento areado 10. Caleira técnica em betão simples 11. Pavimento em pedra calcária tipo Gascoigne Blue - SOCIROR® -acabamento areado 12. Enchimento de betão simples 13. Tela pitonada 14. Parafusos ø13mm 15. Ferragens de suporte 16. Sapata em betão armado 17. Pedra britada com a inferior a 25mm 18. Guarda corpos em vidro duplo E=20mm 19.Estrutura metalica de suporte de guarda corpos 20. Malha metalica de contenção

Centro Interpretativo - Cafetaria
Sem escala

Centro Interpretativo - Cafetaria
Sem escala

Centro Interpretativo - Área Expositiva
Sem escala

Centro Interpretativo - Área Expositiva
Sem escala

Centro Interpretativo - Área Expositiva
Sem escala

MIARQINT&REAB
FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

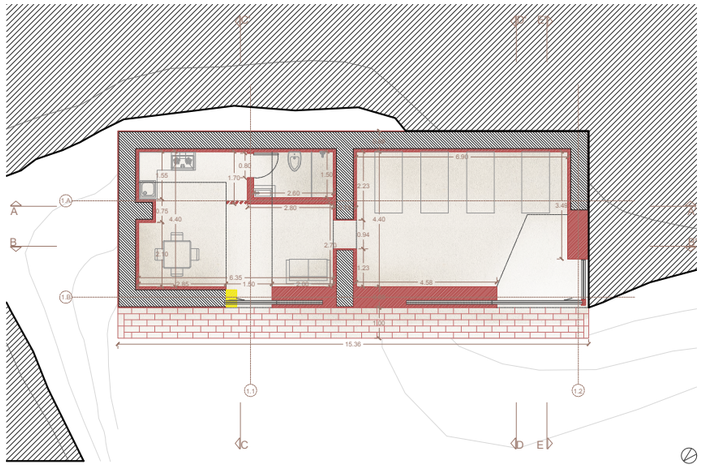
ORIENTADORES: Prof. Dulce Loução
Prof. Jorge Rivera
Arqueo. Ricardo Soares

Raquel Rodrigues Cravinho | 20151565

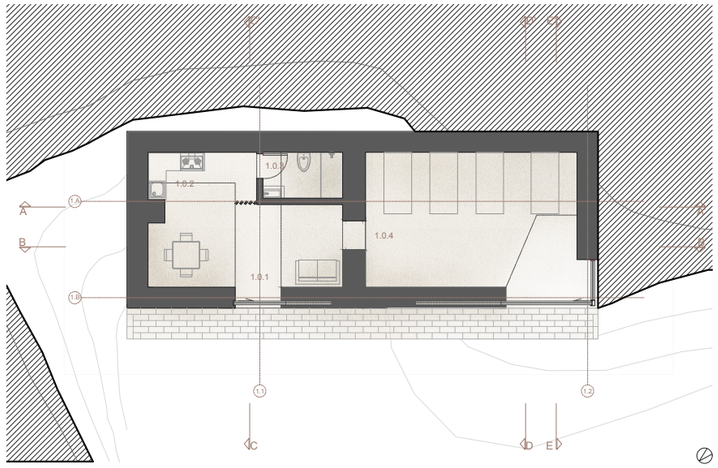
Projeto Final de Mestrado | Julho.2018

PERCURSO PELA MEMÓRIA DE VILA DO BISPO
Desenho de ligação entre Paisagem, Património Construído, Arqueologia Terrestre e Aquática

07.

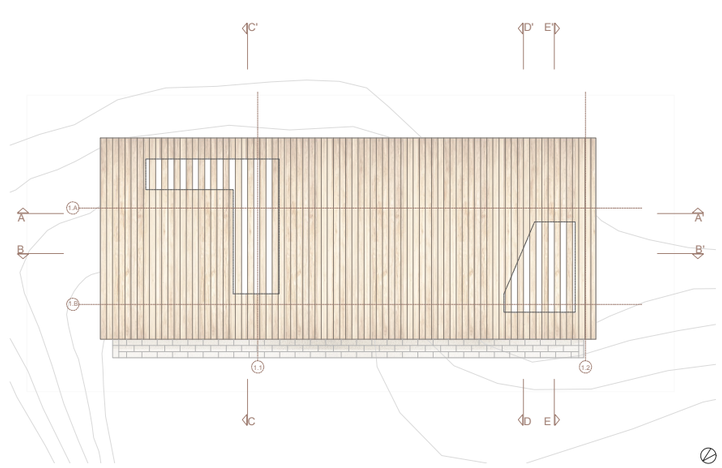


Abrigo A - Planta Amarelos/Vermelhos
Escala 1:200

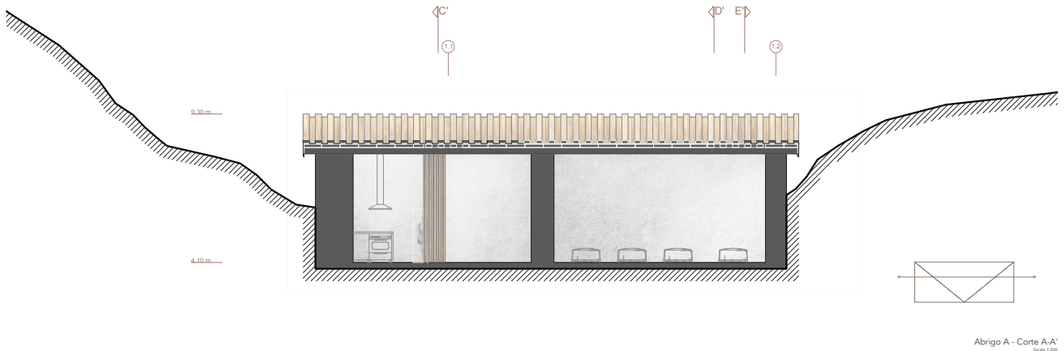


Abrigo A - Planta Piso 0
Escala 1:200

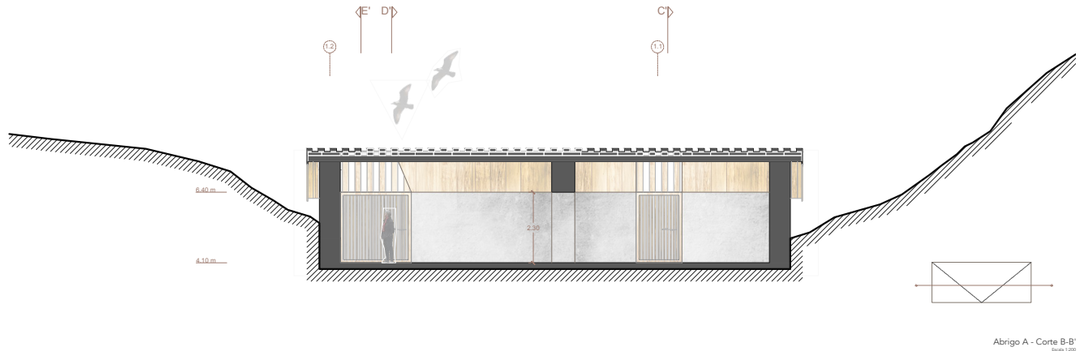
1.0.1 Área Comum 1.0.2 Kitchenette 1.0.3 Instalações Sanitárias 1.0.4 Área de dormir



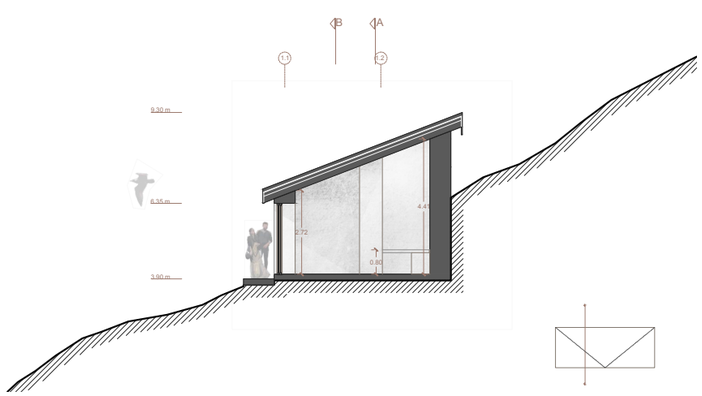
Abrigo A - Planta Cobertura
Escala 1:200



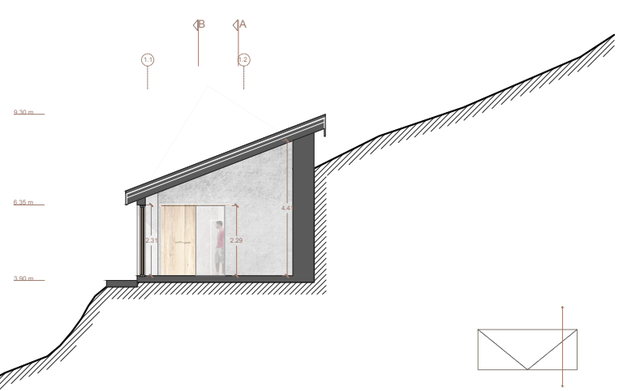
Abrigo A - Corte A-A'
Escala 1:200



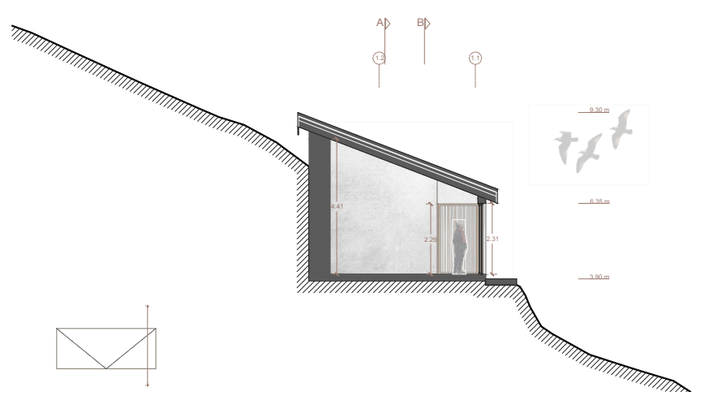
Abrigo A - Corte B-B'
Escala 1:200



Abrigo A - Corte C-C'
Escala 1:200



Abrigo A - Corte D-D'
Escala 1:200



Abrigo A - Corte E-E'
Escala 1:200

MIARQINT&REAB
FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

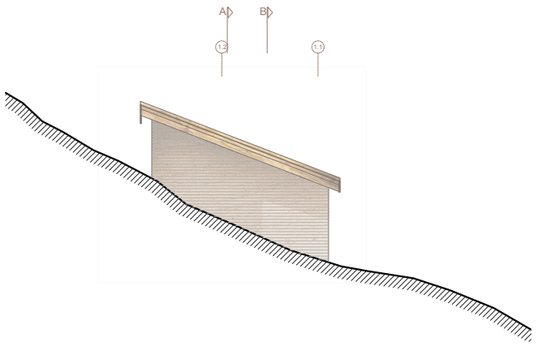
ORIENTADORES: Prof. Dulce Loução
Prof. Jorge Rivera
Arqueo. Ricardo Soares

Raquel Rodrigues Cravinho | 20151565

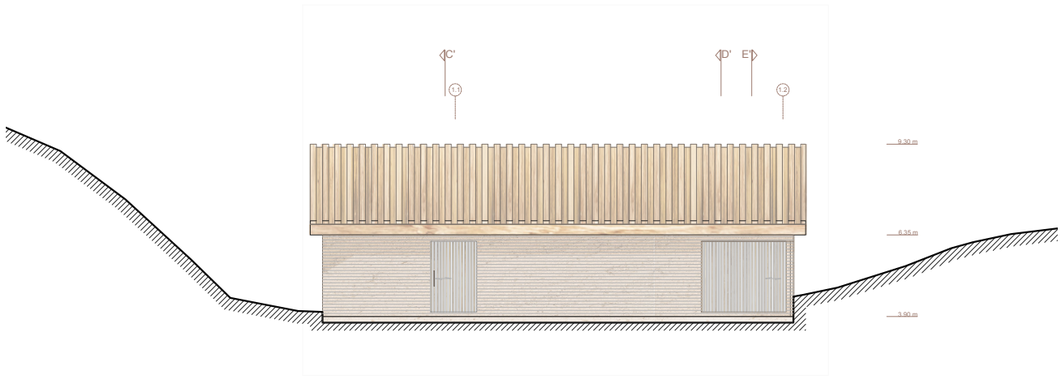
Projeto Final de Mestrado | Julho.2018

PERCURSO PELA MEMÓRIA DE VILA DO BISPO
Desenho de ligação entre Paisagem, Património Construído,
Arqueologia Terrestre e Aquática

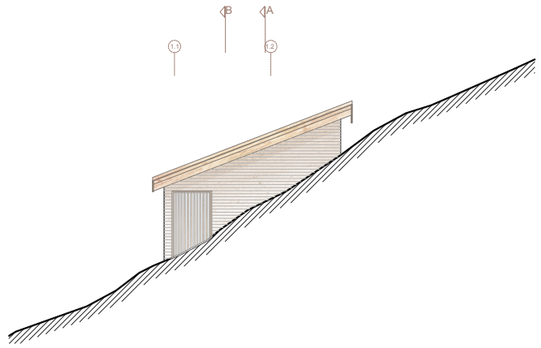
08.



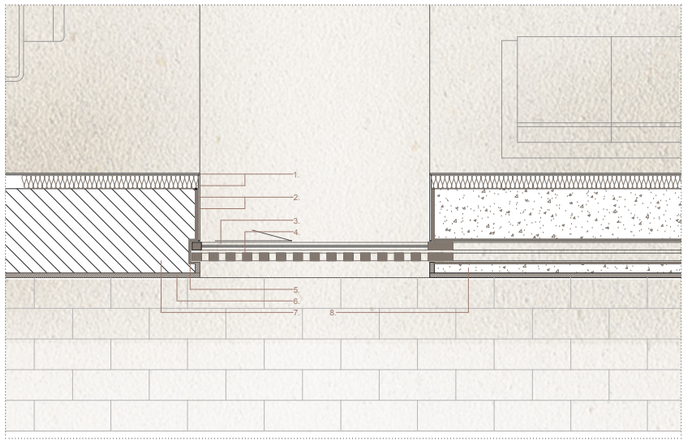
Abrigo A - Alçado Norte
Escala 1:200



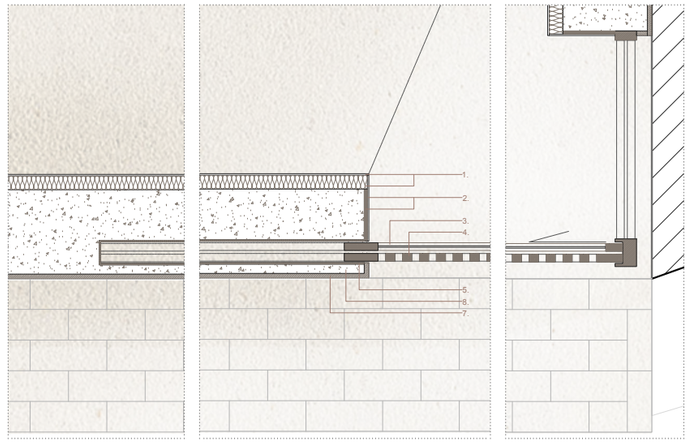
Abrigo A - Alçado Oeste
Escala 1:200



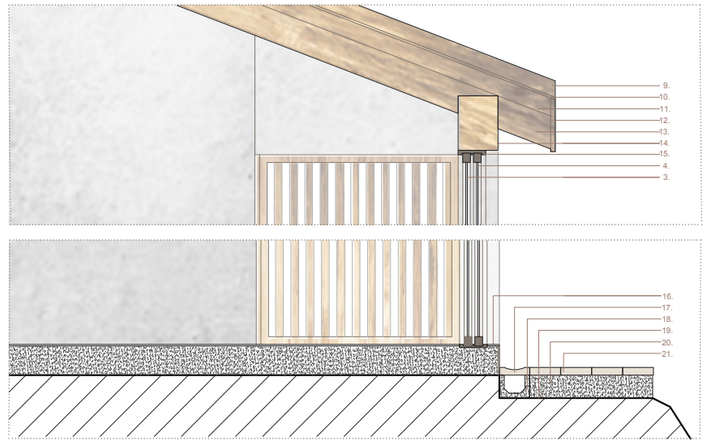
Abrigo A - Alçado Sul
Escala 1:200



Detalhe Construtivo - D.C. 01
Escala 1:40



Detalhe Construtivo - D.C. 02
Escala 1:40



Detalhe Construtivo - D.C. 03
Escala 1:40

1. Placa de gesso cartonado com isolamento ICB do tipo GYPCORK® - E=72,5mm 2. Placa de gesso cartonado com isolamento ICB do tipo GYPCORK® - E=32,5mm 3.Porta de correr em Vidro com muldura de madeira 4. Sistema de sombreamento de correr em madeira 5. Perfil metálico em "U" 6. Revestimento em pedra calcária tipo Moca Crem - SOLANCIS®e, com acabamento Riscado 7. Parede em alvenaria de pedra ordinária existente 8.Parede em alvenaria de tijolo 9. Ripado de madeira com tratamento tipo Thermo-D® - secção 0,20mx0,10m 10. Policarbonato compacto - 2050mmx1250mmx15mm 11. Ripado de madeira com tratamento tipo Thermo-D® - secção 0,20mx0,10m 12. Testeira em madeiracom tratamento tipo Thermo-D® - secção 0,3x0,02m 13. Painel Sandwish de madeira para coberturas do tipo JULAR® 14. Viga de madeira lamelada - Secção= 0,25mx0,35m 15. Ferragens de suporte 16. Pavimento em pedra calcária tipo Moca Crem - SOLANCIS®, com acabamento Areado 17. Sumidouro em pedra calcária tipo Moca Creme - SOLANCIS® -acabamento areado 18. Caleira técnica em betão simples 19.Tela Pitonada 20. Enchimento em betão simples 21. Pavimento em pedra calcária tipo Moca Creme- SOLANCIS®, com acabamento Areado

Abrigo A - Área de Estar/Entrada
Sem Escala

Abrigo A - Área de Dormir
Sem Escala

Abrigo A - Área de Dormir
Sem Escala

MIARQINT&REAB
FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

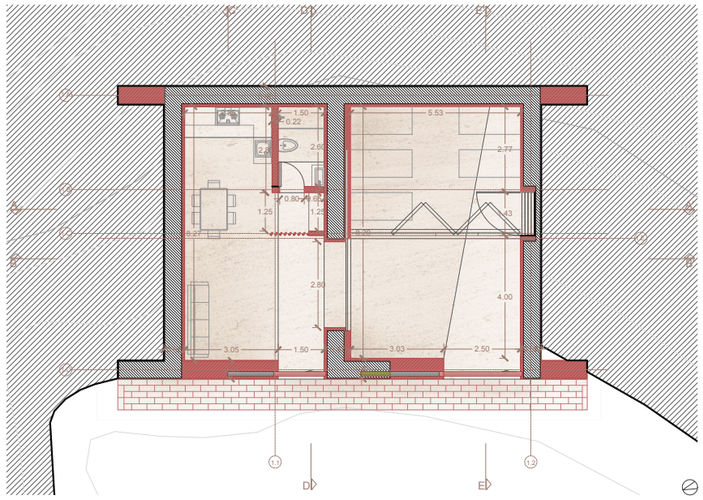
ORIENTADORES: Prof. Dulce Loução
Prof. Jorge Rivera
Arqueo. Ricardo Soares

Raquel Rodrigues Cravinho | 20151565

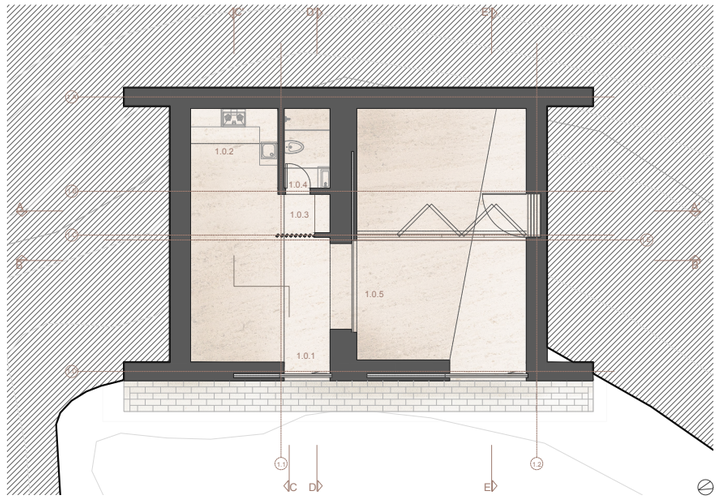
Projeto Final de Mestrado | Julho.2018

PERCURSO PELA MEMÓRIA DE VILA DO BISPO
Desenho de ligação entre Paisagem, Património Construído, Arqueologia Terrestre e Aquática

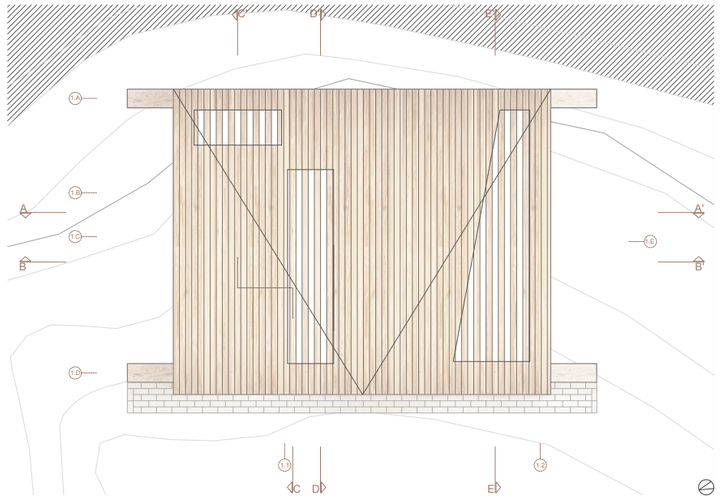
09.



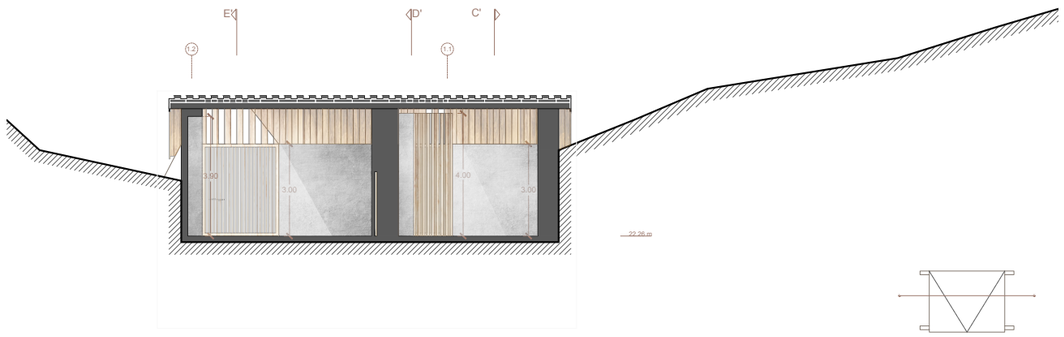
Abrigo B - Planta Amarelos/Vermelhos
Escala 1:200



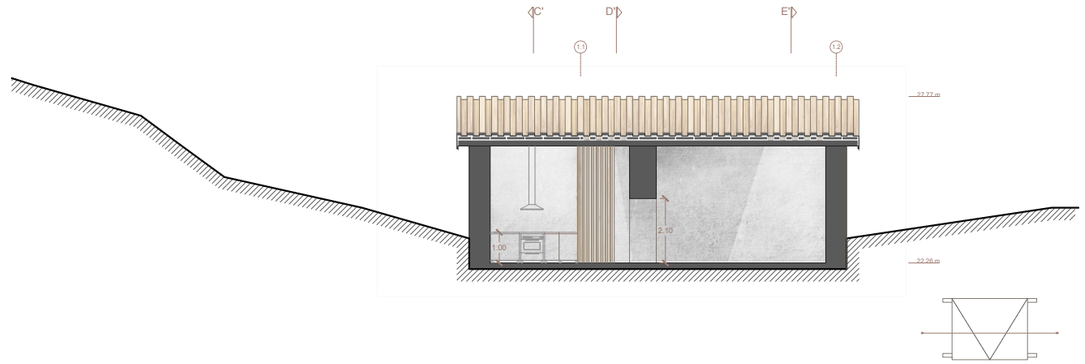
Abrigo B - Planta Piso 0
Escala 1:200
1.0.1 Área Comum 1.0.2 Kitchenette 1.0.3 Área de arrumação 1.0.4 Instalações Sanitárias 1.0.5 Área de dormir



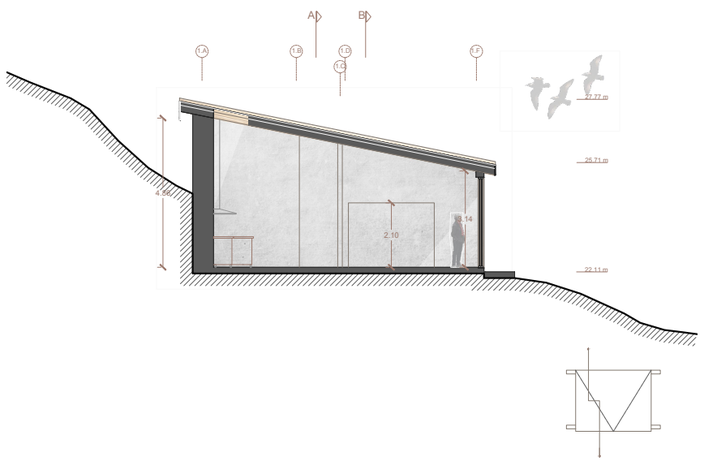
Abrigo B - Planta Cobertura
Escala 1:200



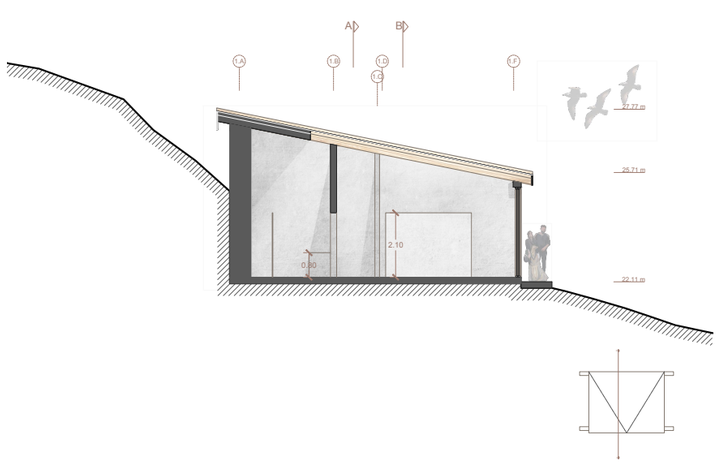
Abrigo B - Corte A-A'
Escala 1:200



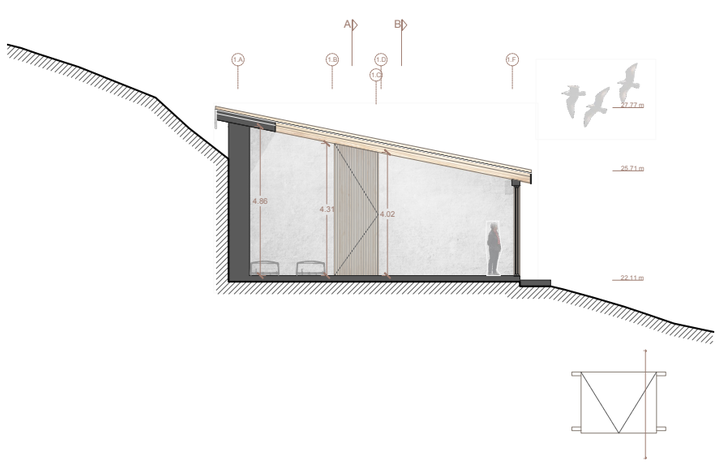
Abrigo B - Corte B-B'
Escala 1:200



Abrigo B - Corte C-C'
Escala 1:200



Abrigo B - Corte D-D'
Escala 1:200



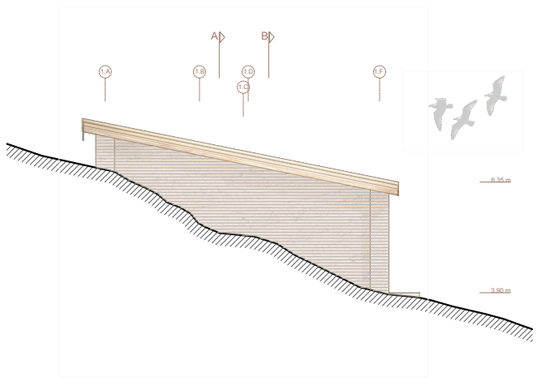
Abrigo B - Corte E-E'
Escala 1:200

MIARQINT&REAB
FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

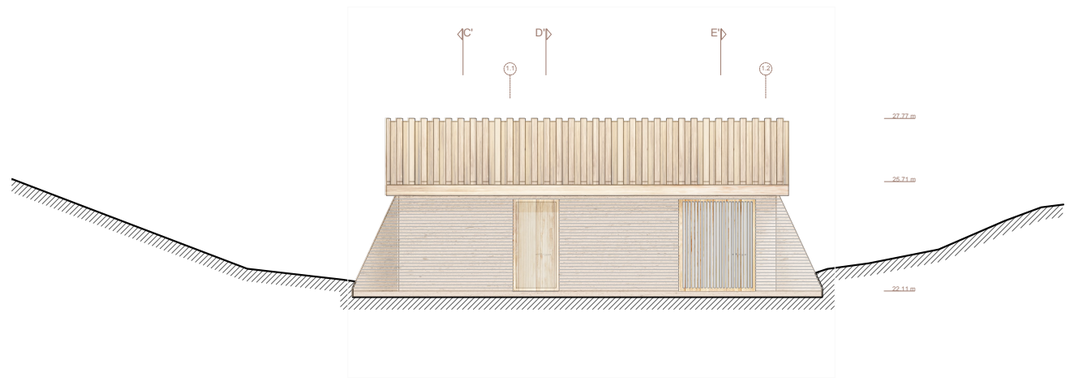
ORIENTADORES: Prof. Dulce Loução
Prof. Jorge Rivera
Arqueo. Ricardo Soares

Projeto Final de Mestrado | Julho 2018 Raquel Rodrigues Cravinho | 20151565

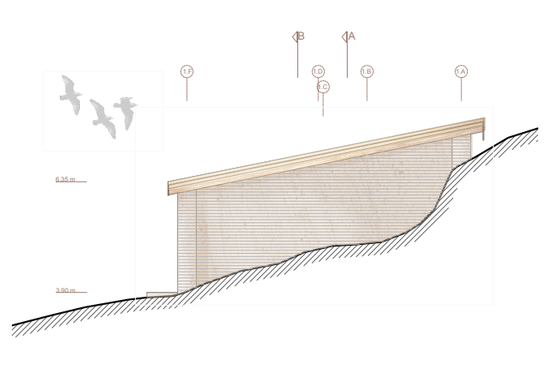
PERCURSO PELA MEMÓRIA DE VILA DO BISPO
Desenho de ligação entre Paisagem, Património Construído, Arqueologia Terrestre e Aquática



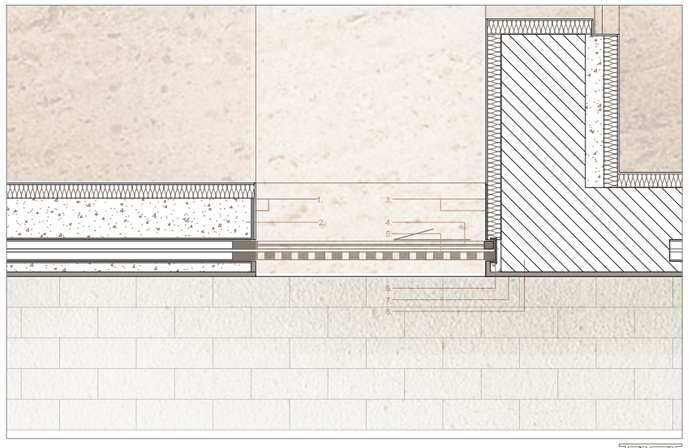
Abrigo B - Alçado Norte
Escala 1:200



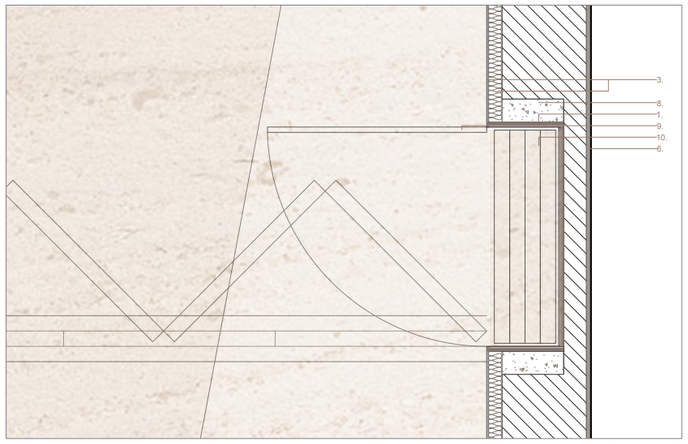
Abrigo B - Alçado Oeste
Escala 1:200



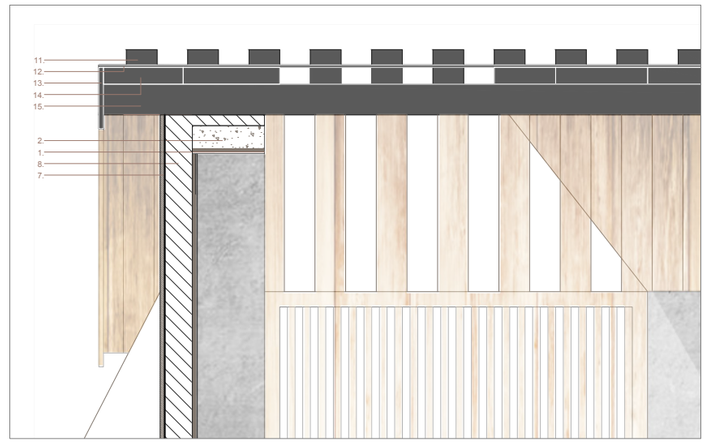
Abrigo B - Alçado Sul
Escala 1:200



Detalhe Construtivo - D.C. 01
Escala 1:20



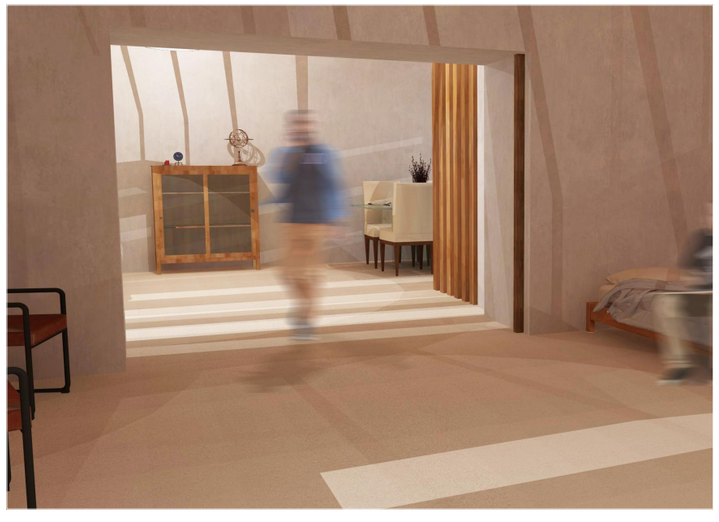
Detalhe Construtivo - D.C. 02
Escala 1:40



Detalhe Construtivo - D.C. 03
Escala 1:40

1. Placa de gesso cartonado com isolamento ICB do tipo GYPCORK® - E=32,5mm 2. Parede em alvenaria de tijolo 3. Placa de gesso cartonado com isolamento ICB do tipo GYPCORK® - E=72,5mm 4. Porta de correr em Vidro com moldura de madeira 5. Sistema de sombreamento de correr em madeira 6. Perfil metálico em "U" 7. Revestimento em pedra calcária tipo Moca Crem - SOLANCIS®le, com acabamento Riscado 8. Parede em alvenaria de pedra ordinária existente 9. Porta em ripado de madeira 11. Ripado de madeira com tratamento tipo Thermo-D® - secção 0,20mx0,10m 12. Policarbonato compacto - 2050mmx1250mmx15mm 13. Painel Sandwish 14. Texteira em madeiracom tratamento tipo Thermo-D® - secção 0,3x0,02m 15. Viga de madeira lamelada - Secção= 0,25mx0,35m

Abrigo A - Área de Estar/Entrada
Sem Escala



Abrigo A - Área de Dormir
Sem Escala

Abrigo A - Área de Dormir
Sem Escala

MIARQINT&REAB
FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

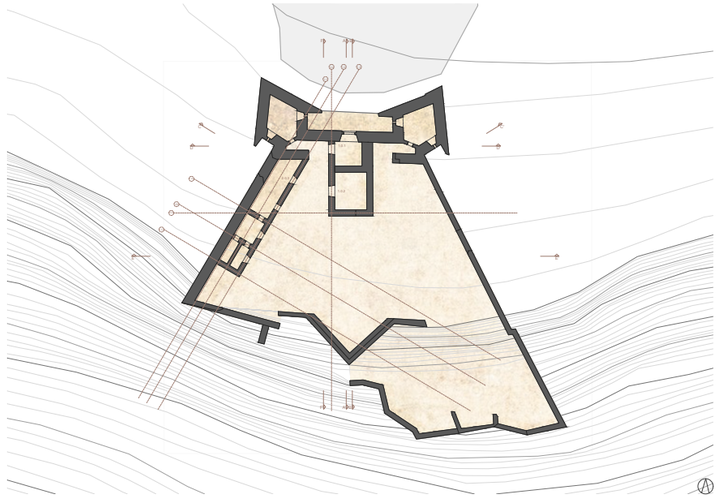
ORIENTADORES: Prof. Dulce Loução
Prof. Jorge Rivera
Arqueo. Ricardo Soares

Raquel Rodrigues Cravinho | 20151565

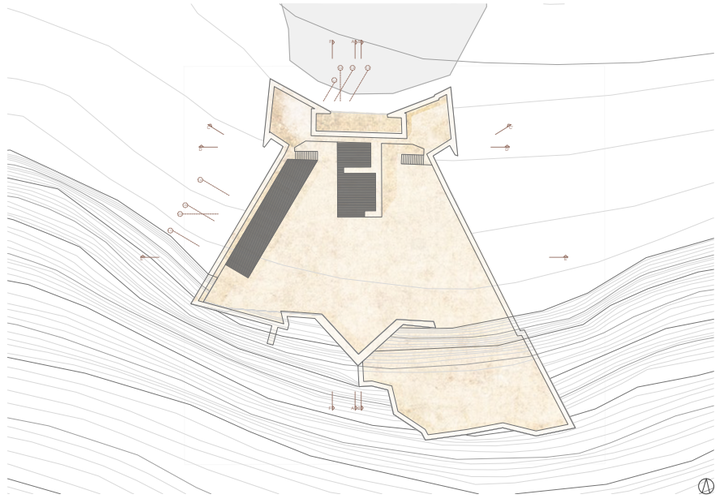
Projeto Final de Mestrado | Julho.2018

PERCURSO PELA MEMÓRIA DE VILA DO BISPO
Desenho de ligação entre Paisagem, Património Construído, Arqueologia Terrestre e Aquática

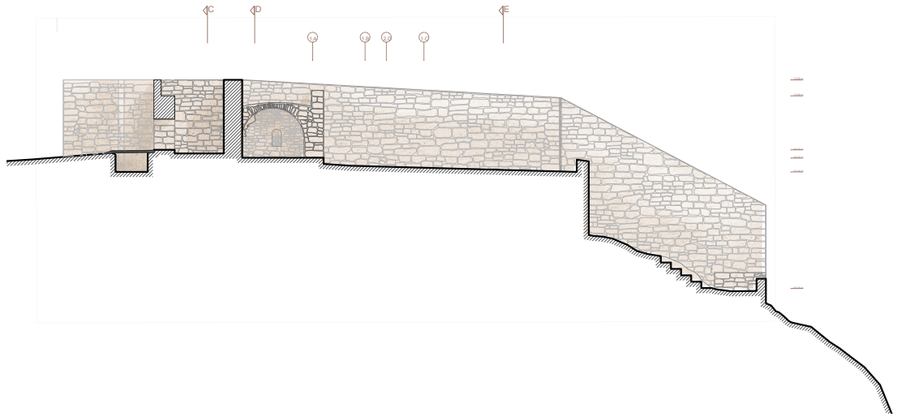
Forte de São Luís de Almadena - Planta Amarelos/Vermelhos
Escala 1:1000



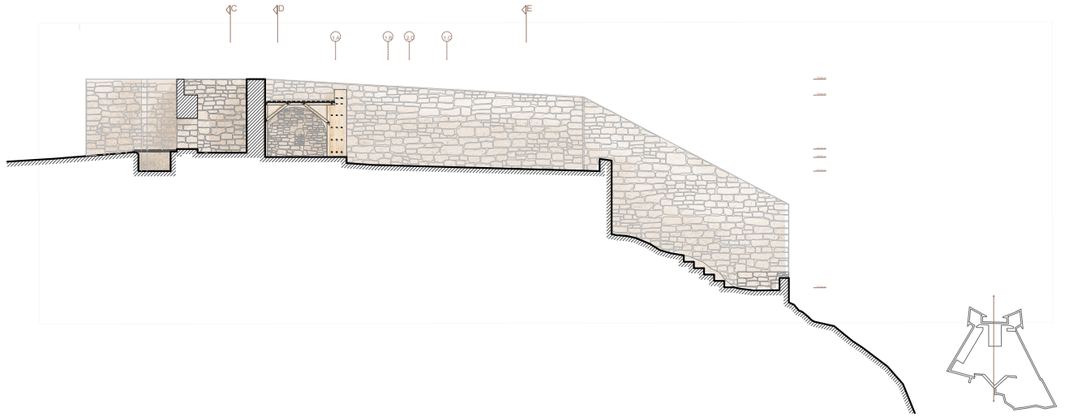
Forte de São Luís de Almadena - Planta Piso 0
Escala 1:1000
1.0.1 Mucheta - Área de Acesso 1.0.2 Ermida 2.0.3 Centro Interpretativo



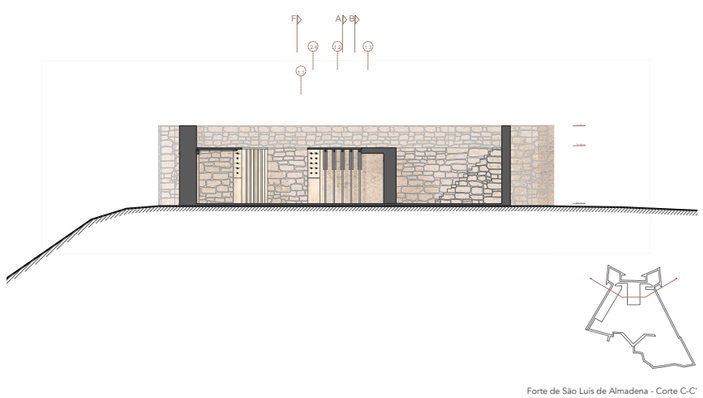
Forte de São Luís de Almadena - Planta Cobertura
Escala 1:1000



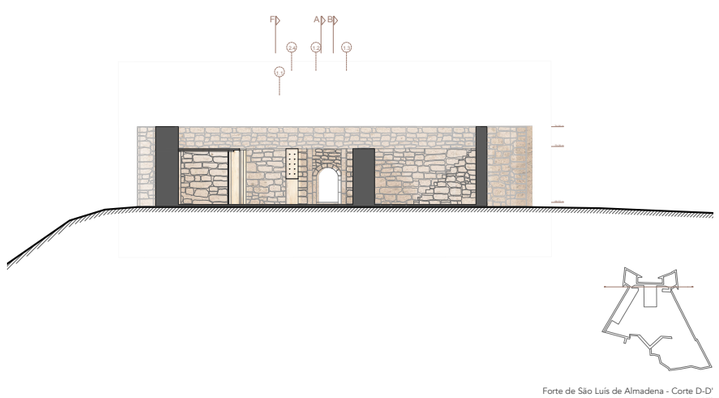
Forte de São Luís de Almadena - Corte A-A'
Escala 1:500



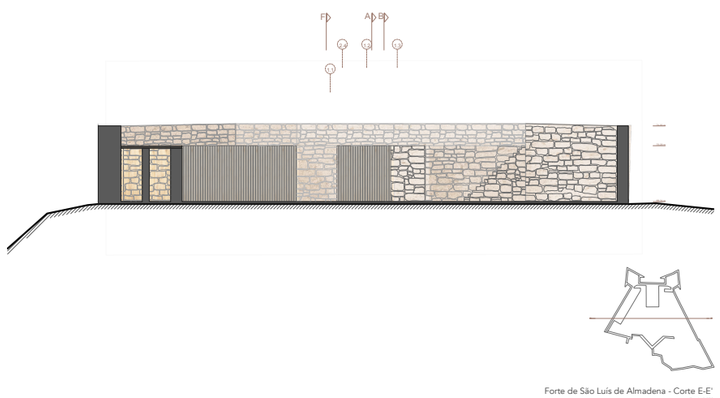
Forte de São Luís de Almadena - Corte B-B'
Escala 1:500



Forte de São Luís de Almadena - Corte C-C'
Escala 1:500



Forte de São Luís de Almadena - Corte D-D'
Escala 1:500



Forte de São Luís de Almadena - Corte E-E'
Escala 1:500

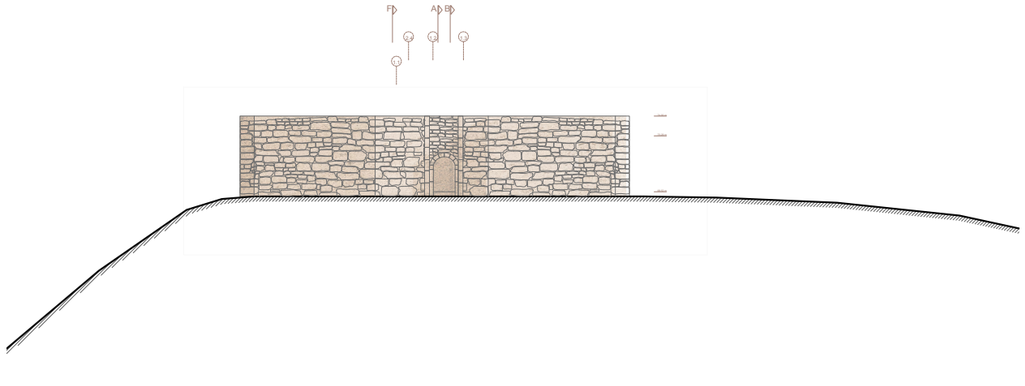
MIARQINT&REAB
FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

ORIENTADORES: Prof. Dulce Loução
Prof. Jorge Rivera
Arqueo. Ricardo Soares

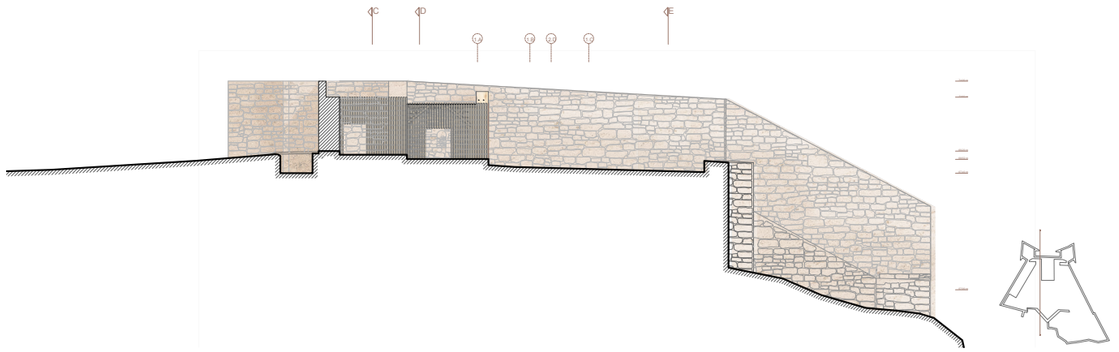
Raquel Rodrigues Cravinho | 20151565

Projeto Final de Mestrado | Julho.2018

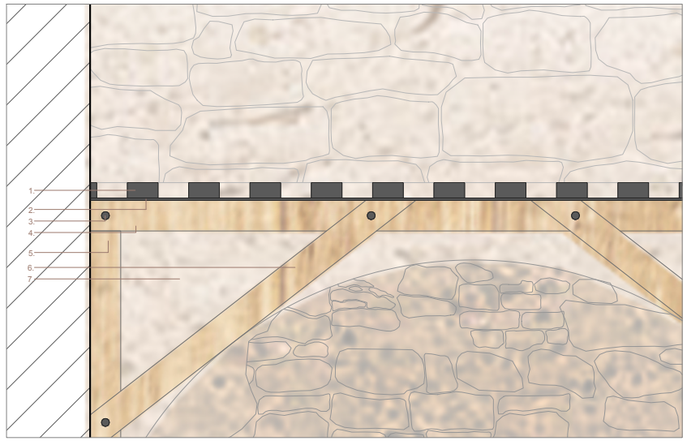
PERCURSO PELA MEMÓRIA DE VILA DO BISPO
Desenho de ligação entre Paisagem, Património Construído, Arqueologia Terrestre e Aquática



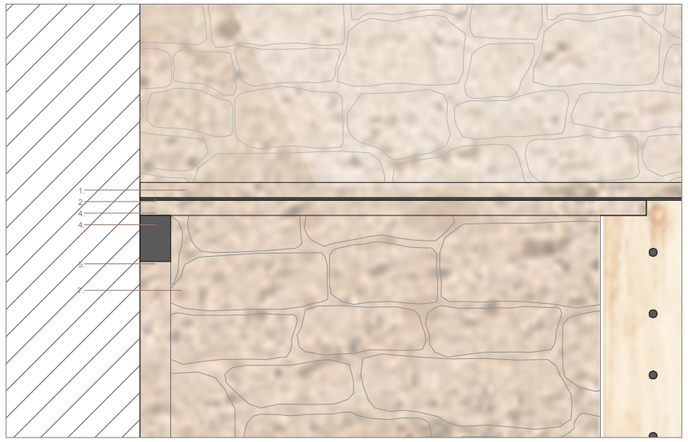
Forte de São Luís de Almadena - Alçado Norte
Escala 1:500



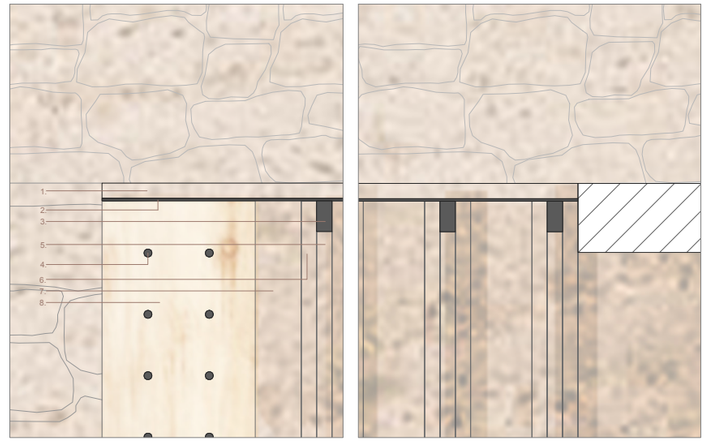
Forte de São Luís de Almadena - Corte/Alçado Poente
Escala 1:500



Detalhe Construtivo - D.C. 01
Escala 1:40

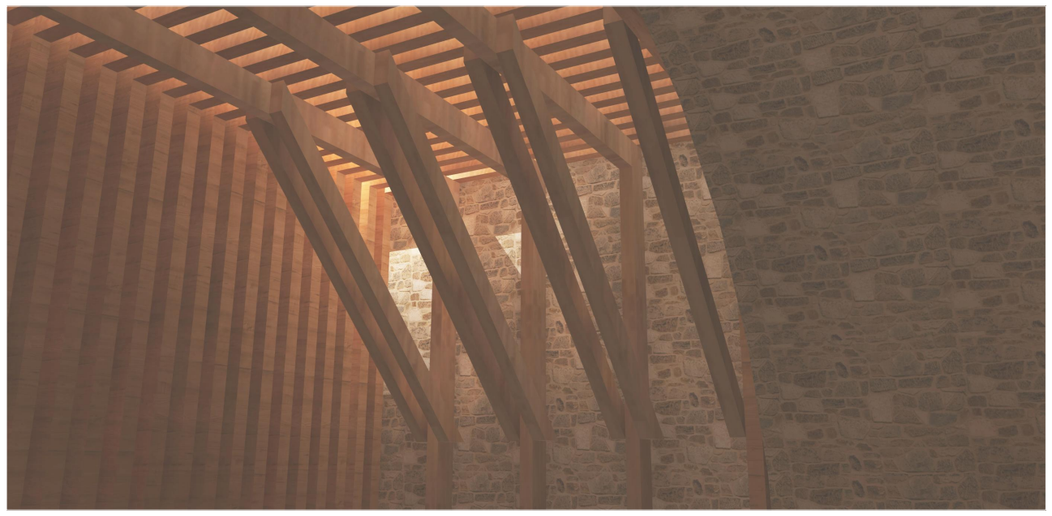


Detalhe Construtivo - D.C. 02
Escala 1:40

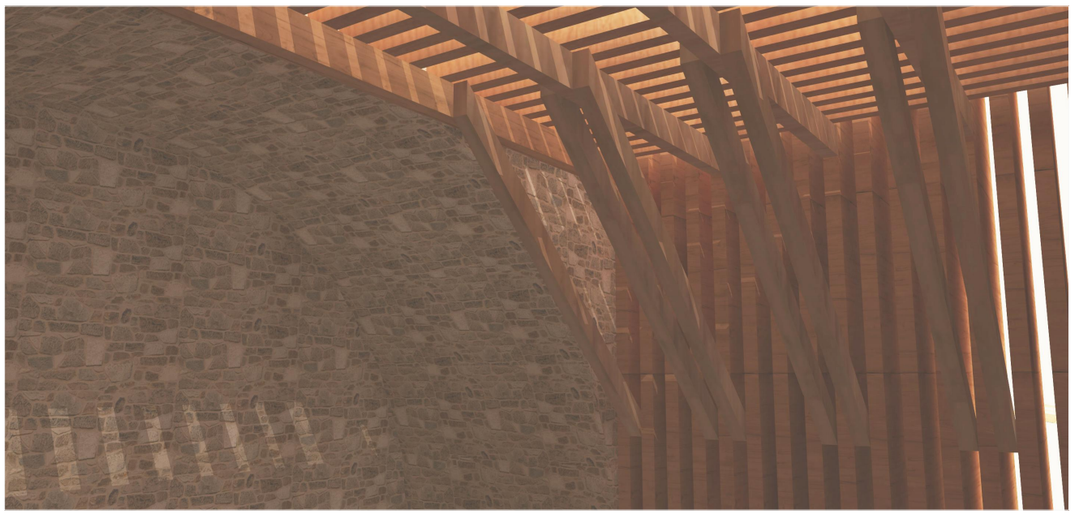


Detalhe Construtivo - D.C. 03
Escala 1:40

4. Ripado de madeira com tratamento tipo Thermo-DIB - Secção 0,20mx0,10m 2. Policarbonato compacto - 2050mmx1250mmx15mm 7. Parede em alvenaria de pedra ordinária existente 3. Ferragens de fixação 4. Viga de madeira lamelada - Secção= 0,1mx0,1m 5. Pilar de madeira lamelada - Secção= 0,1mx0,2m 6. Escora de madeira lamelada - Secção 0,1mx0,2m 7. Parede de alvenaria de pedra ordinária existente - com tratamento de resina de conservação epoxy 8. Madeira lamelada com tratamento tipo Thermo-DIB - secção 0,1mx1,0m



Forte de São Luís de Almadena - Capela
Sem Escala



Forte de São Luís de Almadena - Capela
Sem Escala

MIARQINT&REAB
FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

ORIENTADORES: Prof. Dulce Loução
Prof. Jorge Rivera
Arqueo. Ricardo Soares

Raquel Rodrigues Cravinho | 20151565

Projeto Final de Mestrado | Julho.2018

PERCURSO PELA MEMÓRIA DE VILA DO BISPO
Desenho de ligação entre Paisagem, Património Construído, Arqueologia Terrestre e Aquática

ANEXO 02 – ELEMENTOS DE APRESENTAÇÃO

B. | VÍDEO SOBRE O LOCAL DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

https://www.youtube.com/watch?v=UOLq2EAnmjA&t=10s

ANEXO 02 – ELEMENTOS DE APRESENTAÇÃO

C. | FOTOGRAFIAS DA MAQUETE FINAL

Escala 1:25000